

**DAISY BIZZOCHI DE LACERDA ABREU**

**O IMAGINÁRIO E O EMOCIONAL NOS  
FUNDAMENTOS HISTÓRICOS  
PAULISTAS (SÉCULOS XVI E XVII)**

**Orientador:**

**Prof. Dr. José Jobson de Andrade Arruda**

**Tese apresentada ao Departamento de História  
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da  
Universidade de São Paulo, para obtenção do Grau de Doutor  
em História.**

**1990**

## AGRADECIMENTOS

A apresentação dos nomes de todos aqueles que me auxiliaram neste trabalho com demonstrações de solidariedade e amizade é extremamente longa. Assim, unicamente lembrarei alguns nomes, permanecendo uma imensa gratidão aos amigos, colegas e professores que ouviram com paciência e solicitude os meus planos sobre a História de São Paulo em seus primeiros séculos.

Assim, meu pensamento reconhecido ao Prof. Dr. José Jobson de Andrade Arruda. Foi um privilégio ter recebido seu apoio e sua orientação. Um especial agradecimento a Profa. Dra. Vera Lúcia Amaral Ferlini, cujas sugestões valiosas permitiram alcançar os meus objetivos. Com muito carinho recordo a Profa. Dra. Myriam Ellis, em cujos cursos de Pós-Graduação aprendi a valorizar o rigorismo necessário à pesquisa documental e a importância dos textos na interpretação da História, agradeço ao seu particular interesse em acompanhar as minhas pesquisas. Agradeço a Profa. Dra. Laima Mesgravis a orientação que recebi em minha dissertação de mestrado. Muitas direções que

posteriormente seguiu, tiveram como ponto inicial as minhas preocupações com a distribuição de terras na Vila de São Paulo. E ao Prof. Dr. José Ferreira Carrato, meu antigo orientador, agradeço os seus ensinamentos, nunca esquecidos.

Uma palavra agradecida: a Solange Maria da Costa, ao Ermelino Romeu Ferreira dos Santos e ao Júlio Guimarães Ferreira Neto pela atenção e solidariedade.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1 - OS POVOADORES: Os limites da Tipologia....	08
A - Atitudes religiosas: contradições e ambivalências.....	10
B - Tentativas de decodificação: a presença de Castela.....	32
CAPÍTULO 2 - PERSONAGENS EM ROTAÇÃO.....	44
A - O Governador Geral em terras de Piratininga.....	46
B - Crises Antigas.....	54
C - Jogo de espelhos.....	89

CAPÍTULO 3 - A PERMANÊNCIA DO MITO.....	103
A - Desafios.....	105
B - Tensões.....	130
CAPÍTULO 4 - O UNIVERSO FRAGMENTADO.....	152
A - Isolamento. Os aventureiros. Um fundo emocional.....	154
B - O imaginário: modelos, contrastes e desequilíbrios.....	175
C - A morte: em nome de Deus.....	235
CONCLUSÃO.....	253
FONTES.....	258
BIBLIOGRAFIA.....	269

## **INTRODUÇÃO**

O exame da volumosa documentação vinculada à Vila de São Paulo, formada por coleções referentes aos testamentos e inventários, à petições de terras, às reuniões da Câmara ou aos mais diversificados requerimentos e declarações processuais, surpreende o historiador, que, diante da quantidade prodigiosa de textos, pensa ter encontrado um campo de investigação promissor e fascinante.

Entretanto, a apreensão das representações mentais ou das imagens guardadas no fundo das consciências, representando o cerne de meus estudos, encontrou além de rupturas e silêncios e a ausência de séries contínuas, o hermetismo monótono da linguagem notarial e as linhas de pesquisa iniciais, transformaram-se em novas direções de análise, muito mais profundas e complexas.

Assim, pretendendo através do exame de todas as manifestações da vida material e das atitudes coletivas, alcançar a identificação dos homens que procuraram o planalto de Piratininga para a sedimentação de um núcleo povoador, verifiquei que os textos submetidos à análises verticais e pacientemente inventariados, constituíam em sua

grande maioria, formulários, zelosamente conservados e copiados. Adensando as dificuldades da pesquisa, se os textos coletados fossem colocados lado a lado de documentos portugueses emitidos em condições iguais de produção, não haveria diferenças notáveis. Nesse aspecto, caso fossem detectadas algumas distinções, as diferenças regionais do pequeno território português, as explicariam. Na verdade, meus antigos estudos sobre a distribuição de terras na Vila de São Paulo demonstraram que as maiores dificuldades se prendiam aos contrastes das regiões portuguesas, da Estremadura e Alentejo ao Algarve, que infletiam na redação dos textos pertinentes. A própria Lei de D. Fernando, tinha sua interpretação oscilante e subordinada às origens do doador.

Por vezes, a anomia encontrada nos textos, e a discontinuidade, ainda que abalem profundamente as análises, têm suas raízes, nas diversificações regionais portuguesas. Outrossim, o emprego de expressões, as atitudes religiosas, a interpretação da legislação a rudeza ou o aprimoramento de maneiras, podem refletir as origens

diferenciadas e impedindo a homogeneização dos dados, ocasionam erros e enganos.

Em decorrência, um pormenor deve ser mencionado: Os textos encontrados na documentação, pertinentes à linguagem notarial lusitana ~~é~~ refletem a terminologia das Ordenações. A comparação de um documento português com um texto pertencente à São Paulo, em virtude da grafia e dos termos similares, pode confundir a pesquisa: "E que semtijs por grande probeyto e honrra dessa villa por quanto muytas cousas dajficadas se aprobeytauam de dauam de semasrias a muytas pessoas o que era muyto nosso seruiço e prol proueyto dessa villa e honrra della e que aynda se aproueytariam muyto mays e mjhor ao diante se hy ouuesse pessoas que dello carrego teuensse pera as dar"<sup>1</sup>

Na verdade, as minhas propostas advindas provavelmente de uma ambição desmedida, haviam encontrado uma grandiosa resistência, naqueles mesmos documentos,<sup>1</sup> que em uma primeira visão, apresentavam atributos associados à nitidês e à transparência. Na ausência de obras literárias,

1- Carta do Conselho da Vila de Pena Macor, datada de 20 de fevereiro de 149, Virginia Rau, in *Sesmarias medievais portuguesas*, Lisboa, Editorial Presença Lda., 1982, p.246.

de biografias, de epitáfios ou de aforismos, como presentir o medo ou a dor, que deveriam estar presentes nos momentos daquele que ditava as suas últimas palavras, através de formulários copiados pachorrentamente pelos escrivãos?

Percebi em consequência, que os extensos arrolamentos de dados que eu havia efetuado, que os arquivos elaborados com as catalogações de expressões, de listagens de apetrechos os mais diferenciados, de relações de peças de vestuário, de enumerações classificatórias de indígenas - forros, "rudes", escravizados ou de nomes de devedores; só poderiam ser operacionalizados, se fossem colocados em análises vinculadas às antigas estruturas ibéricas ou da Europa Ocidental. O universo mental dos povoadores, as atitudes religiosas, as crises existenciais ou tensões sociais, o emprego da terminologia, só seriam suscetíveis à análises integradas a formas arcaicas ou não, da civilização europeia. A minha atenção havia se dirigido para uma história de um ritmo lento; uma história com oscilações breves, rápidas e nervosas<sup>2</sup>. Todo o meu discurso e as minhas

2- Braudel, Fernand - La Méditerranée et le Monde méditerranéen à l'époque de Philippe II. Vol. 1, 2<sup>a</sup> ed. Paris Librairie Armand Colin, 1966, tome I, p.16.

análises encontravam-se definitivamente vinculados à longa duração.

Procurando nas antigas estruturas, os tempos de crises, organizei uma releitura da produção literária da Europa Ocidental, particularmente a relacionada à Ibéria, e quanto mais aumentavam as dimensões de meus estudos, mais próximos da Europa, conforme as minhas análises, estavam os povoadores da Vila de São Paulo. E as antigas propostas de trabalho, direcionadas para a edificação das formas mentais dos povoadores, para a reconstituição de um mental coletivo, não se diluíram, mas tiveram seus limites reduzidos. Em face das estruturas da Europa Ocidental e da própria densidade do mundo ibérico, o maior bloqueio residiu na extrema necessidade de filtrar todos os dados inventariados e submetê-los à uma clivagem, por sua vez dividida por critérios distintos, porque havia uma constante ameaça às posições conclusivas: diante da similaridade dos componentes, elas poderiam ser dirigidas indiferentemente à uma aldeia portuguesa, como por exemplo, Riba de Vizela, Penafiel ou à freguesia de Sanfins da Várzea, como também à Amiens, capital de uma província francesa.

Com os pressupostos decorrentes das proposições que foram desenvolvidas, a idéia de uma história global ou totalizante teve que ser abandonada e os movimentos, os retrocessos, as idas e vindas, que deveriam estar intimamente ligados ao imaginário e às emoções antigas, tornaram-se as constantes preocupações de meu trabalho. De Fernão Lopes a Camões, de Alexandre Herculano a Eça de Queiroz, até encontrar Quevedo ou Cervantes, havia transcorrido um longo tempo. Mas, ao que tudo indicava, por vezes, eu havia conseguido alguns clichês ou esquemas de pensar, alguns resíduos do imaginário e do emocional, temas basilares de minha tese.

Tendo como pressuposto a existência de um fundo emocional comum a todos os povoadores, tentei a construção de um painel, que por todas as razões expostas, não poderia ser completo. Ele contém uma longa trajetória que se inicia com um breve discurso que é verdadeiramente um questionamento sobre a religiosidade dos povoadores, excessivamente banalisada por alguns estudiosos e que teve como objetivo alicerçar o conhecimento do comportamento religioso dos povoadores e termina com a "pompa funeral",

isto é, o ritual que se organizou no planalto relativo à morte. Dos primeiros tempos da Vila de São Paulo, até o final do século XVII, dentro dos limites estreitos do imaginário e do emocional, apresentei de acordo com as possibilidades oferecidas pela documentação, as atitudes dos povoadores diante do indígena, diante do poder e diante deles mesmos.

Minhas pesquisas se fundamentaram nas coleções formadas pelos Inventários e Testamentos, pelas Atas e Registros da Câmara da Vila de São Paulo; pelas Cartas de Datas de Terra e Sesmarias. Os Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo e os Documentos Históricos da Biblioteca Nacional igualmente forma valiosos. Inventários e Testamentos não publicados forma consultados do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo.

## CAPÍTULO 1

### OS POVOADORES: Os limites da tipologia



**A - Atitudes religiosas: contradições e ambivalências**

Em um trabalho consagrado escrevia Taunay sobre Manuel Preto: "Era um homem de seu tempo e da América da conquista este Manuel Preto e a sua mentalidade lhe permitia este bifrontismo de caçador de índios e procurador devotado de uma abadia de São Bento<sup>1</sup>". O "bifrontismo" assinalado pelo historiador das Bandeiras em ótica diferente se alarga e alcança outras dimensões e compromete qualquer pretensão em relação a um conceito que pretenda colocar na personalidade dos povoadores de São Paulo valores anacrônicos. A falta de linearidade apresentada nos comportamentos dos homens que procuraram São Paulo, comprovada através da farta documentação, foi com certeza a maior dificuldade dos historiadores voltados em direção à análise dos comportamentos sócio-econômicos dos primeiros povoadores do planalto e deve ter dificultado suas argumentações, considerando serem eles mesmos eram representantes e defensores de uma história brilhante, que

1- Taunay, Affonso de E. - História Antiga da Abadia de São Paulo (1598-1772). São Paulo, Typographia Ideal H. L. Canton, 1927, p.46.

deveria refletir conscientemente ou de modo inverso, a idealização de suas realidades, de seus sonhos e de suas ilusões.

E com a elaboração de novos questionários, abordagens diferenciadas com dosagem igual de atenção a todas personagens e suas manifestações, - tendo em vista não ser em função de sua condição real que os homens regulam os seus comportamentos, mas da imagem que dela formam, - as minhas direções de pesquisa, tentaram um afastamento desses antigos pressupostos sobre heróis, poderosos e potentados<sup>2</sup>.

A historiografia tradicional sobre o período atribui a Manuel Preto, ponderável importância: pede sesmaria em de em relação à sua importância<sup>3</sup>: pede sesmaria em 1610 como morador de São Paulo, perto de terras de seu pai, Antonio Preto; é irmão de Inocencio Preto que "em muitas ocasiões acudindo com suas armas e gentio à sua custa

2- Duby, Georges, Jacques Le Goff et Pierre Nora (dir.) - "Histoire sociale et idéologie des sociétés". In Faire de l'histoire, Paris, éditions Gallimard, 1974, première partie, p.148.

3 -Cf. historiadores pioneiros como Taunay, Alfredo Ellis Jr. ou outros mais recentes como Sérgio Buarque de Holanda.

contra os rebeldes inimigos"; é parente do escrivão da Câmara e do vereador João Fernandes Saavedra<sup>4</sup>.

Seja como for, há indícios de Pedro Taques o fortalecedor da idéia que consagrou Manuel Preto como o intrépido companheiro de Antonio Raposo na expedição que destruiu as reduções jesuíticas do Guayrá, pelos anos de 1628 a 1632 e o padroeiro e fundador da capela de Nossa Senhora do ó<sup>5</sup>. O mesmo autor relata que D. Francisco Xarque de Andela no livro das vidas dos padres Simão Mazela e Francisco Dias Tanho, missionários da província do Paraguay, impresso em Pamplona no ano de 1687, ao mencionar Manuel Preto, utilizava palavras carregadas de ódio<sup>6</sup>.

Ao historiador atento as contradições aparecem e indicam a extrema necessidade de glorificar as origens paulista. Há, em geral recusa categórica em identificar o simples e o comum. Assim, enquanto Pedro Taques designa Manuel Preto como "fidalgo paulista", ele

4- Sesmarias. Publicação oficial do Arquivo do Estado de São Paulo. São Paulo, Typographia Piratininga, 1921, vol. 1, pp.121-304. Ver também Actas da Câmara da Villa de São Paulo, Publicação Official do Arquivo Municipal de São Paulo, 1914, vol. IV, p.350.

5- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. VI, p.473.

6- Paes Leme, Pedro Taques de Almeida - "Nobiliarquia Paulistana". Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. VII, p.14.

teria sido na verdade, filho de Antonio Preto, "português, vindo em 1583 para São Paulo, na armada de Diogo Flores de Valdés, onde tinha o ofício de carpinteiro e que faleceu em São Paulo entre 1600 e 1609"<sup>7</sup>.

E igual a tantos outros textos o testamento de Manuel Preto é preciso em relatar "os bens que se acharam", porém, totalmente omissos na revelação de atos de heroísmo e de coragem nos quais o povoador, inevitavelmente, teria estado envolvido<sup>8</sup>.

Lamentando a ausência nos velhos documentos paulistas, das perigosas e audaciosas aventuras dos sertanistas, valoriza Sérgio Buarque de Holanda os depoimentos dos jesuítas: "Os cronistas inacianos ensinam, porém, mais alguma coisa, fornecendo, sem querer, pormenores que bem podem dar idéia dos riscos a que se sujeitavam os aventureiros piratininganos. Assim é que em sua última incursão ao Guairá o grande caçador de índios foi vítima de

7- Franco, Francisco de Assis Carvalho - História das Minas de São Paulo. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1964, p.30.

8- Inventários e Testamentos. Publicação Oficial do Archivo do Estado de São Paulo. Papéis que perteceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital. São Paulo, Typographia Piratininga, 1921, vol. XI, pp.175-193.

uma onça traiçoeira, que o acutilou profundamente na cabeça e nos braços, com o que seus companheiros, atordoados, deixaram escapar o gentio prisioneiro<sup>9</sup>.

Quando D. Luís de Céspedes Xeria, fidalgo espanhol, nomeado capitão general do Paraguai, chegou a Santos no ano de 1628, para daí dirigir-se a Assunção, ainda que houvesse hostilidade da Câmara de São Paulo, o governador do Paraguai foi bem recebido pelos paulistas. "Certo é que o próprio capitão-mor, Álvaro Luís do Vale, autorizou que o capitão Manuel Preto, um dos maiores bandeirantes desse tempo, o acompanhasse e lhe servisse de guia, Tietê abaixo"<sup>10</sup>.

A religiosidade manifestada pelos povoadores de Piratininga através dos Testamentos e Inventários exige leituras e critérios diferentes de avaliação. É útil observar que em trabalhos sobre o povoamento da cidade de São Paulo, a existência da Capela de Nossa Senhora do Ó, constituiu sempre um referencial. Uma proposição que se

9- Holanda, Sérgio Buarque de - "Índios e Mamelucos na Expansão Paulista". Anais do Museu Paulista, tomo XIII, p.248.

10- Cortesão, Jaime - Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1958, pp.163-168.

impõe deve ser aquela que admite a força da repetição de uma atitude aparentemente religiosa, como provocadora da posição de historiadores vinculada ao valor espiritual dos homens de Piratininga<sup>11</sup>. Nesse aspecto, as nuances das motivações que impulsionaram o aparecimento de capelas e de santos nas origens urbanas do Brasil ainda não foram suficientemente esclarecidas e podem servir de argumento à condição de obrigatoriedade: "toda.....povoação de cem moradores para Sima Hey po que se chame vila... mas nam se chamara villa enquanto não tiver feyto mosteiro"<sup>12</sup>. O truísmo contido na exigência legal, diminui as veleidades quanto ao sentimento religioso encontrado no aparecimento de numerosas capelas e pede uma revisão de trabalhos que abordaram o tema. As palavras lúcidas de um geógrafo consagrado são esclarecedoras: "São muitos os textos contando que fulano fêz doação de um terreno e do capital necessário para a construção de uma capela e que uma cidade aumentou rapidamente em tórno da capela; mas, ao que me consta, nunca se procurou saber se motivos de ordem mais concreta não

11- Ricardo, Cassiano - Marcha para Deste (A influência da "Bandeira" na formação social e política do Brasil). 4ª ed. São Paulo, EDUSP, 1970, vol. 1, p.205

12- Porto, Costa - Estudo sobre o sistema sesmario. Recife, Imprensa Universitária, 1965, p.159.

inspiraram igualmente o doador, como por exemplo, a venda ulterior de terrenos assim valorizados, o desejo de ver constituir-se um pequeno núcleo de mão de obra; então, os motivos que determinam hoje a abertura de patrimônios não podiam existir já no período colonial?"<sup>13</sup>.

Enquanto a construção de capelas poderia estar condicionada à uma exigência da legislação, é útil refletir sobre a utilização da cruz. Nos pedidos de terras, a cruz indica a localização da propriedade, como em um registro de 1638:..." no rocio desta vila terra onde pudesse fazer sua lavoura indo pelo caminho de Nossa Senhora da Luz onde acaba a data que foi de Asenso Ribeiro a qual possui hoje Francisco Correa de Lemos até a cruz que está em dito caminho até o caminho de Piratininga junto a lagoa..."<sup>14</sup>. Ou então:..." assentando marco em hua pedra branca que vezinhava ao caminho onde se fizera hua cruz..."<sup>15</sup>.

13- MONBEIG, Pierre - "O estudo geográfico das cidades", Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. LXXIII, jan. 1941, pp.5-38.

14- Cartas de Datas de Terra. Publicação da Sub-Divisão de Documentação Histórica. Prefeitura do Município de São Paulo, São Paulo, Departamento de Cultura, 1937, vol. 11, pp.121-122.

15- Sesmarias, op. cit., vol. 111, p.121.

Em decorrência de uma leitura exaustiva da documentação, o valor religioso, procurado através de comportamentos dos moradores, tende a diluir-se. Tudo parece indicar que a Capela de Nossa Senhora do O', erguida por Manuel Preto, possuía uma função vinculada à diferentes estratégias.

Convém acrescentar que estudos recentes sobre as origens dos centros de peregrinação reforçam sobremaneira a predominância dos interesses materiais em contraposição aos religiosos, em relação aos locais escolhidos para os seus erguimentos<sup>16</sup>. Documentos medievais comprovam o aparecimento de santuários em locais onde havia antigos cultos profanos e atuavam como pólos de atração de núcleos populacionais<sup>17</sup>. As conclusões de Mattoso, neste caso, são oportunas: "Assim, os mosteiros e igrejas desempenham uma importante função de articuladores da ordem social, não só no plano mental, elaborando e coordenando os símbolos, mitos e formulações teóricas que apresentam o

16- França, Maria Cecília - "Perspectives d'évolution des ville-sanctuaires au Brésil L'exemple d'Iguape. Extrait des Archives de Sciences Sociales des Religions, n° 47/1, Paris, Imp. Priester, 1979, p.82.

17- Mattoso, José - Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325, 2ª ed., Lisboa, Editorial Estampa, 1985, vol. 1, p.288.

mundo sob forma ordenada e compreensível, mas também no plano existencial, organizando ritos e festas que respondem a pulsões colectivas conscientes ou inconscientes, reabsorvem tensões e restauram a ordem, mesmo quando parecem subvertê-la"<sup>18</sup>.

Encontra-se, assim, na construção de capelas um componente que estaria ligado ao papel de agente unificador de um conjunto diferenciado de comunidades religiosas desiguais e que poderia favorecer a conscientização de seus interesses, modos de expressão, crenças e manifestações culturais<sup>19</sup>. De modo usual encontram-se referências textuais à existência de agrupamentos indígenas nos lugares escolhidos para a construção de igrejas ou capelas e a Abadia de São Bento se ergueu "onde se assentara a taba do velho Tibyricá, o glorioso índio que realizara a aproximação euramericana e permittira o surto da civilização no planalto, salvando São Paulo da aggressão tamoya de 1562"<sup>20</sup>. Um pensamento comum a

18- Mattoso, José - Op. cit., pp.203-204.

19- Mattoso, José - Op. cit., p.290.

20- Taunay, Affonso de E. - Op. cit., p.24.

vários autores está relacionado à vinculação da construção da capela de Nossa Senhora do Ó a um componente estratégico e nesse caso estaria inserida em uma linha de defesa da vila de São Paulo<sup>21</sup>.

O cargo de Manuel Preto - Procurador da Abadia de São Bento - embora ao investigador possa parecer opaco ou não merecedor de um exame atento, aponta direções de pesquisa que exigem, análise vertical, dimensionada pela obra de Georges Duby. Com efeito, o autor, ao examinar as modificações de um tecido social, a reconheceu o aparecimento de um outro grupo, que apresentava características próprias ou distintas e que por sua vez dividia-se em grupos com interesses distintos: "Agora muito numerosos, com peso demais para que se continuasse a confundí-los com os trabalhadores rústicos, havia que colocá-los à parte, arranjar-lhes um lugar nas grelhas imaginárias pelas quais o espírito procura reduzir ao inteligível a diversidade das condições sociais. Onde

21- Pereira, Baptista - "A cidade de Anchieta". Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. XXIII, maio de 1936, pp.3-123.

colocá-los? Que palavra encontrar para qualificar tal gente"??.

O envolvimento de Manuel Preto com os beneditinos, evidenciado pelo cargo que ocupou em relação à Abadia, revela, ao examinar-se os dados encontrados na documentação, uma longa série de contradições, assim consideradas em relação à visão do historiador. É um aspecto que, em se tratando do sentimento religioso, deve ser rigorosamente dimensionado em uma tentativa que visa excluir o anacronismo da posição do pesquisador. Recebeu Manuel Preto a Procuradoria da Abadia do Frei Mauro Teixeira, no século Simão Luiz. Afirma-se que Simão Luiz havia nascido na vila de São Vicente, em 1552 e era filho de Antonio Luiz e de Catarina Teixeira e que foi enviado a São Paulo como emissário político de D. Francisco de Sousa, em 1598.

Na história da ordem Beneditina em São Paulo há notícias que emprestam não só a Simão Luiz notável importância, como também ao seu pai, Antonio Luiz. Este, habitualmente acompanhava os jesuítas em suas viagens por

22- Duby, Georges - As três ordens ou o Imaginário do Feudalismo. Lisboa, Editorial Estampa, 1982, p.237.

terra e mar e permaneceu em companhia de Anchieta como refém dos tamoios em Ubatuba<sup>23</sup>. Conforme a crônica beneditina, Simão Luiz ou Frei Mauro Teixeira teria viajado antes de vir à vila de São Paulo, com o antigo comandante do Forte de Monteserrate da Bahia, Diogo Gonçalves Laço, que veio "no descobrimento das minas de ouro e prata e mais metais em serviço de SM e que..."<sup>24</sup>. E em decorrência, tendo feito parte da comitiva do Capitão Diogo Gonçalves Lasso (sic), a presença de Simão Luiz na vila de São Paulo coincidiu com a de um grupo de mineiros que atenderam ao chamado do Governador D. Francisco de Sousa<sup>25</sup>.

Sobre Manuel Preto diz um documento: "...que fosse o padre frei Thome ao descobrimento das pedras de Ieconhaigeibira se tornou acordar por sertos respeitos que o dito padre não fosse descobrir o dito descobrimento ne o dito Manoel Preto até nova orde de Salv. Correa de Sá per se evotar inconvenientes que se podião soceder nesta

23- Nigra, D. Clemente da Silva - "A Ordem Beneditina na cidade de São Paulo". ASBA - Anuário da Associação de Antigos Alunos do Colégio de São Bento, São Paulo, 1962, pp.73-88.

24- Cartas de Datas de Terra, op. cit., vol.1, p.129.

25- Maffei, Lucy de Abreu e Nogueira, Arlinda Rocha - O ouro na Capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII. Separata do Tomo XX, Anais do Museu Paulista, p.20.

capitania"<sup>26</sup>. O documento tem a data de 1619 e denuncia um religioso em companhia de Manuel Preto.

A presença de um padre ou de um religioso sinalizaria transformações sociais, se a análise se detivesse em uma "realidade" da época, isto é, sendo companheiro de Manuel Preto, poderia haver a conjugação de duas ou mais atividades, como por exemplo, a mineração e o apresamento do indígena. Todavia, a coleta de dados as vezes é nada mais do que uma armadilha e o aparecimento de um religioso em atividades "incoerentes" com o credo cristão pode não ser uma camuflagem. Indicaria uma personagem a esconder sob o hábito, outras intenções.

Nesse caso, torna-se necessário questionar a própria cristalização da civilização cristã. "Quer se recorra à fonte escrita ou à pesquisa oral, decifrar o silêncio supõe um trabalho de reconstrução em negativo ou em filigrana..."<sup>27</sup>. Assim, ao religioso estavam abertas todas as atividades, não havia um campo de ação restrito à sua condição. Em outro aspecto, o número de

26- Atas da Camara da Vila de São Paulo, vol. XI, p.41.

27- Vovelle, Michel - Ideologias e Mentalidades. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987, p.184.

cristãos novos nos quadros religiosos era acentuado, porque o acesso a eles, respeitando alguns limites não lhes era vedado.<sup>28</sup>

A documentação testemunha uma situação de anomia... que os padres somente doutrinam e não dominem"...<sup>29</sup>. Os moradores diante da identidade de aspirações em relação ao indígena protestam:... "agora se introduzia pelo dito gentio hu rumor que não conhesião senão aos padres por seus superiores e os ditos padres dizendo pcamente que as ditas aldeas herão suas e que erão paga de suas cabeça..."<sup>30</sup>. Difícil é nesta avaliação voltada para a situação do religioso, o estabelecimento de um marco, de um ponto de partida. Trata-se de um mundo inexplorado. Com muita fluidez surgem algumas certezas, delineiam-se permanências<sup>31</sup>.

28- Salvador, José Gonçalves - Cristãos-novos Jesuítas e Inquisição (Aspectos de sua atuação nas capitanias do Sul, 1530-1680). São Paulo, EDUSP, 1969, pp.7-9.

29- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, op. cit., vol. II, p.294.

30- Id., ib. pp.314-315.

31- Dupront, Aphonse - "Problèmes et méthodes d'une histoire de la psychologie collective", Annales, E. S. C., n° 16, jan., 1961, pp.3-11. Nesse estudo, basilar para a história das mentalidades, Dupront propõe as direções das pesquisas e o caráter da metodologia exigido. Particularmente, a seguinte proposição constitui uma das linhas de raciocínio do professor francês: "Tout le donné historique, quelque forme qu'il prenne, est matière de l'histoire de la psychologie collective; mais chaque élément de ce donné n'est pour elle que matière brute, qu'il faut traiter, c'est-à-dire analyser et situer. Qu'il s'agisse d'événements, d'idées, d'ouvres d'art, de telle ou telle forme politique ou économique, de dépêches diplomatiques, de textes purement littéraires,

Ao findar o século XVII, encontram-se em um documento louvores aos "Padres da Comp.a," e críticas aos religiosos do Carmo, de Santo Antonio e de São Bento, por não viverem "tão ajustados como devem". Mas, segundo a referida documentação, os religiosos que não dão bons exemplos são castigados "mettendoos em carceres, e degradandoos, dando-lhes aquelles castigos ocultos que merecia a grauidade das suas Culpas..."<sup>32</sup>. Da mesma época há uma acusação grave a um beneditino e a um padre: o crime de cunhos falsos<sup>33</sup>.

Uma exclamação de um Capitão-General já na segunda metade do século XVII deve ser utilizada como corolário: "O Frade nam me fallou, nem eu gasto tempo com semelhante gente"<sup>34</sup>.

*l'historien de la psychologie collective les étudie pour découvrir - au sens vrai expliquer - le besoin, l'attitude, le comportement, l'idéal collectif, ou les mécanismes mentaux qu'ils expriment. Le donné historique est, dans le temps de l'histoire, expression; l'histoire de la psychologie collective n'a de sens que dans l'étude de ce que l'expression exprime".*

- 32- Carta de Arthur de Sá e Menezes ao Rei, dando-lhe conta do modo de vida dos religiosos das Ordens Regulares e dos da Sociedade de Jesus, 29 de maio de 1698, in Documentos relativos ao "Bandeirismo" paulista e questões connexas, no período de 1664 a 1700 - peças históricas todas existentes no Archivo Nacional, e copiadas coordenadas e anotadas de ordem do Governo do Estado de São Paulo por Basilio de Magalhães, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 2ª ed., São Paulo, Imp. Oficial do Estado, 1942, vol. XVIII, pp.327-328.
- 33- Carta de Arthur de Sá e Menezes ao Rei, junho de 1698, op. cit., id., p.332.
- 34- Ofícios do General Martin Lopes Lobo de Saldanha, 1776-1777. In Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. LXXVI, p.139.

O discurso sobre a situação dos religiosos nos primeiros tempos dos povoadores de Piratininga, desenvolvido acima, foi evidentemente uma extrapolação que emergiu do binômio Manuel Preto - Procurador da Abadia de São Bento - e Manuel Preto - notável apresador do indígena - e não pretendeu o esvaziamento do tema. Se a leitura do documento exhibe invariavelmente uma crítica a um comportamento incompatível com a atividades inerente ao religioso, pode-se vislumbrar que essa atitude provém de um grupo social predisposto a acionar seus mecanismos de defesa quando sente seus interesses ameaçados. Até que ponto é a consciência religiosa um verdadeiro agente da ordem de toda coletividade?<sup>35</sup>

É forçoso admitir, acompanhando a leitura dos textos, que o religioso do século XVII que compartilha os vícios e freqüentemente as superstições da comunidade, continua apresentando igual comportamento no século XVIII<sup>36</sup>. Assim sendo, a longa série de Ordens Reais ou de Cartas

35- Julia, Dominique - "La religion Histoire religieuse". In Faire de l'histoire Nouvelles approches sous la direction de Jacques Le Goff et Pierre Nora, Paris, Gallimard, 1974, Deuxième Partie, pp.137-167.

36- Vovelle, Michel - Op. cit., pp.190-191.

enviadas ao Rei, é demonstrativa de uma reação governamental à uma situação tradicional, à permanência de uma forma mental. A Lei aspira a transformação do religioso na imagem consagrada pelo cristianismo, mas a sua intervenção é reveladora por si só, da existência da indisciplina e das transgressões<sup>37</sup>. O religioso ou as Ordens Religiosas passam a não usufruir privilégios e não são desejados nos locais de mineração. Assim a Carta do Governador da Capitania do Rio de Janeiro ao Rei, tem como objetivo a comunicação dos obstáculos colocados pelos padres da Companhia de Jesus e também pelos religiosos do Carmo e de São Bento, à continuação da abertura do caminho entre São Paulo e o Rio de Janeiro<sup>38</sup>. Em uma Ordem Real de 1711, lê-se: "...pagarem Dizimos como se fossem possuidas por Seculares e faltando-se a isso se deverem por devolutas... Hey por bem que as nam possam possuir sem licença minha<sup>39</sup>. Na Carta Régia de 1705 afirma-se: "Por ser conveniente ao serviço de Deus e meu, que nas Minas não assistam Religiozos de nenhua Provincia Me pareceo ordernavos, que os não consintaes nos destrictos

37- Id., ib., p.191.

38- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. L, p.171.

39- Id., vol. XVI, p.59.

dessas Minas, antes os lanceis fora; porque não servem de outra couza, mais que perturbar, e inquietar os seculares, em grande desserviço de Deos, e meu..." . E os documentos repetem: "ha Frades e estrangeiros nas minas..." <sup>41</sup>.

Em consagrado estudo sobre a marginalidade na região das Minas, os religiosos, aparecem entregues a todos os vícios e são relatadas transgressões de toda ordem. Há religiosos bêbados; jogadores, pederastas e violentos e "padres concubidados e apóstatas, que vagavam pelos matos cometendo desatinos"<sup>42</sup>. Guardando os limites da pesquisa, é certo admitir continuidade e comportamentos de religiosos, do planalto para a região de Minas?

A literatura portuguesa tendo como destacado fio condutor, figuras religiosas - de grande porte moral ou não -, comprova o profundo vínculo existente entre a força tradicional religiosa e os fiéis<sup>43</sup>. Sobre o acentuado número

40- Id., vol. LI, p.308.

41- Id., ib., p.434

42- Souza, Laura de Mello e - Desclassificados do ouro. A pobreza mineira no século XVIII. 2º ed. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1986, pp.175-177.

43- Serrão, Joaquim Verissimo - História de Portugal (1415-1495). Lisboa, Ed. Verbo, 1977, vol. II, p.309.

de frades, já se escreveu: "Pois, senhores, não sei que lhes faça; a culpa não é minha. Desde mil cento e tantos que começou Portugal, até mil oitocentos trinta e tantos que uns dizem que êles se restaurou, outros que o levou a breca, não sei que se passasse ou pudesse passar nesta terra coisa alguma pública ou particular, em que o frade não entrasse"<sup>44</sup>. E na descrição de uma procissão solene, as palavras são expressivas: "Como contraste a estas visualidades heteróclitas... seguiam-se as comunidades monásticas...: frades negros, frades brancos e pretos, frades crises, frades pardos, frades de todas as cores tristes; agostinhos, bentos, bernardos, dominicos, franciscanos, beguinos..."<sup>45</sup>.

Por outro lado, o exame das fontes que percorremos, permite a construção de uma linha de raciocínio que associa o comparecimento em grande número de elementos do clero em regiões auríferas, isto é, frades e padres estão invariavelmente presentes nos centros de mineração. Se nos

44- Garret, Frei Luís de Sousa - Viagens na minha terra. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1969, p.208.

45- Marques, A. H. de Oliveira - A Sociedade Medieval Portuguesa. 2ª ed. Lisboa, Livraria Sá da Costa Ed., 1971, p.163.

tempos medievais as escolas existiam em função do ensino direcionado aos clérigos, a sociedade passou a reconhecer como um apanágio do clero o domínio do saber<sup>46</sup>. Assim, face aos conhecimentos precários e às técnicas arcaicas, competia aos religiosos a elaboração de experiências reveladoras do valor das descobertas.

Na verdade, a procura do ouro, revelando a ausência de conhecimentos e as formas arcaicas da mineração, valorizou o mineiro, assim reconhecido desde que trouxesse a permanência no Perú como recomendação. A esse respeito há a notícia de um mineiro, "um dos maiores que houve no Perú" e que prometeu ensinar alguns portugueses. E também informa-se que "hum frangengo (sic) que havia estado no Perú por feito Mineiro, o qual tinha passado"<sup>47</sup>. Não é destituída de importância a ida de um emissário a Buenos Aires "com diferente pretexto" para ver se achava um mineiro, "e esta hera a unica esperança qe tinha não podendo vir myneiro de Portugal e os homes de São Paulo so suspirão por myneiro por

46- Id. ib., p.174.

47- Aviso do Secretário de Estado ao Governador do Rio de Janeiro em resposta a um pedido deste de pessoas habilitadas para o exame das minas do Brazil de 13 de janeiro de 1698, in Documentos relativos ao "Bandeirismo" paulista e questões connexas, no período de 1664 a 1700, peças históricas todas existentes no Archivo Nacional, e copiadas, coordenadas e annotadas de ordem do Governo do Estado de São Paulo por Basilio de Magalhães, op. cit., pp.306-307.

lhes faltar o conhecimento das pedras o que sempre ingnoraõ"<sup>48</sup>.

Quanto às formas de mineração, as técnicas eram precárias e o argumento utilizado para a valorização do metal encontrado tinham como base a confrontação com uma "lasca de pedra" vinda do Peru<sup>49</sup>. Por vezes, a própria autoridade procurava realizar a verificação, "por não auer quem soubesse examinar nem materiais para hisso. e della a sua uista, e dos officiaes, E de pessoas de autoridade e fededignas depois de estar alguns dias a dita pedra mohida em agoa com hum peuqeno de azougue por não saberem fazer outra cousa se uirão claramente as areas mesturadas com metal muito meudo que se podia aiuntar em grão, E auella que ficou no fundo de hum prato em que se lauou se botou em hum caudilho queimado ao fogo se Rezomiu e hum grão tamanho de húa perolla"...<sup>50</sup>.

48- Carta de Arthur de Sá e Menezes ao Rei, dando-lhe conta do mallogro da dilligencia de Francisco Moreira da Cruz, enviado a Buenos Aires em procura de um mineiro, de 27 de maio de 1698, op. cit., p.322.

49- Documentos copiados em Portugal pelo Sr. Alfredo Mendes de Gouveia, por solicitação do Sr. José Pedro Leite Cordeiro, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, op. cit., vol. XLIV, p.322.

50- Op. cit., id., p.324

**B - Tentativas de decodificação: a presença de  
Castela.**

*B - tentativas de decodificação: a presença de Castela*

Quando Basílio de Magalhães afirmou que, em 1694, as bandeiras de Bartholomeu Bueno de Siqueira e Salvador Fernandes Furtado de Mendonça marcaram "o verdadeiro início da nova expansão descobridora", transformando-se de "caçadora de índios em caçadora de ouro", sistematizou com extrema lucidez os objetivos dos homens do planalto<sup>51</sup>. O tempo longo que transcorreu - por mais de um século, desde os achados no Jaraguá, em Ibituruna, em Paranaguá, até chegar às minas gerais "dos Cataguás", assinala a permanência de uma forma mental antiga, a construtora de um arcabouço irradiador dos compromissos de todo um grupo social<sup>52</sup>. Quase se poderia falar nos inúmeros eldorados que daí se originaram, embora com a "tutela" aurífera, os do apresamento do indígena, os vinculados às minas de Potosi ou àqueles direcionados à exploração da terra fértil, "a procissão dos milagres há de

51- Magalhães, Basilio de - "O Bandeirismo no Brasil". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo LXXVII, Rio de Janeiro, 1914, parte 1, p.78.

52- Antonil, André João - Cultura e opulência do Brasil. Introdução e vocabulário por A. P. Canabrava, 2ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966, p.258.

continuar assim através de todo o período colonial, e não a interromperá a Independência, sequer, ou a República<sup>53</sup>.

Porém, se os objetivos dos povoadores foram identificados e analisados por autores consagrados, há muitas dúvidas e indagações sobre as suas origens. Seguindo esse pressuposto, a tentativa de decodificação do Inventário e Testamento de um povoador talvez consiga revelar alguns componentes expressivos. É provável que algumas ambigüidades desapareçam, contudo, por vezes aumentam as reticências e diminuem as certezas<sup>54</sup>.

Uma primeira leitura dos documentos relacionados a Martim Rodrigues Tenório provoca algumas considerações decorrentes da utilização da língua espanhola em alguns trechos<sup>55</sup>. Assim, encontram-se em língua espanhola:... "no que puede a la señora Suzana Rodrigues todos los mas de caza dará mis encomiendas...ndiada dará V.md. mis encomiendas...oi 8 de julio de 601 años. Serbidor

53- Holanda, Sérgio Buarque de - Visão do Paraíso. 2ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969, p.323.

54- Vovelle, Michel - Op. cit., p.119.

55- Inventários e Testamentos, op. cit., vol. 11, pp.5-76.

y amigo de V. md. Francisco...Quiere... de un cazamiento que V. md... de lo que no me abisar V. md. portanto no le dó credito mas cuyde V. md. primero en lo que...resto no lo digo sino por la oblicacion que tengo de le abisar y quando V. md. lo quizier... faça lo con persona que V. md. pue...mar. Recibio-se mi hijo...a 29 dias del mes de...de 1601 años y dias de... A nota da redação diz "Parece tratar-se de lembranças e rascunhos feitos por Martim Rodrigues nesta folha avulsa. Na mesma folha há ainda algumas linhas escriptas em hespanhol inintelligiveis e roídas pela traça"<sup>56</sup>. Em outra página encontram-se as palavras: "Este livro hize por quietud de mi memoria para por elo saber na verdad lo que debo, e o que me devem algunas cozas se pondran aqui que fueram trasladadas de otro libro y se alguna cuenta mas vieja que esta se alhar en otra parte no és certa ni della se hara cazo, y siendo caso que nuestro Señor hisiere alguna coza de mi lo que se aqui allare escrito se podrá creer sin ninguna duvida". Há novamente uma nota da redação afirmando: "Os primeiros assentamentos de todas as páginas estão escriptos em portuguez, com excellente orthographia; devem ser os que Martim Rodriguez

56- Op. cit., id., p.58.

diz que foram copiados de outro livro. Os restantes apontamentos estão tomados em hespanhol e vão aqui traduzidos"<sup>57</sup>. Lê-se em outra folha, um pequeno parágrafo em língua espanhola, entre outros trechos em português: "El enjeño del hierro começo a moler quinta fera a 16 de agosto de mil y quinientos y siete años al qual enjeño pusieron por nombre nuestra señora de agosto qués la asuncion bendita a 15 del dicho mes"<sup>58</sup>.

Na volumosa documentação pertinente a São Paulo, a língua espanhola surge de modo incomum e talvez seja essa a razão de não existir entre os estudiosos, questões que debatam em profundidade o tema. Nas petições de terra, há poucos exemplos, como as palavras do escrivão Belchior da Costa: "...embargo e mala voz que lhe a ello seja posto de hoje até o fim do mundo"...<sup>59</sup>. Também em uma petição de sesmaria há as palavras: "Doy al supplicante la media legua que en su peticion ase mension que uvo de Josepe Adorno y de nuebo se la co...asi de manera que la pide y

57- Id., ib., p.60. O grifo é meu.

58- Id., ib., p. 74.

59- Cartas de Datas de Terra, op. cit., vol. 1, p.67.

Diogo de Onhate escrivan de mi cargo le passará carta para que la gose..."<sup>60</sup>. Todavia, as observações da redação, assinaladas entre a documentação referente a Martim Rodrigues Tenório, abre um caminho diversificado da investigação: a análise das atitudes dos redatores em relação aos documentos<sup>61</sup>.

Em consequência do exposto acima, há uma abertura a questões que se desdobram e são instigantes. Em verdade, não temos séries completas na documentação sobre São Paulo, as rupturas são frequentes e os inventários e testamentos, atas de Câmara, petições de terras ou outros, foram encontrados "rendilhados", filigranados devido à ação do tempo e do trabalho ininterrupto de insetos devastadores. Assim, com essa linha de pensamento, se trechos em língua espanhola são encontráveis e se houve "traduções", as

60- Sesmarias, op. cit., vol. 1, p.62.

Outros exemplos: "Satisfaciendo al despacho de V. S. digo que Belchior Carnero fue a morir para buscar dexar remedio a sus hijos y no lo quedaron otros benes mas que estos servicios horros y pues V. S. és padre de guerfanos no permita queden de todo como quedaran quitandose los y dejandose los a su madre porque como se casar lo gozará quien no los gano y los guerfanos quedaran miserables pidiendo limosna y lo que yo se de la terra de muchos años que siempre a los guerfanos se le da parte de los sevicios como de los cautivos"; o testamento de Isabel Felix, ainda que truncado, foi redigido na língua espanhola. E Isabel de Proença, casada com Pedro de Miranda, deixava uma esmola a "hua pobre Castelhana por nome Madanella Urtis que está em Casa de Frco. Chaves de agillar...". V. respectivamente: Inventários e Testamentos, vol.11, pp. 164-165; vol. 1, pp.127-128 e vol. XXXVII, p.88.

61- Amaral, Antonio Barreto do - O Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo e a sua História. São Paulo, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1974.

ambiguidades tornam-se multidimensionais. Sendo a língua portuguesa a oficial, qual foi a totalidade de documentos traduzidos? Esse tipo de operação era tradicional? Qual a credencial do tradutor? Qual foi a proporção de povoadores de origem castelhana em São Paulo?

Excluindo discussões sobre a sua utilização e sentido, a catalogação da palavra "tamboladeira" encontrada nos documentos, objeto de brilhante e alentado estudo, pode ilustrar a influência castelhana<sup>62</sup>. As formas encontradas foram:

Tamboladeira - a grafia mais frequente<sup>63</sup>;  
 Tembladeira<sup>64</sup>;  
 Tamboladeria<sup>65</sup>;  
 Tenbladera<sup>66</sup>.

Para a forma tenbladera, obtém-se "vaso de metal: de temblar, porque siendo de hoja muy delgada parece

62- Etzel, Eduardo - "As tamboladeiras paulistas do século XVI". Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros, 1982, pp.15-31.

63- Inventários e Testamentos, op. cit., vol. 42, p.97.

64- Id., vol. 42, p.15.

65- Id., vol. XXVIII, p.199.

66- Id., vol. 44, p.250.

que tiembla. PUIGH BLUCH cree que es templadera, de templar, porque se llena de agua para templar el vino"<sup>67</sup>.

A conclusão alcançada com a formação de inventários de textos ou catálogo de palavras como o referente às tamboladeiras, está unida à idéia de uma nítida influência da língua castelhana na linguagem notarial. Entretanto, posições conclusivas impedem ou dificultam a elaboração do trabalho histórico porque são banalizadas e passam a fazer parte de um saber incontestável<sup>68</sup>. No exemplo "das tamboladeiras", além das influências castelhanas, as diferenças das formas detectadas podem atestar a existência de objetos distintos ou ainda causarem o deslocamento da pesquisa para questionamentos vinculados à linguística ou para as "boladeiras" desta vez envolvidas em um outro contexto<sup>69</sup>.

Em contrapartida, é certo que nos séculos XVI e XVII, todo português, mesmo com pouca cultura, lia correntemente o castelhano. Havia mesmo um bilinguismo que

67- Diccionario Etimológico de la lengua castellana Precedido de unos rudimentos de etimología con un prólogo del professor Avelino Herrero Mayor. Buenos Aires, Libreria "El Ateneo", 1941.

68- Veyne, Paul - Comment on écrit l'histoire suivi de Foucault révolutionne l'histoire. Paris, éd. du Seuil, 1971, p.144.

69- Catálogo da Exposição Histórico - Documental Luso Brasileira. Instituto de Investigação Científica Tropical Arquivo Histórico Ultramarino, p.31. Considerando as grafias diferentes da palavra e os textos interrompidos, as mais diversificadas hipóteses são permitidas.

desaparece com a Restauração, "... et les portugais n'écrivent plus en castillan"<sup>70</sup>. Vale a pena justapor que segundo Oliveira Marques, o mercador de panos português, "era capaz de ler cartas em francês, em castelhano ou aragonês e nos principais dialetos italianos"<sup>71</sup>. Confirmando o ilustre autor português, uma carta escrita por um comerciante de Lisboa em língua castelhana, revela o domínio do idioma. É datada de 1578: "...Salio daqui Su Alteza a 25 de junio, derecho a Lagos e all cabo de Sam Vicente e de alhi abia de tomar su rota-asta agora no se sabe pera domde ni como, que es un gram secreto y grande coza. Dizen..."<sup>72</sup>.

É possível fundamentar toda a argumentação sobre a influência espanhola presente na documentação e ao mesmo tempo não formando série contínuas, nas diferenças dialetais comuns em Portugal e que explicam existirem regiões com maior influências de origem árabe e outras que revelam forte relacionamento com a meseta castelhana<sup>73</sup>. E igualmente importa salientar que jograis e trovadores não conheciam fronteiras e circulavam por Galiza e Castela, e por Portugal e Leão, nos tempos medievais, levando as mesmas histórias e assim difundindo componentes linguísticos, ainda

70- Ricard, Robert - études sur l'histoire morale et religieuse du Portugal. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/ Centro Cultural Português, 1970, pp.15 e 214.

71- Marques, A. A. de Oliveira - Op. cit., pp.182-183.

72- Castro, Armando - Licções de História de Portugal. Lisboa, Editorial Caminho, 1983, p.190.

73- Mattoso, José - Op. cit., pp.44-45.

que o português e o castelhano tivessem as suas diferenças marcadas por razões políticas e econômicas<sup>74</sup>.

Em todo caso, a Espanha na época de Filipe II era na realidade um centro de irradiação cultural de extrema importância. De acordo com um testemunho da época, a França por exemplo, procurava no país vizinho os seus modelos e lições. Todo francês que se prezasse deveria falar com correção o espanhol e as conversações eram entremeadas de palavras espanholas, uma verdadeira moda que exigia a presença na França de professores espanhóis<sup>75</sup>. E justapondo, talvez não seja ingenuidade, guardando os limites devidos, julgar a importância da língua espanhola, como mais um esclarecimento sobre a sua adoção entre os povoadores da vila de São Paulo.

Entretanto, o conjunto de argumentos, que foi enumerado, torna-se relativamente opaco diante de um mundo ibérico, com uma expressão muito mais densa do que Portugal ou Espanha em perspectivas isoladas. Em um verso de Camões, encontra-se a Ibéria: "Vestido o Gama vem ao modo Hispano". O poeta referia-se à Península Ibérica e não à moda espanhola<sup>76</sup>.

As investigações de renomados historiadores têm destacado a acentuada presença de povoadores de origem

74- Id., vol. II, p.65.

75- Braudel, Fernand - La Méditerranée et le Monde Méditerranéen a l'époque de Philippe II. Sec. ed. Paris, Librairie Armand Colin, 1966, Tome 2, p.162.

76- Camões, Luís de - Os Lusíadas. 2ª ed., Porto, Porto Editora Lda. s.d., p.99.

espanhola no planalto. O período do Domínio Espanhol, na verdade, de acordo com os estudiosos justificaria o notável contingente castelhano em terras do planalto. Alfredo Ellis Junior, em um estudo pioneiro, apresenta uma listagem minuciosa dos povoadores de origem espanhola<sup>77</sup>. O ilustre professor indicando os lugares de origem desses povoadores considerando o território espanhol, enumera: Sevilla, Extremadura, Leão e Castela Velha e Martim Rodrigues Tenório, embora espanhol, de acordo com essa enumeração, não tem sua proveniência determinada<sup>78</sup>. A referida pesquisa coincide nesse particular, com um estudo sobre o México colonial e aí verifica-se que são mencionadas as serras da Extremadura, as terras altas de Leão e das Astúrias, particularmente as duas Castelas, como lugares de origem dos povoadores. Chevalier afirma que são regiões pobres e que sempre forneceram soldados<sup>79</sup>. Sobre Sevilha, conhecida como "poderosa Babilônia", o mesmo autor fala que era o lugar dos que procuravam por trabalho, serviço nas armas, ingressar em expedições ou tentar a sorte<sup>80</sup>. Em relação à pobreza da região de Castela um provérbio tradicional é sugestivo: "Se a andorinha atravassar Castela, é preciso que ela leve seu

77- Ellis Jr., Alfredo - Os primeiros troncos paulistas. 2º ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, Brasília, INL, 1976, pp.80-81.

78- Ellis Jr., Alfredo - Op. cit., p.81.

79- Chevalier, François - Land and Society in Colonial Mexico. The Great Hacienda, Translated by Alvin Eustins, Fourth Printing, California, University of California Press, 1972, p.24.

80- Chevalier, François - Op. cit., id.

grão com ela"<sup>81</sup>. E Sevilha era o centro polarizador de todas as atenções conforme o enunciado de Braudel: "Vers Séville, c'est la foule famélique des émigrants pour l'Amérique, misérables gentilshommes désireux de redorer leurs blasons, soldats en quête d'aventures, jeunes gens sans avoir que veulent bien faire, plus l'entière, écume de l'Espagne, voleurs marqués au fer rouge, bandits, vagabonds espérant trouver là-bas un métier lucratif, débiteurs anxieux d'échapper à leurs créanciers, époux fuyant leurs femmes querelleuses..."<sup>82</sup>. Todavia, se de forma concreta, Sevilha atraía uma multidão diversificada que procurava a América, lembrar que antes do Domínio Espanhol havia uma larga imigração portuguesa seguindo essa mesma direção, enriquece a pesquisa, mas bloqueia o aparecimento de posições definitivas<sup>83</sup>. Portanto, pensar que parte dos povoadores utilizava o idioma espanhol com elementos portugueses, parece ser uma verdade, e já foi afirmado que na Vila de São Paulo, falava-se um português acastelhanizado, ao lado da língua geral<sup>84</sup>.

Complementando, em termos, o que foi proposto, sem subestimar a importância do Domínio Espanhol para o aumento da população de origem castelhana no planalto, é

81- Braudel, Fernand - Op. cit., Tome 1, p.222.

82- Id., vol. 11, p.80.

83- Id., ib., p. 465.

84- Leite, Aureliano - A História de São Paulo em breve resumo chronologico. São Paulo, Livraria Martins, 1944. p.17.

útil verificar que, pelo menos em São Vicente, já havia espanhóis desde tempos mais antigos. Diz um documento de 1553: "...D. Duarte da Costa, da Ordem de Sua Alteza para nada mais se dispende à custa de sua Fazenda com as mulheres Castelhanas, que Thomé de Souza mandou para a Cap. de S. Vicente"<sup>85</sup>. Há a considerar ainda, os riquíssimos relatos de Nóbrega sobre as incursões castelhanas vindas do Paraguai e que podem sedimentar uma outra categoria de interação cultural<sup>86</sup>.

De um modo ou de outro, por vias diretas ou transversais, o aumento de povoadores de origem espanhola no planalto em decorrência do Brasil dos Filipes ou atrelado ao brilho de Sevilha ou ainda sob "différences de voltage", não pode ser contestado<sup>87</sup>.

85- Documentos Históricos, vol. XXXV, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1929.

86- Nobrega, Manoel da - Cartas do Brasil 1549-1560. São Paulo, EDUSP, 1988, pp.217-218.

87- Braudel, Fernand - Civilization matérielle et Capitalisme (XVe-XVIIIe siècle). Paris, Librairie Armand Colin, 1967, Tome 1, p.10. Ver Aracy A. Amaral, a Hispanidade em São Paulo, São Paulo, EDUSP, 1984.

## **CAPÍTULO 2**

### **PERSONAGENS EM ROTAÇÃO**

**A - O Governador Geral em terras de Piratininga**

*A - O Governador Geral em terras de Piratininga*

Em 1674, o Príncipe Regente, o Senhor D. Pedro, mandava agradecer aos paulistas que formaram tropas e penetraram nos sertões por diversos rumos, "a descobrimento das Minas de ouro, de prata e de Esmeraldas", através de cartas a eles endereçadas, de acordo com Pedro Taques de Almeida Paes Leme. São citados os paulistas: Paulo Rois da Costa, D. Francisco de Lemos, Pe. João Leite da Silva, Fernão Dias Paes, Manoel de Brito Nogueira, Estevão Friz Porto, Pe. Mateus Nunes de Siqueira, Francisco Dias Velho, Lourenço Castanho Taques, Cornélio D'Arzão, Manoel Rois D'Arzão<sup>88</sup>.

Entre os paulistas merecedores da real atenção, selecionei os nomes de Cornélio de Arzão e de Manoel Rodrigues de Arzão. Esclarecer os critérios adotados para a seleção que apresentei não é fácil e certamente estão cimentados na frequência acentuada em que o nome "Arzão" surge entre os oficiais da Câmara, nas petições de terras, nos inúmeros processos configurados nos Testamentos e Inventários ou como participantes ou dirigentes das expedições em que os moradores da Vila de Piratininga, os bandeirantes, tomaram parte. E, em 1671, atendendo à Câmara de Salvador, havia dois paulistas comandando expedições contra os tapuias, quase invencíveis devido à extrema

88- Paes Leme, Pedro Taques de Almeida - Notícias das Minas de São Paulo e dos Sertões da mesma Capitania. São Paulo, EDUSP, 1980, p.54.

ferocidade demonstrada quando invadiram o distrito baiano de Capanema e trucidaram os moradores. Os paulistas eram Estevão Ribeiro Baião Parente e Brás Rodrigues Arzão<sup>89</sup>.

Importa relevar que se a leitura dos documentos pertinentes a São Paulo não revelar em uma certa série a presença de um elemento pertencente ao ramo Arzão, uma investigação sistemática e cuidadosa, com uma tessitura formada pelos laços parentais ou naqueles ligados à solidariedade, denunciará de uma maneira ou de outra, o envolvimento de um componente da família em questão.

Cornélio de Arzão, o primeiro povoador assim designado, ao que tudo indica, deve ter chegado ao planalto em 1609, companheiro que era, entre outros, do Governador D. Francisco de Souza<sup>90</sup>. De 1609, ano de chegada de Cornélio de Arzão, ao de 1674, correspondente ao ano das cartas reais, desenha-se no tempo uma larga trajetória, quase secular. E se a incidência do nome na documentação oficial pertinente à Vila de São Paulo, atrai a atenção do estudioso, também justifica uma linha de pesquisa fascinante, desde que elaborada sobre o desempenho, as atitudes e os comportamentos de povoadores, unidos, diretamente ou indiretamente, a esse grande tronco familiar.

Acompanhar o destino de uma família por um século, é o que sugere François Lebrun quando focalizou uma

89- Abreu, Capistrano de - Capítulos de História Colonial. 6ª ed., Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1976, p.105.

90- Franco, Francisco de Assis Carvalho - Op. cit., p.37.

ilustre família angevina, "de la Maison de Rougé, les Plessis-Bellière". Com efeito, de 1654, ano da morte do primeiro marquês de Plessis-Bellière, ao último, morto em 1733, transcorreu um século e a preocupação de Lebrun foi evidenciar a estranha familiaridade manifestada pela nobreza em relação à morte e a "Maison de Rougé" forneceu expressivos exemplos<sup>91</sup>.

Em se tratando da família iniciada na Vila de São Paulo por Cornélio de Arzão (Arzam ou na forma encontrada em papéis antigos, "dar Zan"), teria que se deslocar a temática de Lebrun - a morte, para o mito da conquista de riquezas associado talvez nem ao ouro e nem à prata, mas, ao "outro Peru"<sup>92</sup>. O mito, formado por discursos antigos e outros mais recentes, foi alimentado por D. Francisco de Sousa que muito bem conhecera a côrte dos Filipes e possuía uma cosmovisão afastada da realidade colonial da América lusitana.

É relevante justapor que Portugal, ainda em seus primórdios, tivera ouro em abundância, porque provinha dos despojos obtidos na luta contra os muçulmanos. Quando o território português foi definitivamente constituído no século XIII, houve exploração de areias auríferas no Tejo mas a produção era ínfima, mesmo somada ao ouro que entrava no país por via comercial. Enquanto o ouro houvesse se

91- Lebrun, François - Les hommes et la mort en Anjou aux 17e et 18e siècles. Essai de démographie et de psychologie historiques, Paris, Mouton & Co and École Pratique des Hautes Études, 1971, pp.426-427.

92- Holanda, Sérgio Buarque de - Visão do Paraíso. Op. cit., p.99

tornado insubstituível como padrão internacional, "pois se os consórcios régios cimentavam alianças, nenhum era possível não sendo dourada a mão da noiva, assim como nenhum apoio militar ou permuta comercial dispensava, parcialmente ao menos, como alicerce o ouro"<sup>93</sup>.

A fome do ouro e a cobiça de escravos "representam, de fato, o grande móvel dos primeiros descobrimentos dos portugueses na costa africana"<sup>94</sup>. Porém, mesmo que nem tudo tenha sido desilusão, pois algum ouro os portugueses conseguiram, "do outro lado do Atlântico, a maravilhosa terra brasileira guardava ainda, quase totalmente ocultos, os preciosos mananciais auríferos..."<sup>95</sup>.

"Do outro lado do Atlântico", em 1597, Afonso Sardinha e seu filho (que levava nome igual), descobriram o ouro de lavagem nas serras Jaguámimbaba e Jaraguá, na de Ivuturuna e na de Biracoiaba segundo Pedro Taques<sup>96</sup>. Recebendo a notícia D. Francisco de Sousa, mandou da Bahia para administrador das minas e capitão de São Paulo, Diogo Gonçalves Lasso, o Alferes Jorge João e os "mineiros

93- Peres, Damião - "Antecedentes históricos da legislação concernente ao ouro do Brasil nos séculos XVI e XVII". Anais do IV Congresso de História Nacional, 5º vol., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, pp.573-587 (ver p.574).

94- Holanda, Sérgio Buarque de - As etapas dos descobrimentos portugueses. História Geral da Civilização Brasileira 2ª ed., 1º vol., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963, p.31.

95- Peres, Damião - Op. cit., p.575.

96- Paes Leme, Pedro Taques de Almeida - Notícias das Minas de São Paulo e dos Sertões da mesma Capitania. Introdução e notas de Affonso de E. Taunay, São Paulo, EDUSP. 1980, p.33.

experientes", Gaspar Gomes Moalho e Miguel Pinheiro Zurara e "por Fundidor", Dom. Roiz<sup>97</sup>.

D. Francisco de Sousa chega em 1599 à Vila de Piratininga, juntamente com uma companhia de soldados do presídio da Bahia, um mineiro alemão "Jaque de Dalte e um engenheiro também alemão Gerardo Betink no mesmo ano passava ordem ao Provedor da Fazenda Braz Cubas "Para fazer cobrar 200\$rs do fiador dos flamengos João e Nicolau Guimarães para as despesas"<sup>98</sup>. Deu o nome às minas de Nossa Senhora do Monte Serrate e por duas vezes esteve na região, em 1599 e 1601 (com muita gente para minerar as terras). Com a chegada do sucessor de D. Francisco em 1602, Diogo Botelho, este embarca em Santos e em 1607, já se encontrava em Madri, e dando notícias das minas e suas riquezas, foi outra vez encarregado da administração, "Governador e Administrador Geral das 3 capitâneas de São Paulo - Rio de Janeiro e Espírito Santo"<sup>99</sup>. justamente, a nomeação obtida foi o resultado dos apontamentos que oferecera D. Francisco a Sua Magestade: "Nada menos do que trezentas léguas de terra, coalhada de ouro, só em parte já descoberto, e ainda de prata, esmeralda, pérolas, cobre, ferro, salitre, assim como outras preciosidades, se achariam ali à espera de benefício, e ele estava pronto a prestar esse serviço à Coroa"<sup>100</sup>.

97- Paes Leme, Pedro Taques de Almeida - Op. cit., id.

98- Id., p.34.

99- Id., p.36.

Se o considerar D. Francisco um visionário ou um megalômano é correto, é bem verdade que a sua indiscutível "vocação mineira" revela o deslumbramento, diante de sinais indicadores, de se tornarem concretas todas as fantasias associadas ao mito do Eldorado<sup>101</sup>.

Quando, D. Francisco de Sousa pela segunda vez chega à Vila de São Paulo, seus poderes haviam sido ampliados e podia conceder o foro de Fidalgo de Sua Magestade a quatro pessoas que tivessem servido nas Minas três anos completos "e que tais pessoas hajaõ o Dom para suas mulheres" e o título de Cavaleiro Fidalgo à cem pessoas e o de Moço da Câmera também à outras cem<sup>102</sup>.

Durante o "tempo" de D. Francisco de Sousa em São Paulo de Piratininga - 1599 a 1602 e 1609 a 1611, tudo parece indicar que a política do Governador voltada exclusivamente para as minas de ouro, significou a extrapolação do ideal dos povoadores para a linguagem oficial e embora em um modo difuso e desordenado, os

100- Holanda, Sérgio Buarque de - Op. cit., p.93. Cumpre observar que ouro, prata e pérolas, era uma forma estereotipada encontrada em documentos de contabilidade. Ver Pierre Chaunu, Conquista e exploração dos Novos Mundos (século XVI), São Paulo, Pioneira EDUSP, 1984, p.333.

101- Holanda, Sérgio Buarque de - Op. cit., p.94.

102- Paes Leme, Pedro Taques de Almeida - Op. cit., p.37.

documentos são comprovadores. Sendo assim, o Governador não foi um agente de mudança e talvez nem tenha agilizado processo algum, quanto muito, ele deu algumas características pessoais ao seu governo. Nesse aspecto, poderia valer como exemplo a idéia de introduzir lhamas andinas em São Paulo, um modo mágico de lembrar Potosi e também a condição de fidalgo que alguns povoadores receberam como prêmio às pesquisas auríferas ou como estímulo às descobertas das minas.

**B - Crises antigas**

**B - Crises antigas**

Se a ação de D. Francisco, concentrada unicamente no ouro, era um reflexo de um contexto grandioso, interligado à longa duração, uma análise vertical teria que se deter em um tempo incerto, afastado da rigidez de uma linha cronológica.

E nesse sentido, a comprovação da existência de uma forma mental antiga, exigiu a elaboração de uma linha de raciocínio sedimentada em um mecanismo de pesquisa talvez pouco utilizado por historiadores. Assim sendo, ela teve como ponto de partida a lentidão das transformações, observando que os homens utilizam as máquinas por eles inventadas, entretanto, conservam a mentalidade anterior a elas, os automobilistas possuem um vocabulário de cavaleiros e os operários do século XIX, conservavam a mentalidade camponesa própria seus pais e avós<sup>103</sup>.

103- Le Goff, Jacques - Les mentalités. Une histoire ambiguë. In Faire de l'histoire, Paris, Gallimard, 1974, Troisième partie, p.82.

Tendo como base a notícia de que o ouro descoberto no planalto de Piratininga em 1597, foi o resultado dos esforços desenvolvidos por Afonso Sardinha e seu filho, a imagem do mineiro de Jaraguá deveria corresponder a de um homem maduro e é provável que já houvesse atingido a quarentena. Retrocedendo, em obediência a este exercício, o ano de 1570 poderia ser registrado como o marco inicial de uma atitude existencial consciente e, de acordo com a minha proposta, não da personagem em termos isolados, mas idêntica a dos povoadores, portadores da mesma carga emocional, e sobretudo condutores de influências recentes ou não, de toda uma época<sup>104</sup>.

Pertinente ao meu pensamento, um estudo instigante, estabeleceu um liame entre o Terror na França em 1793 e os terrores provocados pela peste em outros

104- Chaunu, Pierre - L'économie - Dépassement et prospective. In Faire de l'histoire, op. cit., Deuxième partie, p.53. Na análise de Pierre Chaunu, são referenciadas as datas de nascimento de Ernest Labrousse e de Fernand Braudel, para apoiarem a conclusão: "Les grandes oeuvres qui ont nourri toute l'histoire économique de l'après Deuxième Guerre mondiale (de l'Esquisse à la Méditerranée en passant par la Crise, sont des oeuvres pensées, conçues, jaillies dans l'atmosphère de la crise de 1929". Ainda que extrapolando, considero valioso o pensamento de Braudel: "Entendamo-nos: não há um tempo social de um só e simples jato, mas um tempo social com mil velocidades, mil lentidões que não têm quase nada a ver com o tempo jornalístico da crônica e da História tradicional. Acredito assim na realidade de uma História particularmente lenta das civilizações, nas suas profundezas abissais, nos seus traços estruturais e geográficos". Ver Fernand Braudel, Lição inaugural da Cadeira de História da Civilização Moderna do Colégio de França, pronunciada no dia 1º de dezembro de 1950, in Revista de História, vol. XXXI, nº 63, julho-setembro, 1965, pp.3-22.

tempos<sup>105</sup>. Não pretendo discutir o valor do trabalho citado, coloquei em destaque, a preocupação de outro estudioso, próxima às minhas indagações que estão profundamente vinculadas à identificação dos povoadores do planalto. Com a revelação do porte emocional dos homens que procuraram São Paulo no século XVI, procuro atingir realidades não denunciadas nos documentos, mas que aí se encontram camufladas, escamoteadas ou truncadas. Afastando por completo a construção de vínculos, conforme o historiador francês, persigo realmente idéias-força que formadas em um contexto de extrema insegurança, serviram de suporte à sobrevivência do mito relacionado às riquezas infundáveis que jaziam no desconhecido, o Eldorado.

Ainda que estudando outras posições, em minha Dissertação de Mestrado - A Terra e a Lei - Estudo de Comportamentos Sócio-Econômicos em São Paulo nos séculos XVI e XVII, eu já questionava a densidade do componente emocional na formação mental dos povoadores de São Paulo e o exame da Lei das Sesmarias, surgida em 1375, cerne de meu

105- Baehrel, R. - Epidémie et terreur: histoire et sociologie. In Annales historiques de la Révolution française n° 122, avril-juin 1951, pp.113-146, Apud, Lucien Febvre, La Terreur, in Annales, E. S. C., n° 98, 1951, pp.520-523.

trabalho, indicou ser a Lei de D. Fernando uma verdadeira resposta a uma situação de crise, de extrema penúria, quando havia o binômio interligado, vida e morte, provocado pela longa série de epidemias que assolou a Europa Ocidental. Não houve o caso português ou espanhol, em toda Europa a única realidade era a morte, definitivamente incorporada ao cotidiano, essa era a estrutura do século<sup>106</sup>.

Projetando sobre Afonso Sardinha, personagem que ilustra nesta visão esquemática, os acontecimentos que sedimentaram as representações mentais de gerações, podem ser elaboradas algumas questões que estão associadas às grandes crises ocorridas na Europa e que foram provocadas por agentes diversificados. Assim sendo, as epidemias, a fome, a miséria, as guerras ou as perseguições políticas ou religiosas e igualmente cataclismos, transformaram a existência em uma "miserável vida".

As epidemias que assolaram a Europa Ocidental a partir de 1348, foram genericamente e indistintamente

106- Abreu, Daisy Bizzocchi de Lacerda - A Terra e a Lei estudo de comportamentos sócio-econômicos nos séculos XVI e XVII. São Paulo, Co-edição Secretaria de Estado da Cultura, Comissão de Geografia e História, Roswitha Kempf/Editores, 1983, pp.15 e 27. Ver também Virginia Rau, Sesmarias medievais portuguesas, Lisboa, Editorial Presença, 1982, p.77.

cognominadas "pestes" e tornando-se cíclicas, construíram uma larga trajetória que alcançou o início do século XVIII, isto é, o ano de 1720, o que assinala uma duração de quatro séculos. Depois de 1348, até ao início do século XVI, a epidemia pestífera apareceu quase todos os anos, pelo menos, em uma cidade européia<sup>107</sup>. Desde o início, a doença recebeu o nome de "peste negra", a pele dos doentes cobria-se de placas enegrecidas, eram as regiões gangrenadas que haviam sido picadas pelas pulgas do "Mus Rattus" e nas virilhas e nas axilas cresciam gânglios dolorosos, os bubões, que se abriam e tornavam-se negros<sup>108</sup>.

Os limites do presente trabalho não permitem uma demora prolongada sobre os "terrores" provocados pelas epidemias: cadáveres enchendo as carretas, casas fechadas ou aquelas que permaneciam abertas, repletas de podridão. Para prevenir o mal, as medidas restringiam-se aos cordões de isolamento, a expulsão de mendigos, proibição da entrada nas cidades de estrangeiros ou pessoas de fora ou como foi feito em Anjou em 1626: expulsão em vinte e quatro horas de todos

107- Delumeau, Jean - La peur en Occident. (XIV-XVIII siècles), Paris, 1978, pp.132-133.

108- Sournia, Jean Charles e Ruffie, Jacques - As epidemias na História do Homem. Lisboa, Edições 70, Lda. 1986, pp.84-85.

os cães e porcos da cidade<sup>109</sup>. Um exemplo muito bem escolhido por Jean Delumeau configura a frequência pestífera: "Un chroniqueur orviétan notait: "La première peste générale eut lieu en 1348 et fut la plus forte. "Puis il ajoutait: "Seconde peste, 1363. Troisième peste, 1374. Quatrième peste, 1383. Cinquième peste, 1389". Une nouvelle main a complété: "Sixième peste, 1410"<sup>110</sup>.

As inúmeras descrições do mal pestífero, conduzem o pesquisador sensível as pesquisas sobre o surgimento de novas formas mentais, à elaboração de análises multidimensionais sobre comportamentos, atitudes interligadas a um universo diferente. Resultante de um longo e doloroso processo, a existência passa a ser funéria, é o domínio do macabro<sup>111</sup>. As imagens criadas pelas epidemias lembram pesadelos e revelam a desordem e o desequilíbrio. A peste, mesmo para os sobreviventes, provocara um traumatismo psíquico profundo: "la confusion des morts, des moribonds, du mal et des cris, les hurlements, l'épouvante, la douleur,

109- Lebrun, François - Les Hommes et la mort en Anjou aux 17e et 18e siècles Essai de démographie et de psychologie historiques. Op. cit., pp.312-313.

110- Delumeau, Jean - Op. cit., p.133.

111- Huizinga, Johan - O declínio da Idade Média. São Paulo, Verbo, EDUSP, 1978, p.134.

les angoisses, les peurs, la cruauté, les vols, les gestes de désespoir, les larmes, les appels, la pauvreté, la misère, la faim, la soif, la solitude, les prisons, les menaces, les chatiments, les lazarets, les onguents, les opérations, les bubons, les charbons, les suspicions, les pâmoisons<sup>112</sup>.

A terrível experiência pestífera desencadeou transformações violentas, nas atitudes e nos comportamentos. Parecia que Deus se vingava dos homens, a peste era a manifestação da cólera divina<sup>113</sup>. Estruturas antigas ficaram abaladas: as autoridades abandonavam suas funções, religiosos se recusavam a assistir os doentes, as mães eliminavam as suas crianças, muitos em face do desespero terminavam com as próprias vidas, dementes deliravam pelas ruas<sup>114</sup>.

Havia sido composta uma coreografia fantástica, a Dança Macabra, que lembrava aos vivos, não só

112- Deluneau, Jean - Op. cit., p.145.

113- Deyon, Pierre - Amiens Capitale Provinciale étude sur la société urbaine au 17e siècle, Mouton & Co and École Pratique des Hautes études, 1967, p.25.

114- Deluneau, Jean - Op. cit., pp.132-187.

a proximidade da morte, mas, as imagens lúgubres dos pestíferos<sup>115</sup>. Segmentos da "Totentanz" talvez fôsem as procissões propiciatórias e as litanias - Deus, tende piedade de nós, Protegei-nos da peste, da fome e da guerra, que, unidos aos episódios já enunciados, formavam um coro medonho e assustador. O ar que se respirava era fétido e nas igrejas a fumigação do incenso e do benjoim, interpretada como um sinal de adoração, disfarçava o cheiro putrefato dos cadáveres nelas sepultados<sup>116</sup>.

Ao volumoso dossiê formado pela peste, somam-se algumas obras da literatura que centralizaram suas temáticas nos episódios relacionados às epidemias, como Bocaccio no Decameron ou Daniel Defoe no Diário da peste<sup>117</sup>. Cervantes refere-se a séculos destestáveis e constrói uma imagem expressiva: "aunque la oculte y cierre otro nuevo laberinto como el de Creta; porque alli, por los resquicios o por el aire, con el celo de la maldita solicitud, se les

115- Huizinga, Johan - Op. cit., p.135.

116- Corbin, Alain - Saberes e Odores. O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p.90.

117- Delumeau, Jean - Op. cit., id.

entra la amorosa pestilencia y..."<sup>118</sup>. Shakespeare, ao redor de um episódio rotineiro do contexto da peste, teceu a urdidura do desenlace de um drama imortal: o mensageiro impedido de cumprir a sua missão anula o plano do religioso<sup>119</sup>. Uma quadra referenciada por Huizinga, para ilustrar o horror da morte, está muito próxima da imagem da vítima da peste:

La mort le fait fremir, pallir,  
le nez courber, les vaines tendre,  
Le col enfler, la chair mollir,  
Jointes et nerfs croistre et estendre...<sup>120</sup>

"Que Deus te libere da peste que vem de Castela e da fome de Andaluzia", frase muito sugestiva para demonstrar que as epidemias caminhavam unidas às crises de carestia<sup>121</sup>. Houve na Andaluzia em 1521, uma crise tão grave que as pessoas morriam pelas ruas, muitos animais morreram e

118- Cervantes, Miguel de - El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha. 26ª ed., Madrid, Espasa-Calpe, S. A., 1975, p.59.

119- Shakespeare, William - The Complete Works Compact Edition Oxford, Clarendon Press, 1988, pp.335-366.

120- Huizinga, Johan - Op. cit., p.137.

121- Braudel, Fernand - La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II, op. cit., vol. I, p.222.

a região tornou-se um deserto<sup>122</sup>. A seca foi de uma intensidade tão forte que o trigo se perdeu e nos campos não havia uma única erva. Na segunda metade do século, toda a região do Mediterrâneo foi afetada por períodos de extrema carestia e as conclusões de Fernand Braudel são ponderáveis: "Au coeur de l'histoire méditerranéenne jouent ces contraintes: la pauvreté, l'incertitude du lendemain. Telles sont peut-être les raisons de la sagesse, de la frugalité, de l'industrie des hommes, les motifs aussi de certains impérialismes, comme instinctifs, qui ne sont parfois pas autre chose que le besoin du pain quotidien. La Méditerranée a dû, pour suppléer à ses faiblesses, agir, aller hors de chez elle, mettre à contribution les pays lointains, s'associer à leurs économies. Et, ce faisant, agrandir considérablement son histoire"<sup>123</sup>.

Na Península Ibérica, a segunda metade do século XIV e quase todo o século XV, refletiram as consequências da peste e além de todas as transformações de

122- Braudel, Fernand - id., ib., p.224.

123- Braudel, Fernand - id., ib., ib.

ordem sócio-econômicas, alguns elementos feudais foram se desfigurando<sup>124</sup>.

Pierre Deyon, em seu profundo estudo sobre Amiens, observa que os pobres não continuam a usufruir a imagem evangélica dos preceitos cristãos. As epidemias, pouco a pouco, anulam o caráter sagrado da pobreza<sup>125</sup>. Ainda que, pobres e vagabundos, raramente tivessem sido acusados de espiões políticos ou de heréticos, devido a um "mecanismo mental", eles passaram a ser acusados de agentes transmissores da peste. Entre as categorias sociais, foram eles os mais antigidos - eram os mais impossibilitados para a fuga das cidades e para a procura de regiões não urbanizadas. Quando a idéia do contágio modificou-se e foi revelado que a doença não provinha da "constellation" ou da corrupção do ar ou da terra, mas, do contacto com pessoas infectas ou vindas de lugares pestíferos<sup>126</sup>, os pobres passaram a ser perseguidos.

124- Dicionário da História de Portugal, sob a direção de Joel Serrão. Porto, Iniciativas Editoriais, 1963, vol.3, p.845 e sgtes.

125- Deyon, Pierre - op. cit., p.29.

126- Gutton, Jean Pierre - La société et les pauvres l'exemple de la généralité de Lyon 1534-1789. Paris, Societé D'édition "Les Belles Lettres", 1970, p.226.

Pobres e vagabundos, mendigos e miseráveis, bandidos e ladrões, mudam os nomes, entretanto sob essa marginalidade estão os revoltados sociais, aqueles que não se adaptaram<sup>127</sup>. Utilizando o mesmo exemplo apresentado por Fernand Braudel, as aventuras de "Rinconete y Cortadillo", penso que o diálogo entre os protagonistas e um "ladronzuelo", indica a formação de uma boa consciência relacionada à ruptura de valores tradicionais:

"Dijo Rincón a su guía:

-? Es vuesa merced por ventura ladrón?

-? Sí, respondió el, para servir a Dios y a las buenas gentes, aunque no de los muy cursados; que toda via estoy en el año del noviciado.

A lo cual respondió Cortado:

- Cosa nueva es para mí que haya ladrones en el mundo para servir a Dios y a la buena gente<sup>128</sup>.

Dimensionar a abrangência exata de uma sociedade que parecia estar "fora dos eixos", representa o afastamento dos limites de minha pesquisa, entretanto, é

127- Braudel, Fernand - op. cit., vol. II, p.83

128- Braudel, Fernand - op. cit., id., p.82 e José Garcia Lopez, Historia de la literatura española, 18ª ed., Barcelona, Editorial Vicens - Vives, 1972, p.257.

extremamente valioso considerar que todo o vocabulário relativo ao banditismo projetou-se sobre São Paulo, identificando, algumas formas mentais próprias do mediterrâneo. Ao pesquisador paciente e cuidadoso não faltarão exemplos. Ladrões, vadios, salteadores e facinorosos são enumerados em um único documento<sup>129</sup>. Ou então; tribulentos e desenquietadores<sup>130</sup>;

maganões<sup>131</sup>;

mandriões<sup>132</sup>;

"...e por isto sem naturalidade, e ser vagabundo"<sup>133</sup>;

peões e malfeitores<sup>134</sup>;

criminozo de Justiça<sup>135</sup>.

129- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. LXXVII, p.134.

130- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. LXXVIII, p.39.

131- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, id., p.207.

132- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. LXXIX, p.157.

133- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. LXXX, p.21.

134- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. 81, p.28.

135- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, id. p.194.

Complementando a pequena visão apresentada sobre ladrões e vagabundos, embora o mundo da marginalidade ainda esteja ausente das preocupações de grande parte de historiadores, uma proposição se impõe pela sua densidade: "Marginalidade pode ainda fazer pensar em algo que se separa de um todo uniforme, constituído, no caso, pela sociedade. Já desclassificação sugere a exterioridade ante a classificação e o distanciamento em face de um todo heterogêneo e diversificado"<sup>136</sup>.

Em Portugal, estreitamente ligado ao contexto formado pelas epidemias, as propriedades da Igreja foram aumentadas de uma forma grandiosa: em face da morte próxima, os grandes proprietários legavam os seus bens às ordens religiosas, às igrejas paroquiais e às sés, em uma tentativa de garantir a salvação eterna e logo após 1348, "todo o Portugal estaria nas suas mãos"<sup>137</sup>. É relativamente fácil concluir que a desordem econômica que atingiu as terras

136- Souza, Laura de Mello - Desclassificados do ouro - a pobreza mineira do século XVIII, 2ªed., Rio de Janeiro, Edições Graal, 1986, p.14.

137- Marques, A. H. de Oliveira - História de Portugal. Desde os tempos mais antigos até ao governo do Sr. Marcelo Caetano 2ª ed. Lisboa, Editora Ágora, 1973, 1º vol., p.160.

portuguesas nos séculos em que as epidemias ocorreram, estiveram nitidamente relacionadas ao despreparo do clero diante de um empreendimento agrícola inesperado. Houve em terras portuguesas muitas epidemias durante os séculos XII, XIII e XIV, sempre designadas por "peste" ou "pestilência"<sup>138</sup>. A fome generalizada, resultante do aumento excessivo da população e os diminutos recursos disponíveis, causava o debilitamento da população que em consequência, tornava-se vítima mortal da doença<sup>139</sup>.

As epidemias em Portugal ocorreram em 1348, 1356, 1384, 1415, 1423, 1432, 1435, 1437-38, 1458, 1464, 1477 e 1480-97. "Quer isto dizer que cada português dos séculos XIV e XV viu duas ou mais epidemias durante a sua vida, e teve, com certeza, parentes e amigos levados por elas"<sup>140</sup>. Deve ser relevado que as pestes de 1480 a 1497, se prolongaram por anos seguidos com fases agudas e outras mais fracas<sup>141</sup>.

138- Marques, A. H. de Oliveira - A sociedade medieval portuguesa. op. cit., p.93.

139- Mattoso, José - Identificação de um país. op. cit., vol. II, p.26.

140- Marques, A. H. de Oliveira - op. cit., p.93.

141- Marques, A. H. de Oliveira - id., ib.

Preocupado com as novas mentalidades que deveriam surgir motivadas pelos surtos repetidos de epidemias, Oliveira Marques afirma que não existia a aspiração de uma longa vida em Portugal, como também na Europa<sup>142</sup>. A vida era curta para uma sociedade que saía do século XIV, "inquieta e desamparada". Em verdade, havia o medo de morrer. E esse medo, extrapolando, permitia compreender a alegria efêmera que era a própria existência<sup>143</sup>.

Na ausência de pormenores que fundamentassem melhor o conhecimento de forças mentais em relação direta com esses tempos difíceis, quando cada geração de portugueses conhecera vivencialmente os terrores provocados pelo menos, por uma epidemia, podem ser relatadas algumas mudanças:

- O aumento de surtos de devoção e de formas de piedade. As procissões se multiplicam e dela participam todas as categorias sociais e a massa anônima dos

142- Marques, A. H. de Oliveira - História de Portugal. op. cit., p.166.

143- Goglin, Jean Louis - Les misérables dans l'Occident médiéval. Paris, Éditions du Seuil, 1976, p.23.

habitantes. Entre as formas consagradas de oração, há um cântico homogêneo que reza, suplica e geme. É preciso pensar que as procissões tinham uma grande duração porque era necessário que percorressem todas as ruas e eram compostas por uma grande multidão. Em outro aspecto, essa duração fazia parte do quadro mental da época, em que as cerimônias, ocupavam o dia inteiro como, lembra muito bem um historiador, os "autos da fé" espanhóis<sup>144</sup>. Por outro prisma ainda, considerando os tempos de peste, o prolongamento das procissões aumentava as chances das súplicas serem atendidas<sup>145</sup>. Vale remarcar que a figura de Maria não participava da cólera divina e ela se transforma na intermediária, a medianeira dos fiéis sofredores diante de seus enraivecidos. O exame da iconografia a partir do século XIV, revela que pintores franceses, italianos, ou alemães, representam a Virgem com o manto que protege da peste, um tema que permaneceu até o século XVII e as vezes foi enriquecido com as imagens dos santos invocados durante as epidemias<sup>146</sup>;

144- Delumeau, Jean - op. cit., p.185.

145- Delumeau, Jean - op. cit., id.

146- Delumeau, Jean - id., ib.

- Aumentam as confrarias e as irmandades;

- Há em Portugal um maior interesse pela pobreza e por todo o país surgem hospitais, albergarias, mercearias, gafarias e outros abrigos idênticos. Multiplicam-se as peregrinações<sup>147</sup>.

Refletindo sobre os clichês que se formaram presos às representações mentais construídas à margem de tantas rupturas sociais, as epidemias em Portugal efetivamente presentes durante séculos, devem ter sido somadas à rotina do cotidiano. Nesse particular, a seleção de exemplos representa uma operação extremamente delicada, principalmente quando se aspira alcançar épocas tão afastadas da ótica do investigador. Em verdade, as epidemias balanceando as estruturas, modificaram acontecimentos e em decorrência, houve uma adaptação que sujeita aos tempos instáveis, forçosamente apresentava-se deformada. Todas as cerimônias ligadas ao dia-dia viram-se ameaçadas e as cerimônias de um casamento real em Portugal, longamente arquitetado, incorporam-se ao ambiente pestífero. Com

147- Marques, A. H. de Oliveira - História de Portugal. op. cit., p.166.

efeito, o casamento de D. Afonso, herdeiro português, com a princesa Isabel, filha dos reis católicos, marcado para 1490, possuía um significado profundo do ponto de vista político, pois garantiria a paz luso-castelhana. Em virtude de tal importância, e iniciaram em Lisboa, os preparativos para as cerimônias correspondentes. Todavia, a peste que estava grassando, levou o monarca português a transferir para Évora, o local do acontecimento. Muitas obras foram realizadas em Évora para torná-la digna do casamento dos príncipes como "a feitura de aposentos e de uma grande sala de madeira na Horta de S. Francisco, enchendo-se de decorações e mantimentos para as festas que D. João II desejava "fossem as mayores e mais reaes e perfectas que se podessem fazer"<sup>148</sup>. Entretanto, para evitar um ataque de peste, Évora teve que ser evacuada por quinze dias e os rebanhos foram aí recolhidos<sup>149</sup>.

Coimbra foi assolada pela peste em 1477-79.

Os habitantes do Porto construíram um cordão sanitário em torno da sua cidade, impedindo a entrada a todos que viessem

148- Serrão, Joaquim Veríssimo - op. cit., p.112.

149- Serrão, Joaquim Veríssimo - id., ib.

de Coimbra<sup>150</sup>. Mas, em 1486, verificando-se a ocorrência de casos de peste em uma rua do Porto, ela foi entaipada e assim os seus moradores ficaram isolados<sup>151</sup>.

A construção de parte do imaginário-emotivo dos povoadores não pode ser alicerçada exclusivamente sobre as epidemias. Houve outros "terrores" e difícil é dimensionar a força de cada um em termos de psicologia coletiva - fome, guerras, perseguições aos marginais (mendigos e leprosos, por exemplo) ou as violências provocadas pelo anti-semitismo. A larga série de agressões ocasionou o aparecimento de "medos" diversificados que em conjunto formaram o clima do medo, era só o que existia<sup>152</sup>.

A agressividade coletiva, difícil de ser conduzida, depois de aceitar temporariamente, as primeiras explicações sobre as causas do mal pestífero baseadas nos conhecimentos científicos ou em outras possíveis origens, passou a localizar a culpa nos estrangeiros, nos viajantes,

150- Marques, A. H. de Oliveira - A sociedade medieval portuguesa, op. cit., p.94.

151- Marques, A. H. de Oliveira - op. cit., id.

152- Delumeau, Jean - op.cit., p.29.

e em sequência, deslocou-se em direção aos judeus e aos leprosos.

Os leprosos - marginais da longa duração, eram a evidência, de acordo com os aspectos de suas chagas, da punição do céu e cedo foram julgados como agentes de contágio. Em relação aos judeus, foram acusados de terem envenenado os poços e as fontes, como também assim foram encarados os leprosos. Todavia, como muito bem assinala Delumeau, essas atitudes em face de judeus e leprosos, foram anteriores às epidemias<sup>153</sup>. Havia uma atmosfera carregada de anti-semitismo e expressivas em particular, são as palavras que Cervantes fez Sancho pronunciar a respeito de seus valores: "...y cuando otra cosa no estuviese sino el creer, como siempre creo, firme y verdaderamente en Dios y en todo aquello que tiene y cree la santa Iglesia Católica Romana, y el ser enemigo mortal, como lo soy, de los judios..."<sup>154</sup>.

Na Espanha houve uma grandiosa perseguição aos judeus em 1391 e em decorrência, muitos foram mortos e alguns autores assinalaram que cerca de um milhão deles

153- Delumeau, Jean - id., p.174.

154- Cervantes, Miguel de - op. cit., p.367

desapareceram. É de grande valor lembrar que antes de terminar o ano, muitos judeus se converteram e segundo a afirmação de um consagrado estudioso, o judaísmo nunca mais se recuperou após o desastre de 1391<sup>155</sup>. Os judeus passaram a ser chamados de conversos ou marranos, a última denominação fortemente depreciativa<sup>156</sup>. O primeiro "auto de fé" foi celebrado em Sevilha em fevereiro de 1418 e seis pessoas foram queimadas na fogueira armada pela Inquisição<sup>157</sup>. Com o tempo, estabeleceram-se tribunais permanentes em Zaragoza, Barcelona e Valencia. Descrever todos os episódios pertinentes à Inquisição foge aos objetivos de meu trabalho, mas, o que é preciso acentuar está associado ao seu forte teor dramático. A detenção se efetuava inesperadamente e poderia ser efetuada à meia-noite ou em qualquer momento e o acusado era encaminhado para uma prisão secreta, sem nenhuma explicação. Se houvesse gravidade na denúncia, imediatamente os bens da vítima eram confiscados. Os arquivos inquisitoriais, guardam

155- Turberville, A. S. - La Inquisicion Española. 5ª ed., Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1948, p.23.

156- Turberville, A. S. - Id., ib.

157- Turberville, A. S. - Id., p.31.

meticulosamente, todas as confissões, porém, o registro dos choros, dos gemidos, dos pedidos de misericórdia, metodicamente detalhados pelos escrivãos, formaram uma literatura espantosa e emocionante<sup>158</sup>.

Sem dúvida, o poder da Inquisição era demonstrado pelo acontecimento máximo de todo o processo: o "auto de fé". A cerimônia atraía multidões que se dirigiam para a cidade onde iria se realizar a parte final do processo de condenação do acusado, motivadas pelo entusiasmo religioso, pela curiosidade ou por aspirarem a consecução das indulgências prometidas. A proclamação da cerimônia era anunciada um mês antes e na noite anterior ao ato, uma procissão percorria as ruas da cidade até a praça onde se achava o local do espetáculo: um altar armado sobre um tablado que ostentava a cruz verde, emblema da Inquisição e mais distante estava o "quemadero" ou o "brasero", onde o condenado era supliciado. Se o "auto de fé" for avaliado em relação à sua duração, considerando as primeiras notícias da celebração até a solenidade final, poderiam ser contados trinta dias. Em termos emocionais, qual seria o seu limite

158- Turberville, A. S. - Id., p.59.

de duração? E há a acrescentar que a solenidade se iniciava nas primeiras horas da manhã com a lúgubre procissão: em primeiro plano os alarbadeiros, depois a cruz da igreja paroquial coberta de negro e em seguida os penitentes com os familiares; na frente iam os que receberiam castigos leves e atrás os que tinham suas penas relaxadas. Também faziam parte do séquito as efígies daqueles que não havia sido possível a prisão, ou porque houvessem conseguido fugir ou então por terem morrido antes da descoberta de seus erros<sup>159</sup>. Um grande número de oficiais seculares acompanhava as efígies e em seguida o estandarte da Inquisição com sua cruz verde sobre fundo negro, tendo à direita um ramo de oliveira, símbolo do perdão e à esquerda, a espada desembainhada da justiça. Finalmente, atrás do estandarte, os inquisidores<sup>160</sup>.

O primeiro Auto de Fé realizado pela Coroa Portuguesa foi em 1540, em Lisboa. Os judeus, recém-convertidos procuraram abandonar Portugal e a oportunidade de escapar da perseguição ou da obrigatoriedade da conversão

159- Turberville, A. S. - Id., pp.70-71.

160- Turberville, A. S. - Id., p.71.

foi encontrada no Brasil. Durante muito tempo, grupos de cristãos-novos procuraram cidades brasileiras para se fixarem<sup>161</sup>. Só a morte ou a ausência do mundo ibérico constituíam as soluções para fugir dos Estaus<sup>162</sup>.

É imperioso remontar na larga crônica de episódios ligados à perseguição aos judeus em Portugal, ao ano de 1506, particularmente expressivo porque nesse ano grassava a peste em Lisboa. Com medo da epidemia, a Família Real, nobres e altos dignatários haviam deixado a cidade, comportamento habitual em tempos assolados pela peste. E a predisposição existente contra os judeus ocasionou a morte de um deles, quando a multidão exaltada o vitimou e queimou o seu cadáver na Praça do Rocio. Houve evidentemente um pretexto: ele teria duvidado da ocorrência de um milagre<sup>163</sup>. Como um fenômeno químico, a reação em cadeia, todos os cristãos-judeus encontrados nas ruas foram mortos e alguns ainda vivos foram queimados. Quando as ruas deixaram de dar

161- Baião, Antonio - História da Colonização Portuguesa no Brasil. Porto, Litografia Nacional, MCMXXIII, pp.317-343.

162- Carneiro, Elza - Campos, Alzira de Arruda e Abreu, Daisy Bizzocchi de Lacerda - O diabo das rotas mãos. Bauru, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus, 1976, p.17.

163- Kayserling, Meyer - História dos judeus em Portugal. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1971, pp.128-130.

sinais da presença de judeus, as suas casas foram invadidas e fogueiras improvisadas recebiam seus moradores que as vezes eram perseguidos até em igrejas. O quadro é cruel: crianças foram esmagadas contra paredes e cristão velhos com aparência israelita também encontraram a morte<sup>164</sup>.

Embora o massacre de 1506 tenha revoltado a Coroa portuguesa e os elementos que haviam participado do massacre dos judeus tivessem sido punidos, muitos cristãos-novos começaram a abandonar Portugal, ainda que em um número não significativo<sup>165</sup>. Há a considerar a presença antiga dos judeus em Portugal, fato que é sedimentado no pensamento de Boxer: "It only remains to add that the repressive action of the Portuguese Inquisition and the enforcement of the anti-semitic legislation were counter-productive in another and most mortifying way. They convinced foreigners that Portugal was a nation of crypto-jews, as exemplified by the coarse Castilian proverb: "A Portuguese was born of a jew's fart". The tragically farcical nature of the forced mass conversion in 1497 was not soon forgotten. Writing to a

164- Kayserling, Meyer - Op. cit., p.130.

165- Kayserling, Meyer - Id., p.133.

friend in 1530, Erasmus petulantly dismissed the Portuguese as "a race of Jews" (*illud genus judaicum*). All educated Portuguese who travelled or resided in other European countries noticed this widespread conviction, as Gaspar de Abreu lamented in 1674: It is only we Portuguese who are stigmatised with the name of Jews or Marranos among all nations, wick is a great shame. "The name of "Portuguese" was synonymous with that of "Jew" in foreign countries, observed Dom Luis da Cunha in 1736, towards the close of his long and distinguished diplomatic career"<sup>166</sup>.

Para os cristãos-novos, a vida em Portugal tornou-se na realidade difícil, e oportunas são as palavras que descrevem a situação de agressão constante aos judeus: em todas as situações era o judeu preterido em relação ao cristão velho; as crianças hebraicas eram insultadas; para conseguir prestígio, quanto mais humilde era a origem do agressor, piores eram os insultos. Diziam ao cristão-novo: "uma meia palavra de Cão, outro por gíria lhe chamava judeu putro põe a mão no nariz; outro antes que fale dá uma coutilada de dedos pelos bigodes; a maior parte faz acenos

166- Boxer, C. R. - The Portuguese Seaborne Empire 1415-1825. London, Hutchinson of London, 1969, pp.271-272.

que tem rabo. Este é o trato que tem um cristão-novo com os seus compatriotas; esta é a satisfação com que vive na sua pátria; e como ser desprezado incita à vingança, não vive mais que roído do ódio, e do fingimento"<sup>167</sup>.

Com a lucidez habitual, Fernand Braudel observa que os massacres, expulsões e conversões forçadas que juntamente com as listas de perseguições, compõem o martirologio da história dos judeus, apresentam uma correlação em relação aos movimentos da conjuntura económica e demográfica; proposição valorizada em trabalho de outro autor<sup>168</sup>. Todavia, o que interessa questionar está alicerçado em uma reflexão profunda e intrincada. Justamente, os autores de um estudo sobre as epidemias, perguntam: "quanto tempo é necessário para que uma sociedade perca a memória de uma catástrofe?"<sup>169</sup>.

É preciso lembrar que todos os "medos" que movimentaram a Europa Ocidental a partir de 1348, não foram

167- Ribeiro, Sanches - Cristãos - Novos e Cristãos - Velhos em Portugal. 2ª ed. Porto, Editora Raul Rego, 1973, pp.38-43.

168- Braudel, Fernand - La Méditerranée et le Monde Méditerranéen. Op. cit. Tome seconde, p.150. Ver Jean Delumeau, op. cit., p.362.

169- Sournia, Jean Charles e Ruffie, Jacques - Op. cit., pp.87-90.

debatidos nas proposições elaboradas, mas, mesmo se tivesse sido montado um quadro completo dos acontecimentos dolorosos, lúgubres e terríveis que vitimaram populações inteiras, os limites das palavras escritas não poderiam revelar as imagens reais, talvez aquelas da "A Tentação de Santo Antonio", de Bosch<sup>170</sup>. Sobre a permanência do acontecimento na memória, há todo um campo de investigação à disposição dos estudiosos. Enquanto que afirma-se com muita base que a recordação de um acontecimento histórico ou de uma personagem marcante não perdura mais de dois ou três séculos na memória popular, também é correto que há um universo fragmentário que apresenta de forma difusa e em contextos diferentes, resíduos conservados pelo inconsciente coletivo<sup>171</sup>.

Precisar em termos absolutos, a permanência da memória de um acontecimento através das gerações, demanda operações intrincadas e pertencentes à uma temática não desvendada pelos historiadores, e o que a pesquisa revela,

170- Não é por acaso que Jean Delumeau escolheu um detalhe da obra de Bosch para ilustrar a capa de seu livro *la peur en Occident*, op. cit. Talvez o pesadelo causado pelo medo esteja aí representado.

171- Eliade, Mircea - O mito do eterno retorno. Porto, Edições, 70, 1984, p.58

são formas mentais fragmentadas, indicadoras, por vezes, de novos caminhos para os estudiosos. Entretanto, os sinais surgem difusos e aumentam as dificuldades que a grosso modo são as seguintes:

- as permanências podem estar vinculadas diretamente ao acontecimento. Se constituem uma verdade histórica, não estão ligadas a personagens e nem a acontecimentos, mas, a formas tradicionais da vida social e política, cujo devir é mais lento do que o devir individual. Estão relacionadas aos arquétipos<sup>172</sup>;

- outros agentes, em tempos vários, atuam como preservadores da memória;

- os "terrores" apresentaram intensidades diferentes e de acordo com as "variáveis estratégicas" ou as conjunturas que provocaram o desencadeamento da emoção, é impossível a obtenção de um escalonamento que pretenda hierarquizá-los. Existiu o "clima do medo" como defende Jean Delumeau.

172- Eliade, Mircea - Op. cit., pp.58-59.

O discurso teológico da Igreja alcançou esferas diferentes e sua atuação sempre presente, preservou componentes ideológicos. O medo da morte, da doença, da cólera divina conduziram as litanias, e foram elementos da composição de orações e dos discursos religiosos.

Jean Delumeau, menciona o exercício religioso consagrado às litanias da boa morte que terminam com a frase "tende piedade de nós"<sup>173</sup>. Atrás dessas litanias dramáticas, vislumbram-se o "Dies irae", as inúmeráveis "Artes moriendi" ou outros livros de orações ligados à uma iconografia representativa de danças macabras, de Juízos Finais... A leitura do "Espelho do Pecador", nesse contexto, deve ser referenciada, porque fazendo parte de um conjunto de outros "espelhos", provavelmente usufruiu um tempo importante no cotidiano dos Cristãos. Não é aleatoriamente que um importante historiador, preocupado com as formas mentais, analisa diferentes "espelhos" que eram lidos nos tempos medievais<sup>174</sup>. O grande valor do "Espelho do Pecador" reside ser ele um testemunho precioso da presença das danças

173- Delumeau, Jean - Op. cit., pp.43-45.

174- Duby, Georges - As três ordens ou o imaginário do feudalismo. Op. cit., pp.105 e 132.

macabras e das descrições realistas do inferno<sup>175</sup>. Forçosamente, o "espelho" deveria fazer parte da leitura de alguns povoadores de São Paulo de Piratininga e realmente foi encontrado, em uma imagem deformada pela ótica do investigador, pois surgiu um "espelho em formato de livro"<sup>176</sup>. Não há, nas oito pranchas que formam "O Espelho do Pecador", pretensões artísticas, os desenhos são ingênuos e as figuras representam anjos, diabos com chifres e caudas e há cenas relacionadas à morte e ao Juízo Final<sup>177</sup>.

A densidade do teor vinculado ao medo, visível nos livros de orações e a sua utilização constante na vida cotidiana e nas cerimônias religiosas e ainda um pormenor relevante; a preservação de edições através de gerações, condição pertinente ao próprio conteúdo, conduzem a uma linha de raciocínio cimentada na formação de clichês impermeáveis a qualquer ação modeladora. Está vinculada

175- Lebrun, François - Op. cit., p.440.

176- Machado, Alcântara - Vida e morte do bandeirante. Introdução Sérgio Milliet, São Paulo, EDUSP, 1980, p.73-83, o autor menciona: "de Paula Fernandes um espelho desmanchado ou desgrudado", corresponde ao inventário de Paula Fernandes (Inventários e Testamentos, vol. III, p.296, 1614).

177- Lebrun, François - Op. cit., entre p.398-399.

realmente ao surgimento do "topos"<sup>178</sup>. Assim é que, analisando os discursos religiosos sobre a morte, e para ser melhor compreendido em seus propósitos, o notável historiador de *La peur en Occident*, justapõe em seu discurso, as "litanias da boa morte", exercícios espirituais que crianças de doze anos praticavam e que terminavam com a sempiterna frase: "misericordioso Jesus, tende piedade de mim"<sup>179</sup>. A edição citada por Delumeau corresponde ao ano de 1962. Com os mesmos propósitos do ilustre professor, portanto, para suporte de minhas reflexões sobre a força do discurso teológico, a edição que durante largos anos eu utilizei é de 1925. Na litania consagrada aos santos encontra-se:

"De tout mal, delivrez-nouz, Seigneur.

De tout péché.

De votre colère.

De la mort subite et imprévue.

Des embûches du démon.

De la peste de la famine et de la guerre"<sup>180</sup>.

178- Kayser, Wolfgang - Análise e interpretação da obra literária. 6ª ed., Coimbra, Arménio Amado, Editor, 1976, p.70.

179- Delumeau, Jean - Op. cit., p.43.

180- Missel de Notre - Dame de Lourdes - Braine - Le - Comte. Zech et Fils Éditeurs Pontificaux, 1925, p. 172.

Conhecedor profundo das regras do jogo, Cervantes utilizava para a montagem de um pseudo tribunal inquisitorial, de dispositivos que só alcançam um sentido quando o imaginário é acionado. Com efeito, há luzes, tochas, velas imensas em seus tocheiros, castiçais de prata, personagens com coroas nas cabeças - reis falsos ou verdadeiros...Quando Sancho recebe uma roupa enchumaçada negra, toda pintada com labaredas de fogo e em sua cabeça é colocada a mitra ignominiosa dos penitenciados do Santo Ofício, via-se ele mesmo ardendo em chamas...<sup>181</sup>.

Sem compromissos com as reflexões que foram focalizadas sobre as perseguições aos judeus, um celebrado autor contemporâneo escrevendo sobre a situação dos israelitas na Europa, anterior à última guerra, afirmou: "Desde tempos imemoriais, havia talvez mais de cem anos, os fiéis morriam tranquilamente nos seus leitos, não temendo senão a cólera, a peste e o santo nome de Deus"<sup>182</sup>.

181- Cervantes, Miguel de - Op. cit., p.651.

182- Bart, André Schwartz - O último justo. São Paulo, EDART, 1961, p.28.

Entretanto, a ausência de compromissos é totalmente aparente, porque o mesmo autor contrói um depoimento utilíssimo em direção aos estudos do imaginário: "Nesse tempo, todos os judeus do Ocidente usavam o uniforme infamante ordenado pelo papa Inocêncio III. Após cinco séculos deste catecismo, as vítimas tinham se transformado de modo curioso: sobre o chapéu pontiagudo, o "pileum cornutum", os bons fiéis imaginavam agora dois pequenos chifres; na parte inferior das costas, no debrum da rodela, adivinhava-se-lhes a lendária cauda; e já ninguém ignorava a terminação bifurcada dos pés dos judeus. Os que despiam os cadáveres ficavam espantados, julgando ver um último sortilégio nestes corpos tão humanos. Mas, regra geral, quer estivesse morto ou vivo, jamais tocavam num judeu a não ser com a ponta de um pau"<sup>183</sup>.

183- Bart, André Schwartz - Op. cit., p.18.

***C - Jogo de espelhos***

### *C - Jogo de espelhos*

O exame do terrível acervo formado pelos terrores ocorridos na Europa Ocidental a partir do século XIV, é fornecedor de subsídios de grande magnitude para a elaboração de alguns esboços do imaginário dos povoadores. Em verdade, espectros lúgubres associados às procissões, às litanias, aos mortos, aos choros e gemidos, aos séquitos de miseráveis, aos diabos que em diferentes e horríveis formas eram representados na literatura popular ou em Livros de Horas ou nas numerosas Danças Macabras, somados aos períodos de fome e de guerras sucessivas, às perseguições aos judeus e marginais, devem ter construído uma carga emocional fortemente sedimentada<sup>184</sup>. E, já foi afirmado que o sofrimento, a miséria e as dificuldades, tendem a deixar marcas mais acentuadas do que a felicidade e a riqueza<sup>185</sup>.

Em consequência, o planalto teria recebido em seus primórdios e durante um largo tempo, povoadores que traziam em suas estruturas antigas ou recentes, a

segurança existencial causada pela peste, pela fome, pelas

184- Delumeau, Jean - La Reforma. Barcelona, Editoria Labor, S. A., 1973, p.8.

185- Huizinga, Johan - Op. cit., p.14.

**Guerras e pelas perseguições.** Em São Paulo de Piratininga, o imaginário dos povoadores foi enriquecido pela presença do indígena, pelo sertão desconhecido, pela distância de outros centros e por doenças em forma epidêmica.

No conjunto das dificuldades, as epidemias que grassaram em São Paulo, tiveram, dentro de nossa perspectiva, um papel relevante, muito menor como agente de mortalidade, do que emotivo. A linguagem da documentação, traindo marcas antigas, colocava sob o nome de "peste", outros males, mas genericamente, eram o sarampo ou o "mal de bexigas"<sup>186</sup>.

A mais antiga epidemia registrada na Vila de São Paulo, foi ocasionada pelo surto famoso que em 1563 atingiu os Ilhéus ou Pernambuco, alastrando-se no litoral até ao Paraguai<sup>187</sup>. Anchieta deu seu testemunho a essa epidemia de bexigas, em carta escrita ao padre-geral Diogo Lainez, com palavras repletas de colorido, "para población tan pequeña fué buena renta para N. Señor"<sup>188</sup>. Nesses

186- Holanda, Sérgio Buarque de - Movimentos da população em São Paulo no século XVIII. Separata da Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 1, São Paulo, 1966, p.85.

187- Id., p.69.

188- Id., ib.

primeiros temos não houve outras epidemias de igual significado, pois não há registros nas Atas<sup>189</sup>.

A epidemia de 1666, agitou a Câmara de São Paulo, que manteve um verdadeiro policiamento, entre o planalto e o mar, visando evitar a penetração da doença. O comércio foi bloqueado, as penas impostas aos infratores foram severas, e, as medidas profiláticas adotadas para evitar o contágio, eram semelhantes às utilizadas por ocasiões de epidemias na Europa, isto é, o isolamento do doente e daquele que levantasse suspeitas. Tendo como apoio, as notícias encontradas nas Atas e referentes a esse ano, elaborei um pequeno quadro demonstrativo sobre a epidemia de 1666<sup>190</sup>:

21 de janeiro. Proibe-se a ida ao sertão por haver o "mal de bexigas" em Santos. A Câmara pede que toda pessoa que tiver em sua casa, na vila ou em seu termo, bexigas, que fizesse uma comunicação<sup>191</sup>;

189- Id., ib. pp.69-70

190- Cf. Abreu, Daisy Bizzocchi de Lacerda - "Considerações sobre a pobreza em São Paulo no século XVII". Comunicação apresentada no III Encontro Regional da ANPUH, Santos, 1976.

191- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, an. vol. VI, p.461.

22 de janeiro. É proibida a transação comercial com Santos, porque lá há "mal contagioso", como também outros males;

20 de março. A carta de 14 de março enviada pelo capitão-mor, Cipriano Tavares, "das as novas das bexigas, he peste eñ toda a costa do brazil, preñsivelmente va vila de Santos". O povo é chamado para que auxilie na vigilância dos caminhos do mar. As medidas de segurança são severas, "toda a pessoa que fose a vila de Santos ou ao cubatão ou rompesse caminhos dos goardas pera baixo, fose condenado em duzentos cruzados"<sup>192</sup>;

24 de abril. Lourenço Taques reque "que se não abrisse o caminho do mar", apresentando oitenta assinaturas<sup>193</sup>;

30 de dezembro. Afirma-se que o caminho do mar estava impedido há mais de oito meses, por causa da "peste das bexigas"<sup>194</sup>;

31 de dezembro. O término do ano é assinalado com a notícia discutida na "vereança". O povo havia se

192- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, op. id. ib. cit., pp.474-475. Sobre 22 de janeiro, v.p.462.

193- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., ib., pp.484-485.

194- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., ib., pp.512-514.

juntado à porta do Conselho e requereu aos oficiais que voltassem a fazer vistoria na "fazenda he sitio" de Gonçalo Lopes, porque havia suspeitas cada vez mais fortes, de que nos lugares referidos havia bexigas. O povo também pedia que se fizesse o mesmo nas casas de Manoel da Fonseca e na de Domingos Leite, pois "as tinham tañbeñ eñ suas cazas"<sup>195</sup>.

Ainda que encontre-se uma ou outra referência à peste em São Paulo, outros surtos epidêmicos de forma grave não devem ter ocorrido. Nas Atas encontram-se notícias de sarampo em 1668 e em 1677<sup>196</sup>. O sarampo não era tão maligno quanto à varíola, desde que não afetava de maneira grave os povoadores, todavia, em relação aos indígenas era um agente causador de mortalidade. Em 1654, a epidemia de sarampo foi fortíssima e os índios administrados foram sustentados "do que aos brancos se pôde tomar ou poupar"<sup>197</sup>. Em um inventário desse ano as palavras denunciam o perigo representado pelo sarampo ao indígena" ... "que todas as peças do gentio da terra estavam doentes desta peste de sarampão e se não podia por ora fazer partilhas delas por

195- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, pp. 450-451.

196- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p. 421 e pp. 586-587.

197- Holanda, Sérgio Buarque de - Op. cit., p. 71.

estarem muito mal e movendo-as para se partirem seria ocasião de morrerem a mor parte delas tudo em muito de fraude"...<sup>198</sup>.

Em 1680, houve uma epidemia, confirmada pelas Atas da Câmara, pois para auxiliarem a expedição de D. Rodrigo Castelo Branco, foram reunidos os indígenas que estão livres de "peste"<sup>199</sup>. A epidemia de 1680 foi realmente gravíssima e foi relatada por Pedro Taques: "...entrou em busca destas Esmeraldas, o Capitão Marcos d'Azeredo Coutinho, que tendo a felicidade de descobri-las, perdeu a vida com os demais de sua Tropa ao rigor da peste da dilatada Lagoa Vussavucu, no Reino de Mapaxo, e dos poucos que escaparam da morte, se formou roteiro do sítio, em que existe a Serra das Esmeraldas, que depois procurando-a os filhos do mesmo Capitão Azeredo não encontraram, nem outros dos quais fazemos adiante menção, até que conseguiu esta glória, Fernão Dias Paes, que no regresso para São Paulo

198- Inventários e Testamentos, op. cit., vol. XV, p.341.

199- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, op. cit., vol. VII, p.66.

perdeu a vida com a terrível peste, do veneno Rio das Velhas, em 1680"<sup>200</sup>.

Nos inícios de 1700, o transporte de marmelos para serem vendidos em Santos foi proibido, porque por essa via poderiam advir bexigas"<sup>201</sup>.

Em 1711, foi publicado um trabalho de autoria do médico João Rodrigues de Abreu que esteve exercendo a sua profissão em São Paulo. O relato aí encontrado é um testemunho valioso sobre o comportamento dos paulistas diante das epidemias: "Na cidade de São Paulo e em muitas outras do paiz dos Paulistas e o que chamam de Serra acima são morbos endemicos as bexigas, e é rara a pessoa a quem commetam que não matem. São tão medrosos os seus habitantes desta queixa que até desconfiam de ouvir falar nella"<sup>202</sup>.

Antepondo à hermética enumeração cronológica e às designações "peste das bexigas" ou "peste de sarampo" à observação do médico sobre os paulistas e o medo, vislumbra-

200- Paes Leme, Pedro Taques de Almeida - Op. cit., p.32.

201- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, op. cit., vol. VII, pp.532-533.

202- Toledo, Alfredo de - "Os médicos dos tempos coloniais". In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XX, p.369.

se o modelo antigo configurado em tempos de epidemias na Europa, o cordão sanitário é adaptado à feição geográfica de São Paulo, o acesso à Vila de Piratininga é bloqueado. Detectam-se sinais emitidos por uma sociedade desamparada e inquieta, as atitudes assemelham-se à outras, pertencentes à períodos dolorosos.

Na correspondência do Governador Martim Lopes Lobo de Saldanha, na segunda metade do século XVIII, os surtos de bexigas foram frequentes e as palavras alusivas à doença, parecem indicar formas mentais de um tempo passado e mantidas intactas no fundo das consciências:

... "eu sinto no meu coração, que o terrível mal das Bexigas me tenha estragado tanta Tropa, e continue, como o d.<sup>o</sup> Coronel me participa, porém como hé Disposiçãam Divina, faça-se a sua vontade"<sup>203</sup>;

... "q, as necessida.es espirituaes, e temporaes de todos os infelizes habitantes dessa denominada Praça me merecem tanta atenção, e compaixão, q' assim q' tive notícia de estarem sem Padre algum, logo pedi providencia ao S.<sup>r</sup> Bispo, que a manda no prez.te socorro; e assim q' tive

203- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. LXXV, p.49.

notícia da falta de viveres, q'todos ahí padecião, logo, entre as occupaens q'me cercavão, mandei o socorro, em q'Vm.ce me falla, e agora o possível; enfim tanto q' fui plenam.te certificado de pestilencia, e inutilid.e desse estabelecim.to, q'só serve p.a consumir as preciosas vidas"...<sup>204</sup>;

"Felo q' Vm.ce me participa de terem mais negros dos q'vieram em a embarcaçam em q'já se achava livre hum de bexigas, se deixa ver a grande cautella, q' devemos ter com todos, sendo certo, q' prim.o devemos atender ao bem comum, e evitarmos húa epidimia tam funesta aos Paulistas, como a experiencia me mostrou no primr.o anno do meu Governo..."<sup>205</sup>;

"estimo q'se tenha modificado nessa V.a o terrivel mal das Bexigas"<sup>206</sup>;

"Deos se compadeça de nós aplacando este terrivel mal das Bexigas..."<sup>207</sup>.

204- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. LXXVI, p.123.

205- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. LXXVII, p.143.

206- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. LXXIX, p.64.

207- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, id., p.92.

Em um outro aspecto, nesta sondagem contínua, voltada para formas mentais, idéias-força, arquétipos, em que as expressões são valiosas, é útil uma referência aos leprosos. Expulsos, perseguidos, representantes da cólera divina, portanto excluídos da sociedade, eles permanecem uma ameaça. As palavras de D. Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Matheus, fornecem alguns esclarecimentos:

"O terrível castigo do mal de São Lázaro com que a justiça Divina desde hum tempo a esta parte pelos seus justos juizos, vay aflagindo os Povos desta America se tem principiado a manifestar prezentemente em muitas partes desta Capitania, principalmente nas villas mais vezinhas ao Certão, e tão bem nesta Cidade ha já algumas pessoas feridas do mesmo mal, pelo sey desta materia digna de huma prompta providencia sobre a qual recorro a V.Ex.a como a primeira cabeça deste Estado, para que defenda no possível me expida V. Ex.a as ordens Regias que houver a este respeito para se poder instituir Lazareto e fazer-lhe renda por me parecer que será muito prejudicial a demora, precisa para se dar conta a Corte e esperar rezolução<sup>200</sup>.

200- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. LXXIII, pp.30-31.

E o Capitão General Martim Lopes Lobo de Saldanha, ordenando uma ação a ser efetuada em relação ao portador do mal de São Lázaro, assinala atitudes e idéias pertencentes ao contexto terrível e sombrio dos tempos difíceis da Europa Ocidental:

"O prezo inficionado do mal de S. Lazaro, já disse a Vm.ce, se devia separar da comunicação dos outros, e como o estar na mesma Cadeya precizam.te hade inficionar o ar della m.to justo me parece, Vm.ce o ponha em húa caza separada, guardado por húa guarda de quatro Soldados, e hum Inferior"<sup>209</sup>.

"Acompanhando a exposição acima, alguns segmentos pertinentes podem ser justapostos. Assim, na correspondência do Capitão General Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, encontra-se a notícia enviada no ano de 1797:

Sua Mag.e, aproveitando todas as occasioens de promover, e segurar o Bem dos seus Vassallos, ordenou que se traduzisse, e imprimisse à Custa de Sua Real Fazenda hum

<sup>209</sup>- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. 81, p.133.

Livrinho, que trata do modo de curar, e prezervar da Peste, da qual manda remetter a V.S. os Exemplares juntos, para que V.S. faça conhecer esta pequena Obra às pessoas, que della podem tirar alguma utilidade"<sup>210</sup>. Em 1801, na relação de livros remetidos ao Governador de São Paulo, acha-se um "Methodo de prevenir a peste"<sup>211</sup>.

Surgindo a vacinação j Jenneriana em 1796, ella é adotada rapidamente em todos os países e consequentemente, em 1799, faz parte da correspondência do Capitão General:

"Constando aqui os grandes estragos, que as Bexigas tem cauzado, e continuão a cauzar em todo o Brazil, Ordena o Principe Regente Nosso Senhor, q' V.S. procure introduzir, e promover por todos os meios nessa Capitania a Inoculação principalm.te nos Meninos Negros, e índios, pois que tem mostrado a experiênciã ser este o único meio, e o verdatr. o prezervatizo contra o terrivel flagelo das Bexigas, que fazem diminuir tão consideravelmente a População desse continente"<sup>212</sup>.

210- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol. 89, p.40.

211- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, id., p.240.

212- Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, id., p.166.

De acordo com o pensamento de um historiador, preocupado com a psicologia coletiva, as formas mentais se modificam lentamente, em descompasso com os elementos materiais da vida social. Estes, se transformam em um ritmo acelerado<sup>213</sup>. Contudo, não temos uma resposta sobre a razão do mental ter horror à mudança como a natureza tem horror ao vácuo<sup>214</sup>. Sendo assim, peste, miséria, guerras, perseguições, que ocorreram na Europa Ocidental construíram imagens e valores que foram preservados. Até quando?

213- DUPRONT, Alphonse - Op. cit., pp.3-11. Palavras textuais: "Il est cependant évident, dès les commencements d'une analyse du mental collectif, que le mental change moins vite que ne le font le "corps" ou les environnements matériels, voire les institutions. Dans un temps de "mue" comme celui d'aujourd'hui pour l'Occident moderne, nous pouvons le vérifier chaque jour".

214- Vovelle, Michel - Ideologias e Mentalidades. Op. cit., p.113.

## **CAPÍTULO 3**

### **A PERMANÊNCIA DO MITO**

**A - Desafios**

## **A - Desafios**

As grandes coordenadas do século XVII nos campos de Piratininga, definidoras, por assim dizer, dos móveis da movimentação dos povoadores, de suas idas e retornos e da descontinuidade das direções de suas ações, formadores de caminhos imbricados para a investigação, podem ser encontradas em um antigo e valioso texto:

"A lenda de Sabaraboçú vai ter larga repercussão entre os mamelucos de São Paulo.

Começa aqui esse período das pesquisas sertanejas de que a expedição de 1602, do comando de Nicoláo Barreto, é uma das primeiras e mais memoráveis, mas cujos feitos só se salvaram para a História nas notas de viagem de aventureiro estrangeiro. Começa esse período das expedições longínquas para descerem índios para as lavouras ou para buscarem minas cujos thesouros, só um século depois de porfiadas tentativas, se desvendam. Um século inteiro a bater os sertões atrás de uma chimera...

E seria acaso uma chimera para os contemporâneos de Cortez, de Cabral, de Pizarro e de Alvarado correr aventuras, dar azas à imaginação, crear Potosis em todos os sertões, e El Dorados onde quer que o desconhecido lhes podia deparar a elles os mais assignalados prodígios?"<sup>215</sup>

Em verdade, da longa crônica dolorosa que já foi discutida em breves cortes, emergiu uma sociedade que embora apresentando formas precárias em suas manifestações, revela ter mantido zelosamente preservado o fascínio pelo ouro, alimentado por sua vez, por vertentes diversificadas e parecendo possuir uma única origem: o mito do Eldorado.

Os textos pertencentes ao século XVII, indicam de modo acentuado que os povoadores do planalto apresentaram em relação ao ouro, idêntico comportamento, camuflado ou transparente, exibindo uma cumplicidade que surpreende o voyeurismo do historiador. Ao sinal denunciador do encontro de um provável Eldorado, respondem todos os

215- Sampaio, Theodoro - "O sertão antes da conquista". In Revista do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, vol. V, pp.79-94.

povoadores, numa formação disciplinar bélica, como elementos vibrando em uníssono, porque possuem a mesma frequência.

O apresamento do indígena, atividade intensamente praticada pelos povoadores, foi, além da base econômica da Vila de São Paulo, a garantia da sobrevivência do pequeno núcleo social paulista, considerando a importância do escravo nas lavouras do Nordeste, nos hervalis do Paraguai, nas minas andinas como força de trabalho, ou como elemento robustecedor das forças utilizadas na expulsão do flamengo<sup>216</sup>. Entretanto, tudo leva a crer que, embora a comercialização do índio e o intenso tráfico tenham dinamizado a ação dos homens do planalto, houve uma adaptação, houve até o imprevisto, houve a emergência. A leitura dos textos sinaliza a onipresença do ouro. De sua incessante busca desenvolveu-se o bandeirismo.

É útil lembrar que estudando o século XVII, historiadores pioneiros e consagrados, denunciaram a igualdade social manifestada no comportamento dos moradores da Vila de Piratininga e via de regra, colocaram como

216- Ellis, Myriam - "As bandeiras na expansão geográfica do Brasil". In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, op. cit., pp.273-306.

argumentos esclarecedores da situação encontrada, uma conjugação de fatores subordinados à localização, distante de outros centros populacionais e às dificuldades de acesso, sem deixarem de mencionar o pequeno número de povoadores. Acertadamente, foi afirmado que os moradores da Vila de São Paulo, vivendo um cotidiano igual-alegre ou doloroso, manifestaram idênticas formas psicológicas e expressões de sentimentos<sup>217</sup>.

Sobrepondo aos argumentos relacionados, o peso do fundo emocional, comum a todos os povoadores e agente poderoso da unificação social, é forçoso admitir que havia entre eles um vínculo sedimentado no imaginário. Todos eles estavam atrelados ao mesmo modelo mítico: o Eldorado.

Mas, sem anular conclusões ponderáveis, outras direções de investigação revelam significados indicadores de rupturas e de divisões. Trata-se de um quadro social que apresenta uma unidade difusa e que é interrompida por cortes formados por grupos de povoadores e que se encontram muito próximos a uma organização tribal. "Tratar-

217- Ellis Jr., Alfredo - Capítulos da História Social de São Paulo. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944, p.225.

se-ia de uma sociedade "fora dos eixos", que perdera todo o pudor, fazendo gala de seus vícios e brutalidades, próxima amiúde da demência, passando sem transição do crime cínico à penitência piegas, glorificando-se por vêzes das suas ações torpes e respirando deliciada o odor dos túmulos?"<sup>218</sup>

Seja como for, a sociedade delineada na Vila de São Paulo de Piratininga era formada por pequenos grupos cujo equilíbrio, mantido precariamente, dependia das decisões dos oficiais da Câmara. O estudo da distribuição de terras na Vila de São Paulo, revelando o mecanismo das doações, sedimenta a pesquisa voltada para a identificação dos grupos sociais, cuja presença nas petições pode ser configurada nas palavras repetitivas dos textos: "dou a cada um meia légua"<sup>219</sup>. Robustecendo a linha de raciocínio que foi exposta, um autor ao examinar o processo de doação das sesmarias, adverte: "Uma vez concedida a terra mudava-se para ella o dono com sua família. É preciso considerar que quando se diz família nos primeiros séculos de nossa história, entende-se a "gens" toda, composta de toda a

218- Perroy, Édouard - "Os tempos difíceis (séculos XIV-XV). In História Geral das Civilizações, sob a direção de Maurice Crouzet 3ª ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1965, p.218.

219- Abreu, Daisy Bizzocchi de Lacerda - A terra e a Lei. Op. cit., p.89.

parentella e administradores. Era a tribu toda que se mudava e quando um paulista allegava que queria ir povoar com a família, povoava de facto"<sup>220</sup>

O esboço de algumas conclusões sobre as formas sociais encontráveis na Vila de São Paulo em face da volumosa documentação, encontra um sinal alentador no número pouco expressivo de seus moradores, pelo menos relativo aos cadastráveis, os mencionados na documentação oficial. Realmente, a imprecisão e a fluidez marcavam igualmente os dados sobre a população em Portugal e outros países europeus e o "historiador apenas dispõe de impressões numéricas que não alteram o "quadro sintomático" para as várias regiões". Acresce a dificuldade em captar o sentido concreto de "vizinhos" e "moradores", conceito que se aplica aos chefes de família ou cabeças de "fogos", sem que se encontre um coeficiente exacto para o cômputo geral"<sup>221</sup>. Portanto, não causa espécie o encontrar a mesma situação na Vila de São Paulo. De um modo ou de outro, adverte Sérgio Buarque de

220- Moraes, Rubens Borba de - "Contribuições para a história do povoamento em São Paulo até fins do Século XVIII". In Geografia. São Paulo, Publicação trimestral da Associação dos Geógrafos Brasileiros (São Paulo), ano 1, nº1, 1935, pp.70-87.

221- Serrão, Joaquim Verissimo - Op. cit., p.234.

Holanda que, em se tratando do século XVII, os estudos que objetivem dados populacionais, terão que entrar no campo das hipóteses<sup>222</sup>. E o ilustre historiador, reconhecendo não serem os dados desprezíveis, conclui que "os indivíduos seguramente se conhecem"<sup>223</sup>.

Enquanto que para a Capitania de São Vicente, Gandavo apresenta quinhentos vizinhos, Fernão Cardim afirma que a Vila de Piratininga "terá cento e vinte vizinhos, com muita escravaria da terra..."<sup>224</sup>. Um documento de 1590, comprova a afirmação de Fernão Cardim: "...q' fizéssemos igreja pr. pasar esta villa de 140 moradores e ir em mtO acresentamento dos dízimos e rendas de sua magestade..."<sup>225</sup>. Conservada a prudência que deve ser mantida na avaliação dos levantamentos de população, a Vila de São Paulo deveria apresentar em 1637, uma relação "passante de 600 vizinhos"<sup>226</sup>.

222- Holanda, Sérgio Buarque de - Op. cit., p.62

223- Holanda, Sérgio Buarque de - Id., ib.(o grifo é meu). A inteligente conclusão do insigne historiador, estabelece uma posição fundamental para o estudo das formas mentais: se os indivíduos se conheciam, em decorrência, eles também "se compreendiam".

224- Gandavo, Pero de Magalhães - Tratado da Terra do Brasil História da Provincia Santa Cruz. São Paulo, EDUSP, 1980, p.40. Ver Fernão Cardim, Tratado da Terra e Gente do Brasil. São Paulo, EDUSP, 1980, p.173.

225- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, op. cit., 1º vol., p.410.

226- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol. II, p.4.

Para a interpretação inteligente dos quadros ou informações sobre a população da Vila de São Paulo no século XVII, é preciso admitir como pressuposto extremamente denso, a presença da população indígena. Por vezes, ela aparece tendo seus componentes designados como vizinhos, contribuindo assim para uma visão deformadora da realidade. Assim, um relatório de 1674 endereçado ao Conselho Ultramarino, assinala para São Paulo em si e nas outras sete vilas de seu recôncavo, um total de 20.000 vizinhos. Nesse exemplo, sem discutir a incorreção (seriam oito vilas, não abrangendo o litoral), a palavra vizinho não foi empregada em seu sentido próprio, isto é, o de chefe de família, proprietário de bens de raiz<sup>227</sup>. E forçosamente, recebendo o total proposto como um resultado correto, a conclusão decorrente estaria unida a um crescimento acelerado da população de origem européia, brancos e mestiços, completamente distante da realidade<sup>228</sup>.

Concluindo, o excelente quadro demonstrativo da população da Vila de São Paulo em 1676, muito bem

227- Holanda, Sérgio Buarque de - Op. cit., p.85.

228- Holanda, Sérgio Buarque de - Id., p.83.

referenciado por Sérgio Buarque de Holanda e que coloco a seguir, deve ser examinado considerando os argumentos justapostos acima. Sem dúvida, tendo sido elaborado na segunda metade do século XVII, comprova a inexpressividade numérica dos povoadores de São Paulo<sup>229</sup>.

Vilas	Vizinhos	Homens	índios
de			
Armas			
São Paulo	800	3.000	15.000
Parnaíba	180	500	3.000
Itu	70 ou 80	200 ou mais	500
Sorocaba	40	100	500
Jundiaí	50	100	250
Moji	50	100	200
Santos	250	400	500
S. Sebastião	40	100	100
S. Vicente	50	100	100

229- Holanda, Sérgio Buarque de - Id., p.86.

Correspondendo aos primeiros tempos e constituindo um traço característico, os povoadores formaram diferentes grupos, fixados provavelmente na linha de defesa da Vila de Piratininga. De modo precário ou manifestamente visível, os grupos ou bandos de moradores podem ser vislumbrados na documentação dos séculos XVII e XVIII. Em um ofício muito divulgado pelos estudiosos, expõe o Morgado de Matheus, os "vícios" dos paulistas: presunção, desconfiança, temor à prisão, ódio, vingança, ira desmedida e ainda o costume de matar sem motivo, através de ciladas, nunca publicamente. Os dados apresentados pelo Capitão General não seriam pertinentes a indivíduos portadores de formas de relacionamento grupal?<sup>230</sup>. Em um outro ofício, afirma o Morgado de Matheus que as famílias paulistas se opõe umas às outras, por motivos ocultos que passam dos pais aos filhos, relacionados à conflitos passados. O documento traz referências à "odios antiguos"<sup>231</sup>.

230- Ofício do Capitão General D. Luis Antonio de Souza Botelho Mourão ao Conde de Oeyras, nº9, dezembro de 1766. In Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, vol.LXXIII, p.66.

231- Ofício do Capitão General Luis Antonio de Souza Botelho Mourão ao Conde de Oeyras, nº10, dezembro de 1766. In Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, id., p.67.

Em 1583, os moradores achavam-se distribuídos  
nos seguintes caminhos:

"banda de hipirangua"

"Antonio de Froença

Bartolomeu Fernandes

Belchior da Costa

Dominguos Lois

Francisco Teixeira

Dominguos Gonçalves

Guaspar Nunes

Francisco de Brito"

"Moradores da banda da Ponte Grande"

Joane Anes

Paulo Roiz

Antonio Preto

Francisco Pa farel

Dominguos Fernandes

Diogo de Onhate

Po da Silva

Antonio Dias

Cristovão Gonçalves

Salvador Pires

Gonçalo Pires

Pero dias seus fos e genros

Francisco Pires

Po Alves

Antonio Guomes"

"Moradores de Virapoeira"

Jorge Moreira

Silvestre Teixeira glo fiz

Baltazar Roiz

Diohoguo Teixeira

Marcos frz

Baltazar gls

Braz Gonçalves

Jeronimo Roiz

jmo da quanha

Eastião Leme

mel frz

ãdres medes

ãdres de burguos

mel ribo

Loiz gomes

pero allves

ãto saiavedra

"Moradores no caminho de pinheiros"

"Afonso Sardinha

ãto Becudo

Frco da guama

fernão dias

domingos glz'

guaspar frz

allvro neto  
jmo do prado"<sup>232</sup>

Os "caminhos" e os seus respectivos moradores, apresentam subsídios úteis para uma visão de conjunto, de um perfil, relativo ao número de habitantes de Piratininga. Não obstante, convém observar que não constituem uma informação completa porque São Paulo, "trampolim para o sertão", abrigava outros moradores, os "estantes", que não eram residentes permanentes. De qualquer forma, o documento por vezes, é esclarecedor: "Alguns moradores não estão repartidos em caminhos, a saber Ju. Maciell Gaspar Nunes Simão glz' ant. botelho franco fez domingos dias mateus leme luyshianes salvador de paiva di teixeira bertolomeu bueno". Abrindo uma direção distinta para a investigação, desta vez voltada para a qualidade dos moradores dos "caminhos", o documento citado traz uma observação: "São obrigados a fazer a ponte do rio Tamanduateí"<sup>233</sup>.

232- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.1, pp.237-238.

233- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.300 (O ano é 1586).

As evidências são fortes em relação à importância dos chamados "caminhos" que originando os bairros atrelados aos seus capitães, facilitaram a ação da Câmara. Portanto, dez anos após a apresentação dos componentes dos caminhos do Ipiranga, de Ponte Grande, de Ibirapuera e de Pinheiros, são convocados Jeronimo Roiz para "chamar a gente de ubirapoera e Jerabatiba", Gaspar Fernandes para "os da ãbuasava", Pero Nunes para o Ipiranga e Gaspar Colaço para o Pequeri<sup>234</sup>. Continuando, demonstrando a transformação dos caminhos em bairros e de seus "cabeças" em capitães, encontra-se em um texto; "Mandassem chamar aos capitães dos Bairros para que com a gente de seus bairros se fasão os caminhos e estradas e sahidas desta villa"<sup>235</sup>. E quase de modo usual, o povoador é referenciado nas Atas da Câmara juntamente com o nome do bairro. Todavia, o aproveitamento da organização semi-grupal dos moradores da "Vila de São Paulo é muito sugestivamente atestado nos Termos de Vereança:..."mandasem chamar os capitais dos

234- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id. ib., p.457 (O ano é 1593).

235- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, an. vol.VI, pp.43-44 (O ano é 1657).

bairros para os obrigarem a que cada coal com a sua gente vam fazer o caminho do mar"<sup>236</sup>.

Sobre a atuação dos grupos da sociedade da Vila de São Paulo, um autor empresta palavras calorosas, utilizando o apelativo "caudilho" ao referir-se aos seus "capitães", qualificação discutível, mas, ponderável<sup>237</sup>.

Percorrendo os textos, eles denunciam a situação sempre repetida de grande perigo, sendo tão claros que não exigem decodificação. No "Treslado de hua carta q' se mādou ao sor capitão Jro leitão", o perigo, as dificuldades são relatadas:... "morte de go affonso... isaque dias..." e q' no recontro q' tiverão cõ... dizião ja serem todos mortos e os trazião na bariga e q' tinham recados q' ãdavão no paraíba q' matassem todos os q' de qua fosse ao sertão..."<sup>238</sup>. Datando a notícia transcrita do ano de 1590, vinculada a ela há a ordem, o "pregão":...q' todo morador desta vila mor estivesse prestes cõ suas armas e mätimetos

236- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.VI, p.314 (O ano é 1673).

237- Vianna, F.J. Oliveira - Populações Meridionaes do Brasil. Historia-Organização-Psycologia. 3ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933, 1ª vol., pp.261-268.

238- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.I, p.390.

pa q' sendo necesario acudão cõ dillegencia e q' se leväten os muros da vila cada hu o q' lh couber en seus chãos e q' outrosin stivese nesta vila cada semana des homeis cõ ho juiz q' na va residir de q' se fara rol e os q' houveram de assistir am de se chamados po ho dito rol que se fizer e cada hu se avie dos mätimetos necesarios cõ pena quinhentos reis pa cõselho e cativos/ e os q' não vierem na sua semana sendo chamado pelo rol paguara duzentos rs pa o cõselho e q' serão cõdenados/ e q' os muros se leväté detro de quinze dias só pena de cinco tostões pa ho cõselho e o levätaré a sua custa per aver novas de enemigos de q' se lansara preguão".

Condicionando a formação dos grupos à extrema situação de insegurança, sem discutir as suas prováveis origens associadas a estruturas antigas ou recentes, torna-se oportuno citar as palavras da "vereança" de 1596:... "mea duzia de homens q' vigiasse e guardasse a terra e q' estes tivesen hu cabeça q' hos mädase e q' a pena fosse mais moderada"...<sup>239</sup>. Sugestiva é a expressão do texto em 1607, interpretando um conceito cristalizado compulsoriamente. São Paulo era "vila en fronteira"<sup>240</sup>. Aumentando a intensidade

239- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.II, p.12.

240- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.189.

da insegurança dos moradores havia os inimigos "ingleses e franceses q' ãdão pela costa"<sup>241</sup>.

Examinando-se documentos que apresentam listagens de moradores da Vila de Piratininga, é comum encontrar-se uma oscilação relativa à presença deles, isto é, não há probabilidade da organização de informações precisas. Em realidade, quando os moradores são enumerados em registros variáveis, como decisões comuns, requerimentos, matrículas de índios e outros, eles podem estar ausentes em alguns documentos e apresentarem presença definida, em outros. Se "o trabalho dos sertanistas de Piratininga consistira, antes, em limpar a região dos indígenas", fatalmente, em face do pouco número dos povoadores, a Vila de São Paulo sempre se conservou esvaziada no que diz respeito aos seus homens<sup>242</sup>. Acentuando o caráter dispersivo dos povoadores do planalto, sobre a Vila de São Paulo afirmou um autor: "tornou-se um apêndice do campo"<sup>243</sup>. A Câmara de São Paulo exercendo a função de sinaleiro sensível

241- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.16.

242- Porto, Costa - op. cit., p.87.

243- Morse, Richard H. - Formação Histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole). São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970, pp.29-30.

ao perigo e consciente da situação de instabilidade dos moradores, por vezes comprova o "esvaziamento" da Vila: ... "impedisse com todo o rigor a entrada que se pretendia fazer ao sertão porquanto se despejava esta terra e havia aviso de que em canarias estava uma armada inimiga para vir infestar esta costa e estando a capitania sem gente corria muito reseo de ser tomada"<sup>244</sup>.

As análises sobre os povoadores de São Paulo não seriam difíceis se a pequena Vila pudesse ser considerada como um núcleo central, mas a dispersão por numerosos povoados, notável desde os séculos iniciais, a extrema imprecisão das informações fornecidas pelos documentos, tornam os estudos profundamente intrincados<sup>245</sup>. Convém admitir que ao lado dos interesse centralizados nas atividades sertanistas, havia outros ligados ao comércio ou relacionados à oportunidades oferecidas em outras localidades. Nessa perspectiva, descortina-se um amplo campo de investigação, diretamente associado à presença de moradores de Piratininga em relações pertinentes a

244- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.V, pp.230-231.

245- Marcílio, Maria Luiza - A cidade de São Paulo Povoados e População 1750-1850. São Paulo, EDUSP, 1973, p.33.

documentos, dela dissociados. Os caminhos a serem seguidos por essa vertente, poderão ser bloqueados por vezes, diante de problemas verticais causados pela quantidade expressiva de homônimos. Porém, não deixa de ser instigante o encontro de nomes como Simão Machado, Pascoal Sardinha, Gaspar Sardinha ou João Gomes Sardinha...<sup>246</sup>. Respondendo parcialmente à presença de povoadores do planalto em regiões distantes, o Regimento de Tomé de Souza, exigia que em relação às petições de terras, o pretendente à sesmaria, precisaria ser morador na povoação próxima às terras desejadas<sup>247</sup>.

Sem alcançar conclusões finais sobre a irregularidade da presença dos povoadores em Piratiniga, é bom, em superposição, colocar a atração exercida por Potosi, nesse particular, reproduzida no texto com as palavras referentes aos homens de Piratiniga que "com bom caudilho passam ao Peru por terra, e isto não é fábula"<sup>248</sup>. Observar

246- Araujo, Monsenhor José Pizarro de Souza Azevedo e - Relação das Sesmarias da Capitania do Rio de Janeiro. Extraída dos Livros de Sesmarias e Registros de Cartorio do Tabelião Antonio Teixeira de Carvalho. De 1565 a 1796. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol.LXIII, pp.93-153. Sobre Simão Machado, Ver Daisy Bizzocchi de Lacerda Abreu, op. cit., pp.92-93.

247- Abreu, Daisy Bizzocchi de Lacerda - Op. cit., pp.39-40.

248- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.II, p.499.

que as comunicações entre São Vicente e os núcleos espanhóis do Paraguai, eram antigas, talvez anteriores a 1526, robustece a idéia do bom e antigo conhecimento das vias de acesso ao vice-reino do Peru<sup>249</sup>. Existia um intercâmbio regular, por assim dizer, entre Vila Rica do Espírito Santo, no Paraguai e a Vila de São Paulo. Diz um documento: "João benites de la cruz procurador e po minho - po glz - sebastião de peralta", eram soldados espanhóis vindos de Vila Rica<sup>250</sup>. Na "vereação de 1627, os espanhóis de Vila Rica e de outras povoações, são acusados de se apossarem do gentio, "dentro da Coroa de Portugal"<sup>251</sup>.

Abrindo um curto parêntese, se aquilatarmos a importância da expansão dos sertanistas do planalto em direção ao Alto Peru, os textos não são quantitativamente expressivos e formam um pequeno conjunto de notícias coletadas na documentação; entre elas a celebrada morte de Antonio Castanho da Silva, em Potosi. A produção literária da América Espanhola, particularmente relativa a do Peru,

249- Canabrava, A.P. - O Comércio Português no Rio da Prata (1580-1640). São Paulo, EDUSP, 1948, pp.130-138.

250- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.II, pp.136-137.

251- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.III, p.282.

poderia enriquecer e alicerçar o tema. Um ótimo exemplo do valor da literatura da América Espanhola, encontra-se no trabalho de Ricardo Palma, *Flor de Tradiciones*, uma coleção de contos onde são descritas, por vezes, cenas do cotidiano entre os "hijosdalgo y mineros", de grande interesse para os estudos sócio-econômicos do século XVII, surgindo por vêzes a figura do português<sup>252</sup>. E ainda sobre a irradiação de Potosi, atravessando o oceano, ela foi fixada por Cervantes: "... y hoy está aquí, y mañana en Francia, y otro dia en Potosi"<sup>253</sup>.

Todavia, caminhos, rotas ou outros tipos de vias de penetração, têm que ser pensados sobre uma rede de comunicações, terrestre ou fluvial, conhecidíssima e utilizada pelos indígenas por longos anos. São palavras úteis: ... "les découvreurs du Continent sud-américain, même ces bandeirantes paulistas (partis de la ville de São Paulo, fondée en 1554) et don l'épopée est admirable, au cours des XVIe, XVIIe et XVIIIe siècles, n'ont fait que redécouvrir les vieilles pistes et rivières à pirogues utilisées par les

252- Palma, Ricardo - *Flor de Tradiciones*. Introduccion y notas de George W. Umphrey y Carlos Garcia-Prada University of Washington-Seattle Wash. Mexico D. F., Editorial Cultura, 1943, pp.76-78.

253- Cervantes, Miguel de - *Op. cit.*, p.516.

Indiens et ce sont généralement des métis (de Portugais et d'Indiens), les Mamelucos, qui les conduisent par la main"<sup>254</sup>. Em um antigo estudo, encontra-se um pensamento similar: "A permanência de caminhos numerosos que da vila de São Paulo conduziam, ora às minas gerais, ora ao sul, onde se estabeleceriam as primeiras reduções de guaranis, parece ter fixado, muito mais do que o rio Tietê, as direções iniciais da expansão bandeirante"<sup>255</sup>. Muito bem analisadas têm sido as qualidades de orientação dos índios brasileiros e nesse caso, os caminhos e direções percorridos pelos sertanistas, constituem uma grandiosa consequência<sup>256</sup>.

Alargando as ponderações discutidas, torna-se útil lembrar que a rede telegráfica do Mato Grosso ao Amazonas, teve a sua construção sedimentada sobre antigos caminhos e rotas indígenas. Nesse aspecto, as aldeias dos índios prestaram notável auxílio, fornecendo guias e também atuando como centros abastecedores das expedições enviadas à regiões quase que totalmente desconhecidas. As palavras

254- Braudel, Fernand - Civilisation Matérielle et Capitalisme (XVe-XVIIe siècle). Paris, Librairie Armand Colin, 1967, p.44.

255- Holanda, Sérgio Buarque de - índios e Mamelucos na expansão paulista. In Anais do Museu Paulista, op. cit., p.193.

256- Cortesão, Jaime - Op. cit., p.17.

textuais colocadas a seguir, atestam o valor do índio: "Na execução da exploração propriamente dita, tomei a meu cargo a bússola de algibeira para ir dando os rumos dos alinhamentos, de acordo com as informações que o cacique Parecis, Mathias Toloyri, que sempre marchava ao meu lado, ia nos fornecendo sobre a região que percorríamos. O tino prático deste índio era admirável"<sup>257</sup>. E sobre a habilidade do indígena na construção de suas trilhas, há o exemplo do traçado do caminho do mar, sobre o qual foram colocados, quase que rigorosamente, os trilhos da estrada de ferro<sup>258</sup>.

Em termos verdadeiros, a Vila de Piratininga constituía o centro balisador de todos os caminhos e a sua localização geográfica justificava amplamente essa posição<sup>259</sup>. Em decorrência, o povoamento de São Paulo realizou-se atrelado a um princípio determinado e

257- Rondon, Major de Engenharia Candido Mariano da Silva - Relatório 1900-1906. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949, p.77. Os relatórios das expedições empreendidas por Rondon, inclusive os elaborados por membros de sua equipe, contém informações e estudos valiosos sobre a participação dos índios, não somente relacionada com o conhecimento dos caminhos, como também auxiliar indispensável em todos os aspectos da expedição. Por ocasião de um sofrimento atroz causado pela falta de água, encontra-se: "...por felicidade, deparamos com um novo trilho de índios, quando o ruído de uma cachoeira já anunciava um rio próximo". Ver Coronel Candido Mariano da Silva Rondon, Relatório, Rio de Janeiro, Papelaria Luiz Macedo, 1ºvol., primeira parte, p.57.

258- Pereira, Baptista - A Cidade de Anchieta. In Revista do Arquivo Municipal de São Paulo (maio de 1936), Anno II, vol.XXIII, pp.3-123.

259- Prado Jr., Caio - A Cidade de São Paulo. 13ª ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983, pp.42-56.

invariável: ... "consiste numa progressão, a partir de um centro, que é justamente a região ocupada pela capital, por linhas que penetram o interior por várias direções"<sup>260</sup>. Oportuno é admitir que as direções enunciadas visavam prioritariamente as minas de ouro e os textos encontrados nas Atas da Câmara são comprovadores, como por exemplo "... proveo que se fação os caminhos asi das minas como os mais e se faça a ponte grãde que he o caminho do mar"<sup>261</sup>.

260- Prado Jr., Caio - Evolução Política do Brasil. 2ª ed., São Paulo, Editora Brasiliense Ltda, 1947, p.119.

261- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.II, p.443 (o ano é 1620).

## **B - Tensões**

**B - Tensões**

Sobre as contínuas ausências, omissões e apresentação de pretextos para se eximirem da participação da vida pública, refletidas nas relações dos moradores, análises valiosas têm sido elaboradas por historiadores. Assim, em um trabalho sobre a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, a autora afirma que os privilégios concedidos aos seus componentes, eram utilizados como pretextos para se esquivarem das obrigações exigidas pela Câmara<sup>262</sup>.

Os textos confirmam que os irmãos, mesários, provedores ou outros, justificavam a impossibilidade de comparecerem às reuniões da Câmara, motivada pelos deveres dos cargos que ocupavam na Misericórdia. Em relação às justificações apresentadas pelos povoadores e fixadas nos papéis da Câmara, elas formam um elenco diversificado, revelador, segundo minha ótica suscetível a enganos, de

262- Mesgravis, Laima - A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599-1884). São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1976, p.39.

atitudes originadas do desespero. Havia uma imperiosa missão a cumprir.

Assim na documentação, encontram-se de argumentos sólidos, fundamentados na emergência e no desespero, originados, criados pelas convocações. Condicionadas ao escapismo do investigador, são visíveis formas humorísticas, que, talvez habituado ao divertido, não consegue se prender à austeridade, à ausência do riso. O riso no século XVII pertence a fenômenos parcialmente típicos da sociedade. O importante e o ponderável não são cômicos ou pitorescos: "... não se pode exprimir na linguagem do riso a verdade primordial sobre o mundo e o homem, apenas o tom sério é adequado..."<sup>263</sup>.

Ocorriam, emergindo de uma anomia que coexistia com a disciplina rígida e subordinada aos objetivos, as justificativas que obedeciam a motivos reais, às doenças e às distâncias, impediam frequentemente a presença dos moradores e Sebastião Leme, em 1608, apresenta dois argumentos para o não comparecimento: estava doente e a

263- Bakhtin, Mikhail - A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Francois Rabelais. São Paulo, Editora Hucitec, Editora Universidade de Brasília, 1987, pp.57-58.

sua fazenda estava distante da Vila cinco ou seis léguas<sup>264</sup>.  
 É conveniente, nesse enfoque, destacar que de acordo com a  
 avaliação da época, a Vila de São Paulo encontrava-se  
 distante de Santos em um total de quatorze léguas<sup>265</sup>.

Exemplos sugestivos e que decodificados  
 poderão subsidiar o esclarecimento de outras questões:

- "...e que não havia oficiais para fazer  
 câmara por respto de os juizes ambos serem nas minas por  
 mädado do sñr gdor frco de sousa"<sup>266</sup>;

- "O vereador mais velho e Manuel João  
 assistem no quintar do ouro por orden do gov"<sup>267</sup>;

- "Francisco Rodrigues Raposo que elle  
 suplicante é proprietário do cargo de escrivão da ouvidoria  
 está indisposto dos olhos como é notorio"<sup>268</sup>;

264- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.II, p.210.

265- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.324 (o ano é 1612).

266- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., pp.289-290 (o ano é 1611).

267- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol.1, p.421 (o ano é 1623).

268- Registro Geral da Câmara de São Paulo, id., p.481 (o ano é 1633).

- Cosme da Silva, procurador do ano anterior, pede que "façam" procurador porque ele era "omen pobre e morava longue e não podia assistir todos os sabados pelo que faltando algu sabado protestava não encorer en pena"<sup>269</sup>;

- Romão Freire "não asis nesta vila por morar muito longe dela e "pasa de dois mezes não vem a ella"<sup>270</sup>;

- "Simão Roiz enriquez que servia por pellouro se auzentara desta villa p/ a cidade do rio de janeiro a curar-se de seus achaques"<sup>271</sup>;

- O juiz "Joseph de Camargo escusou-se dizendo que era provedor da casa da Santa misericórdia"<sup>272</sup>;

- "D. Simão de Toledo, juiz dos orfaos, havia sido eleito para vereador, disse que tinha muitas ocupações em seu juizo e inventários, contas que tomar aos curadores, tempo tomado a fazer invs pelos termos da vila"<sup>273</sup>;

- Diogo Roiz, morador foi chamado para servir de procurador do Conselho, e ele disse que "era homem de negocio nesta villa como a todos he notório e lhe vinha

269- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.IV, p.423 (o ano é 1639).

270- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.VI, p.16 (o ano é 1653).

271- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.95 (o ano é 1654).

272- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.V, p.458 (o ano é 1651).

273- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.VI, pp.80-81 (o ano é 1654).

muito negocio asin do rio de janro como de outras partes e do reino de portugal pella coal cauza ordinariam ia e vinha ao porto da villa de Santos ..... ausentava-se muito e não podia assistir ao cargo", foi empossado e se faltasse, segundo o documento, 6\$000 e 30 de Cadeia"<sup>274</sup>;

- Os oficiais estavam em reunião e foi chamado o procurador do Conselho, Thome Mendes Rapozo que não quiz vir, "mostrandose rebelde". Percebendo os oficiais da Câmara que o procurador não aparecia, mandaram-no chamar por dois tabeliães, mas ele escondeu-se "mostrando em tudo sua Rebelião"<sup>275</sup>;

- O juiz Joseph de Camargo "escusou-se dizendo que era provedor da casa da Santa Misericordia"<sup>276</sup>;

- O procurador e o tesoureiro da Misericordia não estão na vila<sup>277</sup>.

Deve ser observado entretanto, que o argumento mais utilizado para justificar o não cumprimento dos deveres para com a Câmara, louvava-se nos laços de parentesco. As Ordenações proibiam que servissem na Câmara,

274- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., pp.81-82 (id.).

275- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.VII, p.220 (o ano é 1683).

276- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.V, p.458.

277- Inventários e Testamentos, op. cit., vol.XXVII, p.30.

a um só tempo, oficiais unidos por laços parentais. Porém, diante das ausências excessivas, ainda que os laços parentais fossem intrincados, os moradores da Vila de São Paulo, colocando o parentesco como obstáculo, algumas vezes, falseavam a verdade. O que importa acentuar, é que, expressivamente, os moradores de São Paulo evitavam um compromisso que os obrigasse a permanecer na vila durante um tempo fixo e determinado. À guisa de exemplo: ... "pera efeito de fazerem hu procurador do conselho pois o que tinham feito se escuzou com parentesquo que tem elle procurador dito simão lopes com a molher do juiz ordinario domingos barboza calheiros ficarem em linha de terseiro pera o quarto grao e pera o mesmo efeito se mandou logo juntar o povo pera se fazer outro na forma da lei" ...<sup>278</sup>. Afirmando que era parente próximo de um vereador e homem enfermo e achacoso, Mauricio de Castilho ficou preso em sua casa "em rezão da cadea estar desmanchada", até que o parentesco fosse verificado<sup>279</sup>.

278- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.V, p.509 (o ano é 1652).

279- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.416 (o ano é 1650).

Os oficiais mecânicos não podiam servir no Conselho e as justificativas arroladas, aproximam-se, considerando as expressões empregadas, aos exemplos que já foram enumerados. Como nos documentos anteriores, invariavelmente, há que destacar o empenho no afastamento e junto à condição de oficial mecânico, faz-se também menção aos vínculos originados do parentesco<sup>280</sup>.

Fortalecendo falsos ou reais problemas, vislumbra-se através da leitura dos textos, o interesse manifestado por alguns elementos, na participação do Conselho: "Pedro Madeira está homisiado e n pode assistir nesta vila e André Furtado quer o cargo"<sup>281</sup>. Decorrente dessa proposição, é muito provável que os oficiais da Câmara representassem vários grupos de moradores e de um modo ou de outro, procurassem salvaguardar os interesses de todos os moradores. Em outra perspectiva, as ausências ou omissões contavam com o beneplácito de todos. Sendo assim, um texto muito sugestivo do ano de 1633, relaciona-se à provisão vinda da Bahia para que ficassem proibidos de exercerem os

280- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol.1, pp.478-479 (o ano é 1633).

281- Registro Geral da Câmara de São Paulo, id., p.350 (o ano é 1621).

cargos públicos, o ouvidor e os oficiais da Câmara. Eram oficiais da Câmara nesse ano os seguintes moradores: Antonio Raposo Tavares, Pedro Leme, Lucas Fernandes Pinto, Paulo do Amaral e Sebastião Ramos de Medeiros. Eles "havia[m] procedido contra os padres da Companhia que residem nas ditas aldeas", Marury é o nome que se encontra no documento indicativo das aldeias, "tendo-os de cerco largo tempo quebrando-lhes as portas de seu recolhimento profanando a igreja e as cousas sagradas a que acresce veemente suspeita de que o intuito principal dos ditos oficiais, e mais povo daquela cap. é cativar os índios por serem a isto costumados encontrando em tudo minhas leis e ordenações excedendo os termos ... porque nelas mando se proceda pelo que tudo merecem castigo que sua culpa...". Diz ainda o mesmo texto: ... "os privar dos officios que estão servindo e declaro por nulo o que o dito ouvidor e mais oficiais da Câmara fizeram e processaram depois de declarados..."<sup>eee</sup>.

Um texto sumamente esclarecedor sobre os comportamentos dos povoadores, traz o seguinte relato: "O Ouvidor Geral da Repartição Sul João velho azevedo, veio

fazer a eleição dos oficiais que haviam de servir este presente ano e o de 54 e 55, achou a porta de onde se faz câmara fechada, por haver fugido o juiz ordinário Jeronimo de Camargo e haver levado a chave da porta e da arca e cofre dos pilouros". O alcaide Francisco Dias mandou um serralheiro abrir as fechaduras da porta, da caixa e do cofre. Um papel lacrado e selado foi queimado e começou-se a fazer nova eleição"203.

A análise da mensagem contida no relato que coloquei, não compromete um julgamento sobre o comportamento dos povoadores. Representa um fragmento da realidade, diante de um sistema distante de suas aspirações e de suas dificuldades.

Condensando em uma só vez as justificações mais comuns, valioso e expressivo é o texto seguinte:

"E tendo tomado juramto o dito Luis damaral pelo qual foi dito que elle nam podia servir o dito cargo de prcurador do Conselho em rezam de ser hu home pobre e mto

203- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.VI, pp.20-21.

doente e achacado que estando dous dias de pe quatro esta de cama e juntamte aver outra cauza urgente em sua molher ser mto chegada parenta do juiz ordinario roque furtado simões digo que a mulher do dito juiz dentro do terseiro para o quarto grao pella qual rezam não podia servir o dito cargo..."<sup>284</sup>.

Alguns questionamentos devem ser apostos ao exemplo que foi exposto, lembrando como advertência oportuna e evidentemente presa ao documento, que Luís do Amaral conseguiu se libertar do cargo que havia "saído do pelouro":

- Qual o significado da recusa a um cargo que segundo o olhar do analista, em termos hierárquicos, refletia uma boa posição?

- O "ser pobre" carrega um apelo submetido a modelos tradicionais ou possui uma conotação econômica?

- "doente e achacado" corresponde à imagens criadas pelo imaginário? E "dous dias de pe quatro esta de cama", não é um apelo ainda atual?

- a alegação relativa à situação parental, assinalada na parte final do documento, desta vez cimentada

284- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, an. vol.VI, pp.110-111 (o ano é 1659).

na legislação, revela a dicotomia entre a terra e a lei ou então o ajustamento do imaginário às exigências sistema?

Desdobrando as últimas reflexões, sem perder os seus conteúdos, há sinais que tornam opaca a força da Câmara em São Paulo e os textos que alinhei e que exponho em seguida, possuem um teor extremamente real porque apresentam componentes encontráveis em toda a documentação pertinente:

- 1610: os moradores se recusam a pagar a finta e Belchior da Costa não quer recolhê-la porque "os moradores o afrontavam e o injuriavam e maltratavão com palavras injuriosas"<sup>285</sup>;

- 1645: As palavras de Sebastião Fernandes Camacho: querem impedi-lo de ir às minas, com ordem de prisão<sup>286</sup>;

- 1658: A última reunião da Câmara havia sido em agosto e os oficiais da Câmara não se "ajuntaram" mais cedo, não fizeram "camara", não acudiram com suas obrigações, devido à muitas sedições e tumultos que havia na vila..., "os...dores della hus com ou outros pella qual rezam os ditos vreadores se auzentaram desta villa e nam vieram a ella foi pello muito risco que corriam suas pesoas e vidas. O gentio andava "rebelado" fazendo muitas mortes e

285- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.II, p.276.

286- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol.VII (supl.), pp.215-217.

roubos. Voltaram os officiaes por estarem as couzas mais moderadas e consoltaram os moradores desta dita villa se fizese eleisan de amigavel composisan pera pas e quietasam deste povo e republica e assim acudiram todos pera se fazer a

dita eleisan". Assinam o documento em dezembro, quatro meses depois:

Escrivão: Domingos Machado;

Juiz: Francisco Pires de Siqueira;

Vereadores: Estevam Furquim, Antonio de Almeida, Gaspar Vieira de Vasconcelos;

Procurador do Conselho: Gonçalo Lopes<sup>287</sup>;

- 1693: Encontram-se nos termos de Vereação e "Requerimto do povo": "...pegarão em Domingos Cardozo Coutinho foy dito que elle hera hu home ensofisiente e pouco visto nos previlégios desta terra por ser nella forastero",... "se levantou o povo della ao toque do sino do conselho que foi mandado toquar pello mesmo povo violentamente gritando he hua vos dizendo viva o povo morra o mau governo"<sup>288</sup>.

287- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, an. vol. VI, pp.101-102.

288- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol. VII, pp.202-206.

Se o número de moradores da Vila de São Paulo não era considerável, na formação dos grupos em que a sociedade se dividia, o elemento indígena constituia a sua maior expressão. Participando de todas as atividades dos povoadores e como já foi destacado, atendendo os interesses da agricultura ao norte do Brasil ou no Paraguai, o índio esteve presente na localização das jazidas auríferas e também no apresamento do próprio gentio, embora ele mesmo fosse seu representante.

Em um documento com o registro da "gente carijó", verificam-se com nitidez os grupos de moradores:

"Pessoas nomeadas para o benefício das minas

Gente de Alonso Peres Calhamares

Peças de Pedro Vidal filho de Alonso Peres

Gente de Manoel Peres Calhamares

" " Antonio Peres

" " Alvaro Neto o Moço

Assento dos índios de Andre Gonçalves e Filho

(daí em diante desaparece no documento a  
palavra "gente")

Andre Gonçaves o Moço

Jacome Nunes

Antonio Camacho

Alvaro Neto o Velho

Manuel Rodrigues Soldado de ... Tauna

Vicente Alves

Gabriel Rodrigues

Faschoal Dias

Andre Botelho

José Alvares

Manuel Pinto

Manuel de Castilho

Domingos Cordeiro

João de Oliveira

Simeão Alvares            24 almas

Sebastião Fernandes Camacho

Aleixo Leme

Pedro Vicente

Matheus Leme

Domingos Leme

Francisco Leme seu irmão

Antonio Fernandes Pinto

Filho - Lucas Fernandes Pinto

João Pires

Estevão fernandes  
Pedro Madeira  
Antonio Pinto  
Manuel Fires  
Custodio de Aguiar Lobo  
Manuel de Aguiar  
Diogo de Lara  
Pedro Nunes  
Matheus Neto  
Domingos Martins  
Paulo da Costa  
Pedro de Araujo  
Francisco de Alvarenga  
Miguel Luiz  
Antonio Vaz  
Francisco Vaz Coelho  
Chrisostomo Alvares  
Ascenso de Quadros  
Braz Esteves  
Christovão de Aguiar Girão  
Jacques Felix  
Francisco Teixeira  
Gaspar de Brito  
João Maciel  
Luiz Dias  
Gonçalo Gil  
Clemente Alvares

Ambrosio Mendes  
Pedro da Silva  
Christovão Mendes  
João Paes  
Gonçalo Gil  
Miguel de Almeida  
Gaspar Maciel  
Januario Ribeiro  
Antonio Lourenço  
Antonio Bicudo  
João Pedroso  
Antonio Luiz  
Gaspar Cubas  
Balthazar Nunes  
Manuel Mourato  
Manuel da Costa  
Domingos Fernandes de Parnaiba  
Simão Borges ... Dias e Simão Borges  
Pedro Vaz de Barros  
Jeronymo Alves  
Balthazar Fernandes  
Affonso Sardinha  
Antonio Furtado<sup>289</sup>.

289- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol. VII (supl.), pp.117-157. O ano é 1615 e o documento é valiosíssimo porque além de outras conotações, aí se encontram relacionados os nomes de povoadores que invariavelmente serão nomeados em petições de terras, em requerimentos, em declarações, nos "Termos de Vereança", nos Inventários e Testamentos e nos sistemas de empréstimos e em listas de devedores.

Ainda no texto há o adendo: "As quaes disseram irem agravadas de José Preto por lhe vender seus filhos para o Rio e iam Thomé Martins os quaes por sua vontade querem assistir com elle como forros que são as quaes lh entreguei como taes para servir a sua magestade nas minas a dar conta dellas todas as vezes que lhe forem pedidas para o dito serviço das minas... os houve por entregues o registei de minha mão" <sup>290</sup>.

Examinando-se o texto em questão, datado de 1615, obtém-se uma pequena visão relacionada ao número pouco expressivo de moradores, coincidente aos dados que já foram objeto de comentários. E o título do documento "Pessoas nomeadas para o benefício das minas", anula as dúvidas sobre os compromissos dos homens de São Paulo, claros e definidos: relacionados à índia e ao seu apresamento e ao ouro e à exploração das minas.

Na formação desses grupos, excluídas outras implicações conjunturais presas por exemplo, à insegurança provocada pelo meio hostil e rude, os modelos seguidos devem

290- Registro Geral da Câmara de São Paulo, id., p.150.

ter sido aqueles sugeridos e apreendidos em São Vicente, antigo porto de escravos desde os inícios do século XVI<sup>291</sup>.

Com essa perspectiva, pensar na manutenção do contingente formado pelos indígenas, a exigir controle e policiamento, para defendê-lo da cobiça de outros grupos ou para impedir a ocorrência de fugas, remete a análise para a presença de técnicas e conhecimentos que ligados à tradição portuguesa, foram largamente empregados e que conseguiram a subordinação do gentio. Que a ação dos povoadores voltada para o apresamento, tenha adotado formas rudes e primitivas - grilhões e correntes são elementos comuns nos inventários, e que os processos utilizados para a submissão do índio, afastaram-se das formas sociais tradicionais, teria sido "... espécie de tributo exigido para um melhor conhecimento e para a posse final da terra"<sup>292</sup>.

As leis da Coroa Portuguesa assegurando a liberdade do indígena não conseguiram impedir o seu apresamento. A sobrevivência dos povoadores estava

291- Ellis, Myriam - Op. cit., p.282. Ver da mesma Autora, Paulistas nos sertões do ouro: Fernão Dias Pais. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1971, nº69, p.116.

292- Holanda, Sérgio Buarque de - Monções. 2ª ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1976, p.20.

diretamente ligada ao índio e a complexidade do processo em que se encontravam envolvidos é explicada por uma curta observação: sem os índios mansos eles não conseguem os bravos<sup>293</sup>.

Entretanto, a lei de D. Sebastião de 1570, em Évora, dizia que "não podesse cativar os indígenas de maneira alguma, salvo aqueles tomados em guerra", preconizando a guerra justa, facilitou a ação dos moradores porque a legislação passou a ser uma simples questão de adaptação a uma conjuntura naturalmente belicosa. A "guerra campal", expressão comum nos textos, assinala que os povoadores tinham encontrado na legislação o amparo legal para o apresamento<sup>294</sup>. Em 1635, um documento que exige prudência em sua avaliação, apresenta com clareza conteúdos decorrentes de um antigo e longo trato com os indígenas, como também parece indicar uma situação "de guerra" constante. Afirmando preliminarmente que a defesa da terra dos inimigos é trocada no combate aos índios, diz o texto:

"... darem guerra aos índios nossos amigos e compadres que

293- Informação do Estado do Brasil e de suas necessidades. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, T.25, 1862, p.473.

294- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol.1, pp.326-335.

ha mais de cem anos que são nossos amigos e compadres de nossos antepassados pois era o remédio desta capitania"<sup>295</sup>

Para a análise das formas mentais, tão difíceis de serem apreendidas - os textos, conforme o olhar do investigador revelaram-se impermeáveis às mudanças, todavia, encontrei em um texto alguns sinais de transformações. Com efeito, no "Termo de Vereança" de 1697, portanto um documento do fim do século XVII, foi requerido ao Procurador do Conselho que havia necessidade de serem organizadas listas de índios das aldeias "de sua magestade q deus gde". Respondeu o Procurador: "... q sem embargo de q não avião Indios nas Aldeas por averem hido todos para as minas do ouro e não aver Reditos da Camera q Inda assim a seu tempo se faria listra....."<sup>296</sup>.

Assim é possível verificar:

- Todos os índios haviam sido enviados para as minas. Diferença sensível em relação a outros documentos que não assinalam uma expressão de caráter conclusivo;

295- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, id. p.498.

296- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.VII, p.505.

- A referência às minas de ouro. No conjunto de todos os dados arrolados, invariavelmente, deparam-se com as expressões: "do serviço das minas", das minas venham os índios", "minas de monserate" ou "descobrimento das minas".

Não significa no entanto, que a palavra ouro nunca apareça nos textos arrolados, mas, enquanto que repetem-se constantemente as sentenças dos exemplos que foram citados, outras que se enumeram a seguir, não permitem a construção de um catálogo, porque formam um pequeno conjunto, embora tenham exigido uma pesquisa rigorosa:

- "...cô intensão de iren tirar ouro e outros metais..."<sup>297</sup>;

- "...tirar ouro..."<sup>298</sup>;

- "...fazerem suas diligências e ensaios e fundições aserqua do ouro e prata e mais metais..."<sup>299</sup>;

297- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.II, p.47 (o ano é 1598).

298- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., ib.

299- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.134 (o ano é 1603).

- "...pedir ao snr gdor 4 indios asim pa fazer seus mântimos pa comer como pera hire as minas a tirar ouro pa seu remádio..."<sup>300</sup>;

- "...marcar ouro..."<sup>301</sup>;

- "... averem nos certos do destricto desta terra minas de parta e ouro de fundição e esmeraldas"<sup>302</sup>;

- "...para as minas de ouro..."<sup>303</sup>;

Aos argumentos que procuraram dimensionar a procura do ouro como um componente denso da mentalidade dos povoadores, a palavra minas isoladamente, teria um conteúdo cuja revelação não era necessária. A sociedade de São Paulo o conhecia. E muito bem.

300- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., pp.313-314 (o ano é 1612).

301- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., pp.391-392 (o ano é 1649).

302- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.VI, pp.283-284 (o ano é 1672).

303- Inventários e Testamentos, op. cit., vol.XXIII, p.42 (1715). Ver nota 277.

## **CAPÍTULO 4**

### **O UNIVERSO FRAGMENTADO**

**A - Isolamento. Os aventureiros. Um fundo emocional  
COMUM.**

*A - Isolamento. Os aventureiros. Um fundo emocional  
COMUM.*

Sobre São Paulo, as palavras de Capistrano de Abreu, são conclusivas: "Assim as asperezas do caminho dificultavam o trato entre o interior e o litoral. E não o favoreciam as condições econômicas, pois Piratininga só precisaria de sal, pólvora, armas e alguns tecidos e quase só podia dar em troca algum ouro de lavagem, que desde logo foi sendo extraído, e os índios apanhados nas bandeiras, que, movendo-se pelo próprio pé, dispensavam conduções dispendiosas. Acrescente-se que os habitantes do campo cegavam às vezes os caminhos, para tolher a ação das autoridades de serra abaixo, representantes do poder real ou senhorial. De tudo resulta a necessidade de considerar o povoado serrano independente de Santos, de São Vicente e da marinha em geral"<sup>304</sup>.

Na verdade, o isolamento era provocado pelas dificuldades de comunicação entre o litoral e o planalto, já que o caminho obrigatório, passava pela "escabrosíssima

304- Abreu, J. Capistrano de - Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, p.34.

serra" e era talvez "o pior que tem no mundo"<sup>305</sup>. Por decisão dos moradores, por vezes o isolamento era total, porque os caminhos eram cegados.

Formando os índios verdadeiros celeiros com as suas numerosas aldeias, o apresamento praticado pelo povoadores, foi uma atitude perfeitamente coerente com os seus objetivos.

Formenor valioso: o isolamento da pequena vila, anuncia a sua posição autoritária, era o lugar de onde vinha o poder. Mas, que poder foi exercido por São Paulo?

Responder com exatidão, não é fácil. Porém, se realmente São Paulo manteve uma posição autoritária, ela foi condicionada ao apresamento do indígena, a monopolização dos caminhos e ao afastamento de qualquer domínio estranho aos povoadores<sup>306</sup>.

De qualquer forma, o isolamento que foi sempre um componente marcante da sociedade do planalto, deve

305- Deus, Frei Gaspar da Madre de - Memórias para a História da Capitania de São Vicente. São Paulo, EDUSP, 1975, p.90.

306- Aymonimo, Carlo - El significado de las ciudades. Madrid, H. Blume Ediciones, 1981, p.23.

tê-la homogeneizado, dando a São Paulo um caráter próprio, unilateral. E a clivagem das manifestações dos povoadores, fortalecendo essa feição marcante, conduziu a investigação, por vezes, à interpretações filiadas a valores como a soberba ou à firmeza nas decisões, ainda que fizessem parte de outra tessitura.

Em termos concretos, se em todos os estudos sobre a sociedade de São Paulo, a presença indígena foi o leit-motiv obrigatório, o convívio com o índio deve ter infletido negativamente sobre o porte cultural dos povoadores, houve um retrocesso e procede a proposição particularmente esclarecedora: "Disseminada em pequenos núcleos, esparsos e a grande distância uns dos outros; constituída inicialmente de duas raças, a branca e a vermelha, em estágios os mais diversos de cultura; premida entre o litoral e o planalto, entre as investidas de corsários e os assaltos dos silvícolas, ela perde a sua antiga estrutura social, da Metrópole, não chega a elaborar-se uma estrutura própria e mantém-se com seus colonos, degredados e índios, como um fenômeno por assim dizer pré-

social, um "estado de sociedade em suspenso", amorfo e flutuante, à procura de novas formas"<sup>307</sup>.

Mas, sem opacificar a ação transformadora do índio, confundindo a análise, a leitura dos textos leva a investigação a caminhos obscuros, ao deparar com formas sociais arcaicas que podem ser justificadas porque na Europa, ainda nos inícios dos tempos modernos, eram ainda detectáveis e permaneceram por longo tempo, comportamentos sócio-econômicos somente compatíveis com situações medievais. Pensar, uma "volta à Idade Média" revela, sobretudo, inteligência<sup>308</sup>.

A identificação dos componentes dessa sociedade, com pressupostos relacionados às categorias sociais que deveriam apresentar ou às cosmovisões que teriam formado, envolve uma ação que irá encontrar embaraços inelutáveis. Em contraposição, encontra-se uma exibição contínua de um juízo de valores sedimentado em um elenco formado pelos homens afazendados, abonados, beneméritos,

307- Azevedo, Fernando de - A Cultura Brasileira. 5ª ed. São Paulo, Editora Melhoramentos, EDUSP, 1971, p.165.

308- Holanda, Sérgio Buarque de - "Caminhos do Sertão". In Revista de História, Publicação trimestral janeiro-março, vol.XXVII, nº57, 1964, p.75.

honrados, ou os "principais", os "filhos de quem são" e os "homens de posse" ou ainda as referências à "qualidade". Numa projeção grandiosa, surgem os nobres de acordo com as "qualidades que Sua Magestade manda" e os fidalgos.

Se a todos esses epítetos forem atrelados às citações conectadas à noções de honra e de boa conduta, tudo leva a crer que a sociedade era formada por homens portadores de códigos rígidos e por ela sancionados. Entretanto, "aos nossos olhos, aos nossos olhos imperfeitos de historiadores que tateiam na bruma, espreitando vestígios quase completamente apagados", eram homens que proclamavam constantemente as suas virtudes, porque seus comportamentos haviam-se unidos a outros códigos<sup>309</sup>.

Importa notar que de modo geral, o nome adotado para designar o homem que procurou a América e portanto atingindo indistintamente o castelhano ou o português, ou o inglês, o alemão e o francês e igualmente aquele talvez preso à tradição marítima dos venezianos,

309- Duby, Georges - As três ordens ou o Imaginário do Feudalismo. Op. cit., p.147. Refere-se Georges Duby aos bispos que de acordo com suas consciências, sentiam-se obrigados a um trabalho ininterrupto para combater a corrupção. Essa ação dos bispos, forjada para atacar a fermentação do mal, deixa vestígios quase apagados. Assim, entre 1025 e 1030, onde se situa o tema das três funções sociais, encontrar-se-ia a forma latente de uma mentalidade.

portanto originário de Gênova ou Florença; esteve sempre relacionado com o desconhecido, com o acaso e com a sorte. Nas palavras de Cervantes, "aventureiros", pois esse foi o nome comumente utilizado por cronistas e historiadores para classificar os homens que vieram ao Novo Mundo; "caballero aventurero es una cosa que en dos palabras se ve apaleado y emperador: hoy está la más desdichada criatura del mundo y la más menesterosa, y mañana tendrá dos o tres coronas de reinos que dar a su escudero"<sup>310</sup>. Os limites traçados por Cervantes permitem a construção de um extenso rol que inclui o mendigo, o ladrão, o fidalgo arruinado, o criminoso, o vagabundo, os perseguidos, os pícaros... e o bandido, o soldado, o desertor, o padre ou o frade, o degredado. Conforme todas essas imagens, o aventureiro poderia apresentar-se coberto de trapos, como uma personagem de Quevedo, que estava sempre coberto por uma capa, "... tengo en las espaldas una gatera, acompañada de un remiendo de lanilla y de una mancha de aceite; este pedazo de rebozo la cubre, y así se puede andar"<sup>311</sup>. E também possuir um

310- Cervantes, Miguel de - Op. cit., p.83.

311- Quevedo, Francisco de - Historia de la vida del Buscón. 12ª ed., Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 1974, p.87.

volumoso guarda-roupa de seda e de lã. A descrição que foi feita de Villegagnon confere: "Mandou fazer para si seis trajes, um para cada dia da semana: casacos e calções todos iguais, vermelhos, amarelos, pardos, brancos, azuis e verdes..."<sup>312</sup>.

Imagens fragmentadas dos aventureiros, genericamente, todos aqueles que procuraram o Novo Mundo, podem ser encontradas em textos diversificados:

- Martin Alonzo Pinzón, um sujeito rixento e bulhento<sup>313</sup>;

- Juan Dias de Solís, em companhia de franceses", roubaram "uma caravella do dito Rei, que vinha da Mina, em que roubaram mais de 20.000 dobras..."<sup>314</sup>;

- Fernão de Magalhães, segundo Pigafetta, queria levar dois jovens nativos para a Espanha, mas, percebendo que pela força não seria possível, foi astuto: "deu-lhes uma grande quantidade de facas, espelhos e contas de vidro, de maneira que ficaram com as mãos cheias. Em seguida mostrou-lhes dois grilhões de ferro, como os usados

312- Léry, Jean de - Viagem à terra do Brasil. São Paulo, EDUSP, 1980, p.100.

313- Abreu, J.Capistrano de - Op. cit., p.1.

314- Abreu, J.Capistrano de -Op. cit., p.2.

para os presos, e quando viu que os cobijavam muito e que não os podia agarrar com as mãos, propôs-lhes colocá-los nas pernas para que os levassem com mais facilidade. Consentiram, e então aplicaram-se os grilhões e fecharam-se os anéis, de maneira que se encontraram encadeados"<sup>315</sup>;

- "...desalmados aventureros que por entonces, pululaban en el Perú"<sup>316</sup>;

- "...aventureiros, seduzidos pelas narrativas dos índios"<sup>317</sup>.

Rixentos e, bulhentos, ladrões, astutos, exageradamente sensíveis aos sinais, signos e mitos denunciadores de riquezas... Seriam essas, as formas mentais dos povoadores da Vila de São Paulo?

Valorizar, entretanto, o fundo emocional comum, constitui condição obrigatória para a construção da imagem dos povoadores ao nível de suas representações mentais, junto aos seus arquétipos. Às formas mentais

315- Águas Neves - A primeira viagem à volta ao mundo contada pelos que nela participaram. Prefácio e notas de Neves Águas, Portugal, Publicações Europa-América, 1990, p.35.

316- Palma, Ricardo - Op. cit., p.75.

317- Holanda, Sérgio Buarque de - Visão do Paraíso. Op. cit., p.88.

vinculadas a crises antigas que já foram acentuadas neste trabalho, somaram-se outros componentes.

Nesse caso, refletir sobre a travessia do oceano, experiência cruel e atrelada aos medos que dela se originaram, pode fortalecer o pensamento sobre a ocorrência de emoções mais recentes e que lesando aqueles que enfrentaram o mar, devem ter agido no despojamento ou no enfraquecimento de alguns valores morais que obstinadamente permaneciam. Sem dúvida, o já referendado trabalho de Jean Delumeau, deve ser, neste particular, basilar, para acentuar o desafio que representava a viagem marítima, sedimentada em visões estereotipadas, envolvendo as terríveis tempestades enfrentadas pelos navegantes. Oportunos os versos de um conhecedor dos perigos do mar:

"Tão temerosa vinha e carregada,

Que pôs nos corações um grande medo;

Bramindo, o negro mar de longe brada,

Como se desse em vão nalgum rochedo.

"ó Potestade (disse) sublimada:

Que ameaço divino ou que segredo

Este clima e este mar nos apresenta,

Que mor cousa parece que tormenta?"<sup>318</sup>

Além dessas lesões provocadas pela visão de tempestades horripilantes, havia outras, muito mais imprecisas, porque se relacionavam com as condições das viagens.

Particularmente, a leitura de um texto onde se encontra a descrição de uma viagem, permite reflexões sobre rupturas de padrões de comportamentos, quando "a promiscuidade necessária viola o pudor". Assim posturas íntimas, faziam parte do cotidiano de longas viagens intermináveis e um pequeno fragmento do referido texto, evidentemente escrito com palavras próprias de um realismo cru, revela aspectos que o voyeurismo do historiador, verdadeiramente não está familiarizado: "Mas é com tempo ruim que as dificuldades se tornam consideráveis, quando as latrinas são continuamente inundadas por vagalhões e os

318- Camões, Luís de - Os Lusíadas. 2ª ed. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos, Porto, Porto Editora Ltda., s. d., p.178.

remos dispostos sobre os bancos. Ir à latrina em plena tempestade é expor-se a ficar completamente encharcado; assim, muitos passageiros tiram suas roupas e se dirigem aos locais inteiramente nus. Nessa diligência, o pudor (verecundia) tem muito a sofrer e não imprime senão mais comoção às partes vergonhosas (verecunda). Aqueles que não querem fazer-se notar dessa maneira vão acocorar-se em outros locais, que sujam, o que acarreta rumores, tumultos, e desconsidera pessoas honoráveis. Enfim há aqueles que enchem seus recipientes perto de sua cama, o que é infecto, envenena os vizinhos e só pode ser tolerado dos doente, aos quais não se poderia querer mal: algumas palavras não bastariam para contar o que tive de padecer de um vizinho de leite doente"<sup>319</sup>.

Retomando as reflexões encimadas, elas se desdobram e alicerçam esclarecimentos sobre os comportamentos dos povoadores. Percorrendo a documentação, há denúncias da ocorrência de situações incompatíveis com os parâmetros tradicionais de formas de vida ou de comportamentos. Antes de avaliarmos esses comportamentos,

319- Duby, Georges - (organizador), História da vida privada da Europa Feudal à Renascença 2. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pp.579-580.

convém advertir que bem ou mal, eles contribuíram para a solução de situações, que de outra forma, teria comprometido a fixação dos homens que povoaram o planalto.

Alguns exemplos enriquecedores da análise social:

- "...pessoa branco ou negro que se achar na fonte ou lavadouro pegando moça escrava ou índia ou branca..."<sup>320</sup>;

- "... que todo homem cristão branco que não seja negro de fora que se achar em aldea de negros foros ou cativos bebendo e bailando ao modo do dito jêtio e suas mercês lhes mädasem e puzesem pregão e pena contra os tais..."<sup>321</sup>;

- Em um documento que apresenta algumas questões da Câmara, há uma advertência: "... não dormir com as parentas..."<sup>322</sup>;

- "... foi dito que o banco que estava no meo da igreja em que se asentavão os ofisiaes era grande prejuizo e escandalo deste povo por se tratarem mal as

320- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, 1º vol., p.395.

321- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, 1º vol., p.201.

322- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.III (o ano é 1628).

mulheres que lhe requeri outrosin o que visto pelos ditos ofisiaes mandarão que se tirase o dito banco e que ele tivesse cuidado de por cadeiras de estado no cruseiro nas festas del rei"<sup>323</sup>;

- "... porquanto era informado que os prelados e seus vigarios se intrometiam a avexar e oprimir os leigos tomando por motivo que hião ao sertão e la tinham copula com as pagas porque os condenavam sem serem convensidos e ouvidos..."<sup>324</sup>.

Complementando, um documento traz acusações dos povoadores aos índios, motivadas por uma provisão que era prejudicial a eles. Assim, diz o texto: "...bebem, comem carne humana e comungam"<sup>325</sup>. A complexidade do texto é evidente, mas, o que surpreende é o poder verificar-se que havia uma consciência social quanto à incoerência provocada, ao que tudo indica, pela aceleração do processo de cristianização aplicado ao indígena. Se o documento refletir a realidade, havia dois comportamentos distintos, um referente aos povoadores e outro dirigido pela lei. Os povoadores convivendo com os índios, conheciam as

323- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.IV, p.110 (o ano é 1632).

324- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.V, p.278.

325- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol.VII (supl.), p.196.

transgressões e percebiam a incoerência entre o comportamento dos indígenas e os preceitos religiosos e sabiam utilizá-la na defesa de seus interesses.

Dando origem a diferentes interpretações, a documentação oficial frequentemente se refere ao degredado, ao homiziado e ao apelado. Uma das interpretações, justamente, encontrou fundamento nas repetições constantes - perdão a degredados, benefícios concedidos a homiziados e assim por diante, para apresentar um número expressivo de degredados e homiziados entre os povoadores de São Paulo.

A verdade é que, em face da extrema necessidade de homens na vila de São Paulo, as penas dos degredados e outros eram comutadas ou perdoadas, porém, evidentemente, os documentos precisavam exibir o aspecto legal. Portanto, não havia motivo algum para que as referências a eles fossem omitidas na documentação. Alguns dos exemplos que coloco a seguir, são elucidativos:

- "...preguão na dita villa q' todos os omiziados e apelados q' na dita villa ouver ou ai estiverem por quallquer cauzo que seja resalvãdo hos quando proibidos na ordenação aparesão e venhão a dita va có suas armas pa

ajudarem a defender do nosso gentio"<sup>326</sup>. Convém notar que a menção "resalvados", indica uma formalidade legal, a manutenção da força efetiva da lei;

- "Fernão dallvares é um bom telheiro e não deve ser degradado"<sup>327</sup>. "Bom telheiro" talvez fossem todos os moradores... Mas, eles estavam envolvidos em atividades prioritárias;

- Antonio de Proença é nomeado como degradedo<sup>328</sup>. É bom notar que esse povoador está constantemente presente em reuniões como em um "Auto da Junta" que se fez no engenho São Jorge dos Schetz. No entanto, a reunião no engenho São Jorge foi em 1585 e a referência a degradedo, é de 1587<sup>329</sup>;

- "...fazer farinhas no mez de Março do contrario degredo para o estreito de Magalhães"<sup>330</sup>;

- "...Os ouvidores desta capitania faziam passear aos omiziados e apelados e lhe dava a Vila e termos por prisão o que era mto escandaloso..."<sup>331</sup>;

326- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.I, p.398.

327- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.438

328- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.I, p.189.

329- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.279.

330- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.206.

331- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.III, p.37 (o ano é 1623).

- "... liberdade aos homisiados para serem soldados". Havia necessidade de defender a terra<sup>332</sup>.

Configurando a urgência em aumentar o número de homens, em um documento encontra-se uma declaração de Simão Luiz, certamente, a mesma personagem que fundou a Abadia de São Bento. Foi feita em Lisboa, no ano de 1609: "Todas as pessoas que do reino quizerem ir às ditas minas a povoar aquelas partes se de embarcação e...mantimentos até chegar como se costuma fazer com os degredados"<sup>333</sup>. Portanto, o processo associado à arregimentação de degredados era tão antigo e comum, que havia se cristalizado.

Em contraposição, entre os povoadores havia aqueles que precisavam esconder as suas origens. Elas não podiam ser identificadas na documentação oficial, os cristão-novos, por exemplo. As referências a eles, nos documentos, são passíveis de uma quantificação inexpressiva, o que comprova os enganos causados pela linearidade da

332- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol.I, p.455.

333- Registro Geral da Câmara de São Paulo, id., p.205.

pesquisa. Todavia, densos são os sinais e signos relacionados aos cristãos-novos na Vila de São Paulo e forneceram as bases dos estudos pertinentes. Torna-se útil verificar que na papelada oficial, são encontradas referências ao cristão-novo, formando "flashes", destituídos aparentemente de conteúdos significativos. Porém, se encaradas conforme as conjunturas elaboradas pela Inquisição, os cristãos-novos, em grande número, procuraram o planalto de Piratininga, porque o "pior caminho do mundo", encerrava a proteção que eles necessitavam ou que exigiam. Efetivamente, "os judeus com medo do extermínio não ousavam declarar-se com os da sua nação e assim não havia testemunhas que os acusassem, para que se arrependessem; porém como a igreja não julga dos interiores e menos o príncipe, pouco importa à república que haja judeus ocultos, quando não escandalizam e conservam as suas casas"<sup>334</sup>.

Sensível ao pesquisador é esse silêncio da documentação em relação ao cristão-novo e por vezes, ao que tudo indica, são referenciadas as fintas lançadas sobre "os cristão novos he homens da nasão ebrea", e até em uma

334- Cunha, Luis da - Testamento político. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1976, p.81.

tonalidade ameaçadora, quando na casa de Diogo de Quadros, onde estavam reunidos os oficiais da Câmara (por não haver casa do Conselho), Jorge Neto Falcão, em altas vozes afirmou que haveria de "fintar este povo" com o tributo dos cristãos-novos que havia sido cobrado pelo ouvidor Francisco Sutil de Sequeira<sup>335</sup>. Citando a "lei de sua mgde e capitulos da correição", o documento oficial notifica que "não levase que na eleição se metese na republica cristão-novos"<sup>336</sup>.

Abrindo provalvemente um outro olhar para a investigação sobre os cristãos-novos ou então destacando um pormenor que não tem sido acentuado, existe a relação entre a palavra "nação" e cristão-novo ou judeu. Ilustrando muito bem essa asserção, há o seguinte texto documental: "...a guaspar guomes pera diser si nesta camara avia algu omen que nela servise de nasão e sendolhe feito pelo dito perguntas ao dito guaspar guomes que declarase se na dita camara avia omen de nasão algu este ano presente e por ele foi dito que não avia omen de nasão algu e loguo foi dito pelo juis pero

335- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.II, p.336 (1613) e pp.363-364 (1614).

336- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.496 (o ano é 1623).

leme aos ofisiaes da camara guordasem o dito capitolo..."<sup>337</sup>.

Partindo desse raciocínio, outros exemplos poderão ser coletados:

- Jorge de Barros declara que é galego de nação, natural da vila de Fonte Vedra, filho de Belchior de Barros e Catarina Vaz<sup>338</sup>;

- Bertholameu de Torales afirma: "... sem embargo de ser de nação castelhano porque hera naturalizado neste Reino cazado a muitos anos com mulher nobre, filha e aparentada dos primeiros povoadores..."<sup>339</sup>.

- "Todos aqui somos da nação e só aquela perdigueira não é"<sup>340</sup>.

Caracterizando ao que parece, situações incoerentes causadas pelos cristãos-novos na Vila de Firatiniga, por vezes, o inquirido sobre a existência ou não

337- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.IV, p.164 (o ano é 1633).

338- Inventários e Testamentos, op. cit., vol. IV, p.65 (o ano é 1615).

339- "Treslado da Manifestação que fes o Capitão Bertholau de Toralles diante do Prouedor das Minas o Capm mor, e ouidor Diogo Vas d'Escobar". In Documentos copiados em Portugal pelo Sr. Alfredo Mendes de Gouveia, op. cit., p.323.

340- Azevedo, João Lúcio - Novas Espanáforas. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1932, p.142.

do hebreu, era ele mesmo um representante da "nação". Desse modo, Gaspar Gomes, relacionado acima, ele mesmo, era cristão-novo. E apresentado como compadre de Manuel João Branco, unindo-se o compadrio ao parentesco profundíssimo que havia, agiganta-se a presença hebraica no planalto<sup>341</sup>.

Para os especialistas na temática referente à presença do cristão-novo em terras de Piratininga, os detalhes são expressivos e a afirmação de Martim Rodrigues sobre ter sido batizado em 1601, denunciaria o seu judaísmo, porque o "hebreu adulto, ao entrar para o rol da Igreja, recebia o batismo de pé"<sup>342</sup>.

Ao que tudo indica, no século XVI, o cristão-novo era mais usualmente designado por judeu, de acordo com os exemplos:

- "... para ñensinar o officio de ferreiro a um judeu" e "...q' nhua pa venda vinho a nhua pa brãqua nem judeo cristão ne infiel sem primro ser visto e apresado"<sup>343</sup>.

341- Salvador, José Gonçalves - Cristãos-Novos Jesuítas e Inquisição. Op. cit., p.167.

342- Id., p.160.

343- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.I, pp.118-119 e pp.191-192.

**B - O imaginário: modelos, contrastes e  
desequilíbrios**

**B - O imaginário: modelos, contrastes e  
desequilíbrios**

Concorrendo para confundir os julgamentos sobre os povoadores, vislumbram-se em suas manifestações e comportamentos, uma aspiração muito bem cimentada: a preservação de um status, fundamentado no bem nascer. A análise da ostentação contínua de um nível social antagônico às formas precárias da sociedade de São Paulo, provoca a reflexão que considera os povoadores de São Paulo pouco conhecedores dos valores que eles procuravam transparecer com nitidez. Em decorrência, fariam parte de um acervo do imaginário, construído sobre modelos, eles mesmos, possuidores de intensidades distintas. Difícil é esboçar a natureza desses modelos e compor alguns esclarecimentos que permitam compreender como eles conseguiram permanecer nas fissuras das consciências.

A exigência de um convívio estreito com o índio, representou o cerne da experiência vivida pelos

povoadores do planalto. Sobre o caráter desse relacionamento, de meu discurso anterior recolhem-se sinais: a situação de guerra provocada pelo apresamento, o valor do índio manso para a subordinação do índio hostil.

Entretanto, preocupante, tendo em vista o contingente de índios submetidos ao mando dos povoadores, é a técnica utilizada para a sua manutenção. Cumpre verificar que havia um contraste entre o primitivismo dos indígenas - nível de vida por exemplo, e um bom conhecimento de técnicas bélicas e "forneceram aos antigos cronistas uma espécie de ponto de referência, graças ao qual eles reencontraram num país distante e entre povos, de resto, bastante estranhos, a atmosfera carregada da Europa do século XVI<sup>344</sup>.

Do conhecimento bélico que forçosamente deveriam possuir os povoadores, eles devem ter extraído elementos adaptáveis às técnicas indígenas, em benefício do apresamento. Lado a lado, porém da experiência guerreira, os povoadores reutilizaram recursos provenientes de antigas práticas africanas. Transformaram-se em pombeiros ou alguns

344- Lévi-Strauss, Claude - "Guerra e Comércio entre os índios da América do Sul". In Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, ano VIII, vol. LXXXVII, dezembro 1942, pp.131-146.

deles já havia pertencido ao ofício? "índios pelo caminho da paz", revelando a presença de aldeias inteiras nos campos de Piratininga, representariam a ação vitoriosa dos pombeiros? Uma notificação encontrada em um texto, leva a análise para um outro contexto, ... "ne lhe tomase redes"<sup>345</sup>.

Com esse processo, aldeias inteiras eram levadas à Vila de São Paulo e os textos são reveladores: "Domingos Luis traz o gentio tupaen"<sup>346</sup>. Poucos anos após, há a notícia: "...q' hos da entrada anto de macedo e domingos luiz grou cõ sua gente todos herão mortos"<sup>347</sup>. Duas notícias envolvendo a mesma personagem e com conteúdos pertinentes aos tempos de guerra.

O exame dos textos denuncia de forma epidérmica, a maciça presença dos índios em Piratininga, em tempos e situações diferentes. Convém então concluir que além das técnicas de guerra ou o "métier" dos pombeiros, somaram-se outras, decorrentes da assimilação pelos povoadores dos usos e costumes indígenas, fornecedores,

345- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.I, p.328. (O grifo é meu.)

346- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, id., p.333 (o ano é 1587).

347- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.I, p.388 (o ano é 1590).

indubitavelmente de um profundo conhecimento da organização das tribos. Supor então, que o cotidiano indígena era observado em função da ação apresadora - ocasiões em que as índias permaneciam sós, com a ida dos indígenas à caça, por exemplo, é admissível<sup>348</sup>.

O dinamismo acentuado causado pelo apresamento, talvez tenha sido a causa da total ausência dos titulares, revelado com a abertura dos pelouros em 1659: que eram: Juízes - Francisco Sotil doliveira, Roque Furtado; Vereadores - Manuel Temudo, Fernão Munhoz, Manoel Rodrigues; Procurador do Conselho - Luis damaral.

Foram chamados e "nesta dita villa se nam achou nenhu dos ditos ofisiais se lhes mandou recado a suas fazendas pella qual rezam ficou o juis do ano passado fr.co pizo de siqueira com a vara na mão ate vir hu dos ditos juis deste prezente ano pera se lhes dar juramto"<sup>349</sup>.

348- Lévi-Strauss, Claude - Op. cit., pp.131-146.

349- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, an. vol.VI, p.107 (a data: 1º de janeiro de 1659).

Textos entre outros, que apresentam conteúdos cujo teor sedimentam expressivamente algumas proposições que foram alinhadas são os seguintes:

Por se encontrar desaparecido Braz Esteves, e nunca ter se casado e só deixado filhos naturais, foi convocada a sua filha mais velha, com quinze anos de idade, para a declaração dos bens deixados por seu pai e por não saber falar bem a língua portuguesa, o juiz dos órfãos ouviu Alvaro Neto, o moço, por ser homem prático na língua da terra<sup>350</sup>.

Em outro trecho lê-se:

"declaro q' tenho hu moso gentio do gentio da terra da minha obrigasão q' he meu tio, irmão de minha may cazado cõ hua india da aldea e asi e p.r bõis serços q' me te feito e... em minhas nesesidades meus erdr.os não entendão cõ elles ne minha molher ne filhos q' sã foroos e livres..."<sup>351</sup>.

350- Inventários e Testamentos, op. cit., vol.X, pp.327-328 (o grifo é meu).

351- Inventários e Testamentos, vol.XXXVIII, p.19 (o ano é 1636).

Um pormenor: a data dos dois exemplos corresponde aos anos de 1636 (o primeiro) e 1643 (o segundo), e comprovam a intensidade da miscigenação.

Concretamente, os textos relacionados ao índio, são numerosos e não formando clichês, cada um deles abre uma direção diferente para a investigação. A aceleração do processo da miscigenação, desencadeia o aparecimento de novas formas sociais. Alguns exemplos:

- palavras e termos em língua indígena são comuns, "hua negra por nome miragmoiro cõ 4 filhos os quais são estes - Caracaraguassú - auryo - arabele", "hua negra apuatiyara por nome tabayera"<sup>352</sup>;

- o surgimento inevitável do intérprete, "o língua da terra", por vezes utilizado como "doutrinador": "deu juramento a Domingos Dias Dinis... que fizesse pratica ao gentio nomeado neste inventário"... "fez a dita prática ao gentio que aqui se acharam presentes que servissem e

352- Inventários e Testamentos, vol.XXXI, p.12 (1615).

vivessem bem com o dito curador João Missel Gigante e que o que lhe mandasse fizessem"...<sup>353</sup>;

- denotando a constante fuga dos índios, o texto indica o significado econômico: "Antonio Ferreira saiu fora da terra em busca de huma pouqua de gente que lhe fugiu"<sup>354</sup>;

- a igualdade entre o índio e o branco: "... por não aver omen branquo que ho seja e o dito moso ser o melhor teselam que ha na terra o quall engimenara todos os negros que tesen o que for perito lhe sera dado sua carta de engeminação e o que não for pa iso que não trabalhe"<sup>355</sup>;

- a tradição se ajusta à nova ordem e sob esse ângulo, as novas situações criadas encontram a solução legal e a leitura integral do texto acusa situações sociais resultantes da interação índio e povoador: "Aos vinte cinco dias do mez de abril de mil seiscentos e trinta e tres annos

353- Inventários e Testamentos, vol.X, p.469 (1653).

354- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, an. vol.VI, p.580 (1668).

355- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.III, p.322. Sintomática é a Patente de Capitão provida em Thomaz, índio da Aldeia de Natuba "e como tal se lhe entregue logo a Gineta". In Documentos Históricos, vol.III, série XI, pp.31-32 (1678).

nesta villa de São Paulo nas casas da dita defunta Joanna de Castilho estando ahi o juiz dos órfãos dom Francisco Rendon ante elle appareceu a índia por nome Margarida mãe da órfã que ficou filha do defunto Jorge Rodrigues e logo sendo ahi pelo juiz dos orfão foi dado o juramento dos Santos Evangelhos a Francisco Rodrigues Velho para que elle fizesse pratica e perguntas à dita índia Margarida que ella declarasse que de quem era a filha que tinha que se disse ser do defunto Jorge Rodrigues filho da dita defunta Joanna de Castilho e por o dito Francisco Rodrigues Velho foi dito... debaixo de juramento que havia recebido declarara a dita india ser sua filha do defunto Jorge Rodrigues porquanto nella o fez e que nisso não havia dúvida e que visto pelo dito juiz visto a declaração e a defunta a deixar declarada no seu testamento por sua neta e herdeira a houve por habilitada e herdeira nesta fazenda na parte que tocasse a seu pae de que fiz este termo Ambrosio Pereira escrivão dos orfãos e escrevi"<sup>356</sup>;

- segundo a declaração contida no testamento, a india recupera a sua liberdade e o juiz "mandou por a dita

356- Inventários e Testamentos, vol.VIII, p.345.

india na rua e fosse para onde quizesse que nenhuma pessoa a induzisse nem a levasse para sua casa contra sua vontade e apõe na rua e se foi e lhe disse o juiz se quizesse ir para alguma das aldeias o fizesse..."<sup>357</sup>;

- o documento reflete não só o valor econômico do índio, como a sua entrada como instrumento financeiro: Pedro Vidal declara em 1658 que alheou um negro por "menão querer servir assim que ordeno que do monte mor sentiren outros"<sup>358</sup>;

- os contrastes entre a nudez do indígena e os valores dos povoadores exigiam providências: "que sua merse mädara dar des varas de pano dalgodão a ele curador pa vestirem as pesas po hirem despidas as quais dera"<sup>359</sup>;

- em paga dos serviços os índios por vezes são vestidos, o que fortalece a suposição sobre a nudez habitual do indígena<sup>360</sup>;

357- Inventários e Testamentos, vol.IX, p.9 (O exemplo permite refletir sobre a realidade oculta no texto. Em 1633, a intensidade do apresamento permitia a liberdade do indígena? As aldeias não estariam sob o domínio dos povoadores?).

358- Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, Pedro Vidal, caixa 4 , antigo maço 4.

359- Inventários e Testamentos, vol.XXXI, p.36 (1616).

360- Inventários e Testamentos, vol.XXXVI, p.109.

- o conflito entre a ordem legal e a realidade, forja declarações claras sobre as intenções dos povoadores: "Declaramos que possuímos qorenta e duas pesas do gentio da terra os qoais são forros e livres e que avendo de servir a outrem sirvão a nosos filhos dando lhe bom tratanto e pagando-lhe seu serviso"<sup>361</sup>.

A interação profunda que houve entre o índio e o povoador foi bem destacada nos exemplos acima colocados. Porém, é válido observar que em outro aspecto, essa convivência também é assinalada. Na verdade, de forma usual, os povoadores apresentavam o título de "capitão". O uso do título provinha de antigas estruturas sociais que possuíam o peso do status militar, havia notadamente o desprezo pela atividade comercial. O princípio dominante em Portugal afirmava que todo português leigo, que fosse para o Oriente ou para as regiões atlânticas do Império Português, continuava com o título, caso o usasse, de soldado ou oficial da Coroa, ainda que tivesse abandonado o serviço real ou o comércio. Eram capitães sem o direito de uso<sup>362</sup>.

361- Inventários e Testamentos, vol. XXXIII, p.28 (o grifo é meu).

362- Boxer, C.R. - The Portuguese Seaborne Empire 1415-1825. Londres, Hutchinson of London, 1969, pp.319-320.

No planalto, é plausível que, embora devesse vigorar a tradição portuguesa, o título largamente usado pelos povoadores, deveria ter-se originado da situação de guerra vinculada ao apresamento. Entretanto, o que é relevante, é a formação de um conjunto de títulos - sempre o de "capitão, acompanhados cada um de uma atribuição específica, própria do contexto da atividade apresadora:

- Gaspar Collaço - capitão e língua dos índios;

- João Soares - capitão dos índios de São Miguel e também do gentio e índios da aldeia de Guarapiranga;

- Afonso Sardinha - capitão da gente de Vila de São Paulo;

- Manuel Pinto - capitão das aldeias dos índios cristãos;

- Fernão Dias - procurador e capitão dos índios<sup>363</sup>.

363- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol.I, pp.51-279.

Todavia, os problemas relativos às grandes transformações sofridas pelos povoadores, tornam-se densos em se tratando da situação da família na sociedade de Piratininga. Nesse ponto, a solução encontrada teve o seu embasamento na organização patriarcal da própria família: um núcleo central legalizado, composto pelo casal branco e seus filhos legítimos, e um núcleo periférico, nem sempre bem delineado, constituído por índios e mamelucos<sup>364</sup>.

Convém, entretanto, refletir sobre o núcleo periférico - um prolongamento da família, mas, afastado ou inserido no grupo sancionado pela legislação, teria sido ele verdadeiramente, uma solução dos povoadores ou se achava vinculado a transgressões conhecidíssimas e que atingiam diretamente a tradicional organização familiar na Europa? Evidentemente, houve a solução construída pelos povoadores, todavia, tudo leva a crer que também na Europa, o modelo familiar tradicional, escondia outra realidade<sup>365</sup>.

364- Souza, Antonio Candido de Mello e - "The Brazilian family". In A. Marchan e J. Lynn Smith. Brazil. portrait of a Continent, New York, Dryden Press, 1951.

365- Flandrin, Jean-Louis - Familles, parenté, maison, sexualité dans l'ancienne société, le temps & les hommes Collection dirigée par Jean Delumeau professeur au Collège de France, Paris, Hachette, 1976, v. p.9. Palavras do Autor: "Les "familles" reconstituées par les démographes français à partir des registres de baptêmes, mariages et sépultures, ne sont que l'image de la fécondité des couples; elles ne nous disent rien sur la taille du groupe domestique". Destruindo antigos tabus, Flandrin comenta o excessivo número de bastardos na Idade Média, provocado pela prática a prática do concubinato em todos os níveis sociais e afirma "chez les

Os comportamentos dos homens da Vila de São Paulo, além das cargas emotivas condicionadas aos tempos de crises, sofriam a ação de imagens que haviam sido construídas lentamente, difícilísimas de serem apreendidas e resistentes a tentativas de sistematização. O estudo do passado coletivo dos homens, revela permanências inacreditáveis, porém, há "tomadas de consciência, imprevisíveis, inéditas, capazes, na sua escala, de reorientar comportamentos de grupo"<sup>366</sup>.

Ainda que o argumento seja polêmico, o castelo, as côrtes, as festas, os mosteiros, seriam modelos que infletindo sobre os cantores, os jograis e outros intermediários culturais, como os centros onde se concentravam grupos sociais, os moinhos, a praça pública ou outros até de duração temporária, por exemplo, os relativos à construção de pontes; comporiam o imaginário, conforme as diferenças de intensidade.

riches, généralement, le concubinage était une forme de polygamie: non seulement chez les rois et autres grands seigneurs, mais chez de bon bourgeois mariés qui, ayant séduit une fille de condition inférieure, avaient d'elle plusieurs enfants qu'ils élevaient souvent chez eux avec leur enfants légitimes", v. p.177.

366- Crubellier, Maurice - "O acontecimento em história social". In A História Social Problemas, fontes e métodos (colóquio da Escola Normal Superior de Saint Claude) Lisboa, Ed. kosmos, 1965, p.62.

Em outra perspectiva, utilizando palavras emprestadas, convém insistir sobre aspectos da vida dos povoadores. Verdadeiramente, uma vida rigorosamente medida por contrastes, ritmada cada dia por uma sucessão de sombras e luzes, uma vida cortada em duas partes: o dia e a noite; o negro e o branco; o silêncio absoluto e o trabalho ruidoso<sup>367</sup>.

Com efeito, a sociedade de Piratininga, tem que ser pensada sobre os sinais por ela mesma emitidos, nem que eles venham de objetos aparentemente desprovidos de significado. Um sino, por exemplo, ele avisa, ele defende, ele chama, ele "dá as horas"; então, em Piratininga, era o meio de comunicação, os povoadores dele dependiam. No entanto, o texto seguinte, embora claro, pode dar origem até à outras interpretações: "...que na torre da matriz estava hum sino que hera do Conselho que o mandassem vir a caza delle pera que quando se chamasse o povo fosse toquandose o dito sino pequeno"<sup>368</sup>. Mas, o sino também poderia ser um objeto mágico e o seu ruído amainaria as tempestades e

367- Febvre, Lucien - Combats pour l'Histoire. Paris, Librairie Armand Colin, 1953, p.216.

368- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.II, p.240 (20 de maio de 1645).

afugentaria os demônios<sup>369</sup>. Ou então por ser pequeno, é o que deve ser utilizado pelo Conselho: "...logo por elles ao som de campa tangida foi chamado o povo desta villa na forma he costume"<sup>370</sup>.

Na mesma ordem de raciocínio, todos os componentes da civilização material possuem um código próprio, completamente ausente das visões de mundo do pesquisador. Se examinarmos os interiores camponeses ou burgueses registrados pela iconografia, verificam-se a pobreza do mobiliário reproduzido em uma tela de Brueghel - mesas, cadeiras, bancos e fogão (?) rústicos e o requinte despojado do interior visto por Em. de Witte. E cumpre notar que são produções artísticas do século XVII e que ambas fixaram interiores holandeses século desse, distantes das realidades da Vila de São Paulo, ainda que contemporâneas em relação às abordagens que têm sido realizadas neste trabalho<sup>371</sup>.

369- Vovelle, Michel - Op. cit., p.179.

370- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol.II, p.397 (1639).

371- Braudel, Fernand - Civilisation Matérielle et Capitalisme. Op. cit., entre p.208 e 209.

Em continuação, uma peça do mobiliário ou um utensílio, exigiam conforme a dificuldade em obtê-los, uma importância desmedida para o olhar "moderno" do estudioso, todavia perfeitamente coerente à situação material dos povoadores. E, é bom acentuar, uma situação material com muitos elementos similares aos encontrados em inventários feitos nas mesmas condições na Europa Ocidental.

Assim, não é pitoresco e nem anedótico o incidente relativo à resistência de Gonçalo Pires em entregar a sua cama ao ouvidor geral<sup>372</sup>. E o documento menciona "cama velha, lençóis sujos", referências que fortalecem o extremado valor dos bens materiais<sup>373</sup>. As afirmações de Maria Luiz, representam igualmente, resistências à possível perda de um bem valioso, sujeito à danificações e ao desaparecimento. Desse modo, a dramaticidade dos argumentos pode esconder outras intenções: "...por morte do dito marido ficou uma cama, em que dormia, a qual... avaliada com a mais fazenda, mais que... estão feitas partilhas e que ella supplicante... ser mulher

372- Machado, Alcântara - Vida e morte do bandeirante. Op. cit., pp.71-72

373- Atas da Câmara da Villa de São Paulo, vol. II, p.446 (1620).

doente, e costumada a dormir... cama passa detrimento de sua saúde por não ter uma cama em que dormir"<sup>374</sup>.

Sinais de luxo sempre constituíram um apanágio da nobreza: as vestimentas caras, a seda com fios de ouro e prata, os cetins e os veludos, as tapeçarias de Flandres, as casas senhoriais e suntuosas, o número acentuado de serviçais, as carruagens...<sup>375</sup>. Nesse particular, a corte de D. Sebastião, despojada em termos de luxo e fascínio em relação a outros centros europeus, pode ser considerada como um bom modelo para a compreensão da irradiação de valores associados ao luxo, à riqueza e à nobreza. Havia muito luxo e gosto, "constantemente duvidoso", conforme uma descrição fiel: "O rei trazia uma capa de pano preto, e o capuz com botões de diamantes, rubis e pérolas, saio com abotoaduras também de diamantes e as falsas até o joelho, calças vermelhas com poucos tufos e quase lisas, barrete chato de veludo, carregado para a testa quase até o sobreolho, e adornado com um cordão de ouro, diamante e pérola: trazia botas largas nas pernas, de

374- Inventários e Testamentos, vol. XXV, p.31.

375- Braudel, Fernand - La Méditerranée et le monde méditerranéen. Op. cit., Tome 2, p.50.

cordovão preto, que lhe subiam até os joelhos. A espada, cinto, estribos e esporas eram dourados, e a sela do cavalo de veludo preto recamada de ouro e pérolas; na cabeça trazia o cavalo pendentas pedras preciosas e ouro<sup>376</sup>.

À imagem de D. Sebastião, descrita acima, atrelavam-se: adiante do rei, dois escravos negros, conduziam dois ginetes, um claro, outro báio claro, "com xairéis de brocado de ouro e jaezes de ouro. Ao redor vinham cinquenta alabardeiros vestidos de pano preto, com capas compridas até meia perna, saíos com faldas pelo joelho, e botas de cordovão preto, largas"<sup>377</sup>.

Esse séquito colossal em brilho e grandeza, passava pelas ruas e era visto pelo povo e no porto, havia ainda os navios engalanados.

De Lisboa, as imagens criadas por essas visões de grandeza, infletiam sobre as "cortezinhas", que repetiam, na medida do possível, o brilho e o luxo exibidos pela corte do rei.

376- França, Eduardo d'Oliveira - Portugal na época da Restauração. São Paulo, Ind. Gráfica José Magalhães, 1951, p.83.

377- Id., ib.

Nessa perspectiva, as festas (pretextos para um exibicionismo vazio e artificial), eram "mentalmente" abrangentes, porque a estrutura da elaboração dependia de um número extraordinário de serviçais e de acólitos, estes últimos necessários nas cerimônias religiosas. E o "pobre fidalgo meio desageitado e quase sempre tão pobre de bens, quanto rico de soberbas", tentava emular a côrte com a reprodução das recepções de Lisboa, não lhe apagando seus efeitos, considerando a extensão da área de influência do castelo, conforme a descrição literária: "No Alemtejo, pela Extremadura, através das duas Beiras, densas sebes ondulando por collina e valle, muros altos de boa pedra, ribeiras, estradas, delimitavam os campos d'esta velha família agrícola que já entulhava grão e plantava cepa em tempos d'el-rei D. Diniz. A sua quinta e casa senhorial de Tormes, no Baixo Douro, cobriam uma serra. Entre o Tua e o Tinhela, por cinco fartas léguas, todo o torrão lhe pagava fôro. E cerrados pinheraes seus negrejavam desde Arga até ao mar d'Anкора<sup>378</sup>.

378- Queiroz, Eça de - A cidade e as Serras. Porto, Livraria Lello & Irmãos, 1945, p. 5. V. Franca, Eduardo d'Oliveira - op. cit., p. 105.

A tentativa da organização de um esquema sobre o dinamismo das imagens e das representações mentais que se formaram e o processo da apreensão das mesmas, é arbitrária. Vale acentuar, que o vestuário "como substituto do corpo, por seu peso, participa dos sonhos fundamentais do homem, do céu e da caverna, da vida sublime e do enterramento, do vôo e do sono; é por seu peso que o vestuário se torna asa ou mortalha, sedução ou autoridade"<sup>379</sup>.

Tomando de empréstimo o pensamento de Michel Vovelle sobre os intermediários culturais, é útil pensar nos serviçais, nos acólitos, nos mercadores, enfim, todos aqueles que por diferentes acessos, "viram" as imagens da fidalguia<sup>380</sup>.

Essa posição, vinculada ao processo de difusão de representações mentais, é ponderável em se tratando dos povoadores de Piratininga, que certamente não

379- Barthes, Roland - Sistema da Moda. São Paulo, EDUSP, 1979, p. 119.

380- Vovelle, Michel - Op. cit., p. 216.

eram fidalgos. Eram "portugueses de nascimento ou origem, sem terras, porém livres"<sup>381</sup>.

Na questão sobre a nobreza dos moradores, torna-se oportuno acrescentar que a "nobilização" exagerada encontrada nas palavras de cronistas do século XVIII, fundamentou-se nos textos do século anterior. Porém, o dossiê que elaborei da utilização da palavra "nobre", demonstrou com limpidez o seu significado primordial: um atributo usual, um adjetivo, isto é, não há o nobre, mas a aplicação da palavra à terra, ao povo, ou à personalidade que julgam possuir merecimentos. Os documentos portugueses comprovam o uso da palavra como adjetivo e acusam a pouca frequência em que surge com o sentido substantivo, no século XII. E os forais, devem ter difundido o termo "nobre" no sentido de "meus nobilis homo" ou "meus dives homo" (rico-homem) <sup>382</sup>.

Através de múltiplos exemplos, verifica-se o largo uso do termo na vila de São Paulo e em alguns casos,

381- França, Eduardo d'Oliveira - Op. cit., p. 120.

382- Mattoso, José - Op. cit., vol. I p. 112-113.

há a marca do escrivão, preso a formulários: nos quais deveriam constar, "mulher nobre", "mulher nobre e honrada":

- "mulher nobre e honrada" é a expressão usual nos requerimentos<sup>383</sup>;

- "mulher nobre e das qualidades que Sua Magestade manda"<sup>384</sup>;

- "mulher honrada e nobre e que vivia honestamente e não havia sido casada segunda vez"<sup>385</sup>;

- "visto os cargos honrrosos que servi e pela nobreza que aqueri..."<sup>386</sup>;

- o alcaide Domingos Machado recebe a advertência: "que não venda nem vinho e nem pão e "uzase da nobreza que sua magde lhe da e goardase esta vila como S.M. lhe..."<sup>387</sup>;

- Antonio Alves Conseuro desiste do ofício de seleiro porque era um homem velho e tinha "bens bastantes

383- Inventários e Testamentos, vol. 41 p. 286 (1654); vol. XXX, p.205 (1619); vol. VI, p.374 (1625).

384- Inventários e Testamentos, vol. VII, p.57 (1626); vol. VI, p.374 (1625).

385- Inventários e Testamentos, vol. XVI, p.41 (1659).

386- Inventários e Testamentos, vol. XXXIII, p.193 (1645).

387- Atas da Câmara da Villa de São Paulo, vol. IV, p.319, (1636).

pera poder sustentar-se sem uzar o dito ofisio pera guozar das onras liberdades dos omes nobres..."<sup>388</sup>.

- "nobre honrado cargo"<sup>389</sup>;

- Vasco da Mota, filho de Atanasio da Mota é pessoa nobre e honrada<sup>390</sup>;

- Ignez Monteiro "é uma mulher nobre que sempre viveu honestamente"<sup>391</sup>;

- "servem pessoas nobres e de qualidade"<sup>392</sup>;

- "homem nobre e bem nascido"<sup>393</sup>;

- "mais de 2000 peças de escravos com as quais esta terra era enobrecida"<sup>394</sup>.

Todavia, algumas ponderações devem ser sobrepostas a essa mentalidade sustentada na força de uma provável nobreza. Além da manipulação da palavra nobre, do

388- Atas da Câmara da Villa de São Paulo, id., ib.

389- Inventários e Testamentos, vol. XXXIX, p.215 (1662).

390- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol. I, p.231.

391- Inventários e Testamentos, vol. XVII, p.301-302.

392- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol. II, p.4.

393- Inventários e Testamentos, vol. XXXI, p.43-44 (1616)

394- Atas da Câmara da Villa de São Paulo. Vol. I, p.275.

extenso repertório de imagens relacionadas à nobreza, outras vertentes abasteceram a idéia do "enobrecimento" dos povoadores. Não prolongando o assunto, havia a cerimônia da homenagem, que por mais apagada que fosse em relação às suas origens, representava privilégios e honrarias pertinentes à nobreza. Assim, nos paços do Gov. e Capitão General Arthur de Sá e Menezes houve a homenagem que prestou Thomás da Costa Barbosa, como capitão mor da cap. de S. Vicente e São Paulo: "...e q'lhe tomasse preito e homenage pa debaixo della servir seu cargo; e visto seu dizer e pedir, pello dito Governador perante mim e das testemunhas ao diante nomeadas lha tomou posto o do. Capam Mor de joelhos com as mãos juntas hua com outra entre as mãos do do. governador sobre o misal dos Sanctos Evangelhos dizendo o do. provido"<sup>395</sup>.

Existia, a mentalidade e alguns textos sugerem outras direções de pesquisa: uma referência ao avô de Francisco Lopes Pinto era "de Sarfim e gente nobre e de nação francez"<sup>396</sup>.

395- Documentos relativos ao "Bandeirismo Paulista" e questões conexas no período de 1701 a 1705. In: Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo. vol LI, p.41-42.

396- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol. I, p.231 (1617).

No embasamento do ideal de nobreza na Vila de São Paulo, a faculdade concedida a D. Francisco de Sousa de nomear "do foro de cavaleiro fidalgo em cem pessoas", deve ter causado ressonâncias<sup>397</sup>. D. Francisco também podia dar o título de "moço da Camara" sob a condição de "serviço" nas minas por um ano, enquanto que para o cavaleiro fidalgo teria que servir "dois anos compridos"<sup>398</sup>.

Apresentando conotações com o bem nascer ou com o ideal "ser nobre", uma breve reflexão sobre os sinais de luxo detectados nos inventários, constitui uma linha de pesquisa que auxilia a apreensão de algumas representações mentais. Ainda que a classificação de luxo seja difícil - uma personagem fugitiva, múltipla e contraditória, a dialética é necessária. Se beneficia minorias privilegiadas, aí está mais um argumento favorecendo o seu estudo<sup>399</sup>.

Seja como for, o exame das peças de roupa arroladas nos inventários, revela detalhes similares aos

397- Registro Geral da Câmara de São Paulo, vol. I, p.194-195.

398- Id., ib.

399- Braudel, Fernand - *Civilisation matérielle et capitalisme*. Op., cit., p. 135.

encontrados nas descrições de trajes elaboradas por Cervantes em suas obras:

- "gaban de paño fino verde jironado";
- "sayo negro jironado";
- "sábanas de Holanda" (nesse caso uma referência à roupa de cama);

- "pasamanos de plata";
- "sapato de cordobán";
- "jubon".

Assim em alguns inventários encontram-se:

- gibão de bombazina lavrado;
- chapéu preto novo e forrado;
- talabartes de cordovão com uns cintos;
- ligas de tafetá;
- meias de lã roxa<sup>400</sup>;
- meias de seda negra;

400- Cervantes, Miguel - Op. cit., pp. 401, 430, 536, 543, 582, 560.

- manto de tafetá;
- saia de tafetá com 7 passamanes<sup>401</sup>;
- saia de setim negro com doze passamanes  
ferrada de bocaxim vermelho<sup>402</sup>;
- armador de catalufa (tecido de prata), com  
suas mangas de damasco<sup>403</sup>;
- manto de tafetá novo com sua ponta francesa  
e encaixe<sup>404</sup>;
- sapatos de cordovão negro<sup>405</sup>;
- capa e roupeta de gorgorão de seda,
- vestido preto de setim, de mulher,
- colete de chamalote de flores azul  
guarnecido de passante amarelo,

401- Inventários e Testamentos. Papéis que perteceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, vol. XI, p.182.

402- Inventários e Testamentos. Papéis que perteceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, id. p.441.

403- Inventários e Testamentos. Papéis que perteceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, vol. 40, p.143.

404- Inventários e Testamentos. Papéis que perteceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, vol. XV, p.245.

405- Inventários e Testamentos. Papéis que perteceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, id., p.370.

- gibão de lamé de flores guarnecido de galão de ouro com corrente e oito botões de prata sobre "dourado forrado de tafetá azul",

- anáguas de catalufa amarelo<sup>406</sup>.

Em termos concretos, os sinais de luxo, ténues ou fortes, exigindo uma investigação vertical, poderão revelar outros componentes na formação das representações mentais dos povoadores de São Paulo. É válido notar que, se fossem deslocados para este trabalho, outros dados já arrolados e referentes ao mobiliário e diferentes apetrechos como "cadeiras de estado", filigranas, jóias, peças de prata ou "cobertor de seda com duas franjas de ouro", "chapéu de veludo negro", haveria a formação de um arsenal condizente a uma vida material burguesa e sem sinais do campo e de costumes camponeses.

O universo das imagens constantemente criadas e recriadas, não pode ser monopolizado por um grupo social,

406- Inventários e Testamentos.Papéis que perteceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, vol. 44, p.65-66. Outro exemplo: Uma vasquinha de damasquillo amarelo forrado de ... vermelho um saio do mesmo; um calção de catassol (tecido de lã fino e brilhante) forrado de pano de linho; gibão de bombazina listrado de amarelo e forrado com pano de algodão, com botões roxo; uma roupeta de tafetá lavrado roxo; meias de seda; sapatos de cordovão brancos. Ver Inventários e Testamentos.Papéis que perteceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital - vol. IV, p. 207-208.

todavia, é impossível ver nos camponeses da tela de Brueghel, homens que em algum tempo tivessem exibido passamanes de prata e de ouro e capa de tafetá<sup>407</sup>.

Crer então, que grande parte dos povoadores era formada pela burguesia que havia fugido da rua Nova dos Mercadores, "não se deixando embebedar pelos fumos da Índia" parece levar a uma boa direção<sup>408</sup>.

Efetivamente, os textos comprovam e de modo evidente a existência de mercadores e também os maneios característicos das atividades mercantis e assim, parecem resolver "tout court", os problemas das formas mentais. Entretanto, na medida que a pesquisa alcança uma posição mais segura, paradoxalmente, ela se apresenta mais complexa e alguns setores teriam que ser avaliados:

- em Portugal, no século XIII, só havia ruas de mercadores especializados, nas cidades. Nessas ruas encontravam-se além da mão de obra-assalariada e artesãos, os pobres, os pedintes e os marginas<sup>409</sup>;

407- Braudel, Fernand - Civilisation matérielle et capitalisme. Op. cit., entre p. 288 e 289.

408- Ellis Jr, Alfredo - Capítulos de História Social de São Paulo. Op. cit., p.195.

409- Mattoso, José - Identificação de um país. Op. cit., Vol. I, p.410.

- a rudeza das alcunhas indicam por vezes, a inferioridades de condição. "Os lugares longínquos de Vilanansur de Ferreiros, Cizneiros, Lavradores, Carvoeiros, Fouce, Vilas de Paes indicam por si só a rudeza de quem os usa como apelidos"<sup>410</sup>. Sobre alcunhas, Na vila de São Paulo uma simples abordagem em alguns textos acusa:

- João Rodrigues, o Galo;
- Manuel Fernandes, o Zorro;
- Simão da Costa, o Cavalo;
- um ourives "por alcunha o Pé de Palheta"
- Domingos Luís, Carvoeiro;
- Antonio Vaz, O manco;
- Domingos Dias da Costa, o Manco;
- Francisco Correia, o Pincha<sup>411</sup>.

- desde o fim do século XII, em Portugal, os mercadores diante das "exigências implacáveis dos Judeus e

410- Id. ib., p.233.

411- Inventários e Testamentos. Papéis que perteceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, vol. VI, p.353 (1625); vol. XXXIX, p.22 (1644); vol. IV, p.180 (1672); id. p.181 (1672); vol. II, p.436 (1623); vol. XLII, p.16 (1651); vol. XXVIII, p.18 (1640); vol. XXII, p.194 (1688).

outros financeiros que o emprestavam com usura a quem lhe conhecia mal o valor, o facto de se encontrar nas mãos de gente que não dispunha de poder político nem sagrado, a própria perturbação que a sua manipulação causava a uma sociedade que dominava mal os seus mecanismos, fizeram do uso do dinheiro um problema moral"<sup>412</sup>. O mercador passou a ser encarado como uma pessoa inescrupulosa e sujeita ao pecado.

Presas às proposições que foram apresentadas, algumas peças denunciadoras de luxo ou ligadas provavelmente à níveis de vida mais exigentes, fariam parte de mercadorias detinadas ao comércio. Sem dúvida, nesse aspecto, os inventários aguardam uma releitura.

Mercadores...os textos revelam a presença deles não só por meio de declarações ou por reivindicações, algumas vezes completadas com listas de signatários, portanto, os nomes tão ambicionados em uma pesquisa preocupada com atividades comerciais, mas, igualmente nas enumerações de "mercadores de loja aberta". Assim, uma simples seleção dos textos pertinentes, revelaria entre os povoadores de São Paulo, aqueles que se dedicariam à

412- Mattoso, José - Identificação de um país. Vol. II p.53.

mercância. E "pistas" seguras, seriam aquelas que indicassem viagens constantes feitas por um determinado morador, "porquanto o dito seu filho Francisco Cubas o ganhou tudo assim no sertão como em viagens que fez a Pernambuco e à Bahia e que o dito seu filho o sustenta com sua industria..."<sup>413</sup>.

Todavia, o parentesco que havia na Vila de São Paulo, era tão vertical que em um estudo onde de maneira aproximada, podem ser encontrados prolongamentos dos comportamentos dos povoadores de Piratininga, o autor afirmou enfaticamente: "é mais surpreendente verificar quem não figura entre os clientes-parentes do padre Pompeu, do que quem figura". Em outra proposição, o mesmo autor colocou: "Casamentos dentro das próprias famílias eram frequentes; em tão pequena população, outro não poderia ser o caso. Três Castanhos da Silva, irmãos e irmãs; são casados com três Gonçalves de Aguiar, irmãos; dois Jorge Velhos com dois Buenos da Fonseca; e não são casos excepcionais. Quase todos eram primos em segundo graus entre si, e em muitos casos, quando não nos foi possível estabelecer parentesco, é

413- Inventários e Testamentos. Papéis que perteceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, vol. V, p.293 (1619).

tão provável que isso tenha sido devido à falta de documentação do que à falta de parentesco. Sob tais circunstâncias, as palavras "aristocracia", "elite" ou qualquer outro que designe uma classe restrita, perdem o significado. Já que todos pareciam pertencer à mesma classe, a liderança era mais uma questão de competência individual do que de laços de família ou classe"<sup>414</sup>.

E a presença de "Livro de Rezão", isto é, livros de contas, lista de devedores, borrões e borradores, ou simplesmente "livro novo" ou "livro velho", daria a marca específica do mercador. A declaração de Manuel João Branco, figura instigante e até contraditória, merece atenção: "...pereseo Manoel João Branco pelo Coal era Home que tinha livro de Rezão Como merquador que he e nele consta pelo que Requeria ao dito Juiz mandasse nestes autos por fe como assim custaria a dita contia no dito seu Livro"<sup>415</sup>. Mas, Amador Bueno também possuía "livro de razam", Alberto

414- Cahn, Herbert - Padre Guilherme Pompeu de Almeida e suas atividades comerciais (1686-1713). Tese de Doutorado na Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1967, mimeo., p.49.

415- Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (DAESP)- Inventário de Benta Antunes, Caixa 4, Antigo maço 4. p.10, (1659).

Sobrinho se refere ao "Livro de Contas"<sup>416</sup>. Somando-se esses exemplos a outros, que conclusões eles poderiam indicar?

Classificar um recurso contábil, como um signo de mercância, não parece ser o correto, e um representante típico da nobreza provincial francesa possuía o seu "livre de raison" e na mesma época<sup>417</sup>.

A respeito de Manuel João, imbricam-se os caminhos. De acordo com historiadores renomados, ele teria sido o autor de um relatório endereçado a Sua Majestade em 1636. Aí figura o nome de Manuel Juan ou Manoel Juan de Morales<sup>418</sup>. Por esse relatório, Manuel João vivia em constantes atritos com os apesadores, o que talvez pudesse assinalar a sua atividade mercantil. Próximos dessa atividade, estão os "conhecimentos", longa série de

416- Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (DAESP)- Amador Bueno da Veiga, lata 117, Processo nº 14.962, constante do catálogo do 1º Ofício de órfãos de São Paulo, p. 62; Alberto Sobrinho, Caixa 2, p. 2. é útil lembrar que Martm Rodrigues Tenório declarou possuir livro de contas, ver Inventários e Testamentos. Papéis que pertenceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, vol II (op. cit.), p.24 e 60. Foi condenado por vender fazendas de vara e covado, sem licença da Câmara. ver. Atas da Câmara da Villa de São Paulo, vol V, p.259.

417- Deyon, Pierre - Op. cit., p.268.

418- Holanda, Sergio Buarque de - Tentativas de Mitologia. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1979, p.69.

comprovantes de dívidas (duplicatas?), também notados em outros inventários<sup>419</sup>.

A forma de empréstimos com juros fixos, o "dinheiro a ganhos" ou as "ganâncias", era uma prática usual e envolvia, com difícil margem de erros, todos os moradores. Embora, o empréstimo com juros venha a caracterizar os judeus, elementos de outras nacionalidades também cobravam juros, até os integrantes de conventos medievais. Na verdade, o que não era aceito estava associado ao fato de os judeus cobrarem juros aos cristãos, deixando de fazê-lo entre eles<sup>420</sup>.

Uma análise sobre o sistema em São Paulo, não como uma simples exceção, não como um "Meinen", mas como um "Verstehen", revela alguns pontos valiosos:

- O aspecto mais expressivo do dinheiro posto a "ganhos", residia no fato dele provir diretamente dos órfãos para os tutores e curadores. Desse modo, tudo leva a uma reflexão sobre o interesse, a avidês que deveriam

419- Inventários e Testamentos. Papéis que pertenceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, vol. XIII, pp.298-307 e vol. XXIII, pp.247-249. Nesse aspecto, os exemplos são inúmeros e teriam que ser citados muitos inventários.

420- Weber, Max - História Geral da Economia. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1968, p.244.

existir para a consecução de cargos diretamente vinculados à morte. Assim, ao que tudo indica, estar presente numa situação oficial nas leituras de testamentos, poderia garantir o dinheiro que iria ser colocado para render juros. Assim, os exemplos que coloco a seguir fazem parte de uma longa série:

- João Pais, testamenteiro do inventário de Sebastiana Ribeiro, é curador de seu neto "e o tenho em meu poder por ser ainda menor lhe não tenho entregue o remanescente da terça, q' tenho em meu poder e lhe deixou sua mãe, o qual remanescente está no cofre e anda a ganho";

-"a tutoria deste Inventário e lhe entregou o orfão e sua legitima a saber vinte e seis mil sentos e oitenta rs"<sup>421</sup>;

- O dinheiro dos órfãos representava assim uma longa corrente na qual eram hipotecadas casas e os mais diferentes valores":...pareceo o R.do Pe Frey João do espirito Santo Religiozo do Patrarca São Bento, Prezidente

421- Inventários e Testamentos, Papeis que perteceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XXXIX, p.47 e vol. 40, p.94.

do Convento que se fas na villa de Jundiay, E por Elle dito...que Elle queria tomar a ganhos neste Emventario secenta e quatro mil rs. a Rezão de oito por sento aquem o dito Juis lhos deu por tempo de hu anno E sendo o tenha mais tempo em seu poder pagará ganhos até Real entrega, pera o que fes Epotequa de dezaset dobronis e meio cada hu de mil e sete sentos e secenta Rs. e o meyo dobrão de oito sentos e oitenta, com hua gargantilha de oiro que pezou dezasseis oitavas, mais que quatro memorias que pezarão quatro oitavas..."<sup>422</sup>.

A inserção do índio como peça-chave na economia do planalto, correspondeu a um fatalismo, a uma ação inevitável. E no sistema das ganâncias, o índio passou a ser hipotecado e dentro de mecanismo mágico dos "ganhos dos ganhos" rendeu juros como a moeda, como as joias, como as casas.

Na verdade, o trato escravo em Portugal era quase tão antigo quanto a própria monarquia e tradicionalmente, estava construído sobre um esquema

422- Inventários e Testamentos, Papeis que perteceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XXXIX, p.166.

comercial pelo qual era garantida a mão de obra escrava nas índias de Castela, na Espanha e em outras áreas mediterrâneas. A implantação da cultura açucareira no Brasil, o colocou na rota do tráfico de escravos <sup>423</sup>. Vale acrescentar que o escravo era recrutado para o serviço doméstico e artesanal das cidades portuguesas. E ainda eram solicitados nos meios senhoriais e rurais para os mesmos tipos de atividades <sup>424</sup>. O que interessa relevar-mouros ou negros, os escravos faziam parte do universo mental português.

Em terras de Piratininga, repetiu-se o mesmo esquema: São Paulo transformou-se em um centro abastecedor de escravos. Somente que mouros e negros foram substituídos pelos índios, os "negros da terra".

Excluindo as novas condições do meio geográfico, o sertão desconhecido e a presença do indígena, a legislação proibindo a escravização do indígena, foi o único obstáculo encontrado pelos povoadores.

423- Godinho, Vitorino Magalhães - A estrutura na antiga sociedade portuguesa. Lisboa, Editora Arcádia, 1971, pp.64-65.

424- Mattoso, José - Identificação de um país. Op. cit., vol. 1, p. 253.

Estruturalmente, os povoadores conservavam no fundo de suas consciências, o equilíbrio harmonioso entre os ideais cristãos de justiça, fé e caridade e o sistema escravocrata. Assim, os índios escravos e a miscigenação resultante, não repugnaram os povoadores, faziam parte de uma mentalidade. O universo mental formado pelo antigo tráfico, pode ser detectado nas transações econômicas em que o índio era o elemento essencial. Não há emoção na utilização dos termos "alvidrar", "arrematar", ou "alhear"; haviam-se transformado em clichês há muito tempo<sup>425</sup>.

Em decorrência, o índio foi alugado, emprestado, vendido e evidentemente foi inventariado e toda uma escala de valores foi articulada.

Destriçar do elenco das situações criadas com a escravidão do indígena e configuradas em declarações diversificadas, as realidades que se escondiam, demanda uma investigação exaustiva. Deve ser lembrado que a escamoteação fazia parte do sistema. Nesse sentido, os inventários representam uma fonte valiosa e útil:

425- Ullmann, Stephen - Uma introdução à ciência do significado. 3ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1964, p.288.

- Gaspar Favacho declarou que tinha "sinquenta e cinco pessoas novas guaianazes que ainda não sabia a lingua da terra por serê chegadas de poucos dias e que não tinha ainda nomes por não serem bautizadas e elles sere Rudes e asim requereu o dito Viuvo ao dito Juis que fizese partilhas entre elle e seus filhos das ditas pessoas";

- "...que as peças lançadas neste inventário eram bens que corriam risco de morte e fugidas por cuja causa podia ter perda seu constituinte o capitão Francisco Dias Velho";

- "E toda fazenda lançada neste inventário foi entregue à viuva Anna de Proença para a ter em seu poder até o tempo da partilha a qual se não fez por ora em razão de faltar o gentio da terra o qual declarou a viuva andar ausente e não obedecer senão ao capitão Fernão Dias Paes...";

- "...me deve meu irmão Braz Esteves des' mil reis e outrossim hua pataca mais que foi de hua pesa do gentio da terra que lhe vendi, o que não podia ser por sser

fora, mando lhe de a meus erderos outra pessa tão boa como a que lhe dei...";

\_ "...o negro hilario voluntariamente quer servir pa com o seu serviço alimentar os ditos orfãos p. o que requereu a sua mercê mandase Alvidrar o dito negro por dous homês que bem o deixa entender "e o mandou". E há a continuação: pa. com os guanhos alimentar os ditos órfãos";

\_ "herdr.os nelas por seu pai os ganhar em guerra e trazelos do sertão e morrer no dito sertão pa buscar remedio"<sup>426</sup>.

Conforme os inventários, as mortes e a fuga de índios, ocorriam constantemente. Então, de uma forma ou outra, o desaparecimento do índio tinha que constar nas declarações. Porém, todos os sinais eram apreendidos pelos povoadores e utilizados para beneficiarem os herdeiros ou os envolvidos nos inventários. Sobre as mortes dos índios, em

426- Inventário e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XXXVI, p.250 (1649); vol. XX, p.330 (1681); vol. XVI, p.28 (1658); vol. XXXIV, p.114 (1616); vol. XXXIV, pp.197-198 (1662); vol. XXXI, p.39 (1616).

um inventário, há as testemunhas "que das ditas mortes sabiam"<sup>427</sup>.

E mesmo considerando todas as dificuldades do processo de apresamento e "cristianização" do indígena, a lei era burlada por um verdadeiro sistema de artifícios que deveriam resultar das confabulações dos povoadores. Tudo indica que se cotejarmos declarações de um tempo determinado, surgirão expressões de certa maneira, homogêneas, isto é, com o mesmo conteúdo.

Assim, recebendo a notícia da morte das peças, o juiz afirmou: "...que daqui em diante quando alguma peça adoecesse...certidão do cura ou de qualquer padre em como morreu..."<sup>428</sup>.

Pretextos, evasivas, ocultações veladas nas declarações sobre o número de peças, formam um acervo que submetido à uma análise rigorosa, assinala o desconforto causado pela legislação. Ou então, escapa-se da partilha com

427- Inventário e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XI, p.356.

428- Id., ib., p.343.

o amparo da lei, mas com astúcia: "como foras que são", não devem ser partilhadas.

E surgem argumentos construídos sobre a pobreza e a distância: "...que os bemz lançados neste inv. heram pouco e os legitimos de seus filhos limitados e que pera tanta pobreza hera mto o trabalho de os levar a villa aos leissóis (?) por viver distante della mais de nove legoas..."<sup>429</sup>.

Disfarçando provavelmente as intenções, há cordialidade em algumas declarações, "por não fazer aqui tamanha leitura não declaro..."<sup>430</sup>.

Que os textos tomados como exemplo foram emitidos por uma sociedade frágil, indefesa e insegura, parece ser evidente. Seria ela formada por homens machucados, que sem rei, sentiam-se constantemente ameaçados?

429- Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (DAESP). Antonio da Veiga, caixa 4, F. 14 (1660). "Leissóis" Deve referir-se a leilões.

430- Inventário e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XXIII, p. 158.

Homens que conservavam a nostalgia de um passado grandioso:..."dizendo q se lerão cartas esta somana que vinha el rei dom Sebastião e ouvera alvoroso e gritos dizendo viva elrei dom Sebastião e que dizião mais o papa mandaria cõ escomunhões ninge tomase contra eles armas e lhe etregase o reino e pas e q' "...<sup>431</sup>.

E percorrendo os textos, uma pequena ruptura revela uma imagem: "Declaro q' Salvador Bicudo de Mça me deve vinte e sinco mil rs a vinda del Rey Dom Sebastião; e Joseph da Costa Home sincoenta patacas tambem a vinda de El Rey Dom Sebam<sup>432</sup>. A declaração faz parte do rol das contas do Vigário Alvaro Neto Bicudo e pertence ao ano de 1653.

A questão do parentesco, tantas vezes retomada neste trabalho, esclarece alguns comportamentos dos moradores da Vila de São Paulo, fundamentalmente vinculada à homogeneidade de certas manifestações. As mensagens eram transmitidas pela linha parental, isto é, de parente a parente. Em 1623, os oficiais da Câmara, já advertiam que

431- Atas da Câmara da Vila de São Paulo. Ver Eduardo d'Oliveira França, op. cit., p.177.

432- Inventário e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. 42, p.64.

era necessário advertir o governador que "nesta villaavião homes aparentados todos os da governança da tera todos ligados e parentesquos e cunhados que de forçaavião de servir hus con outros"<sup>433</sup>.

Dois documentos vinculados à situação parental, demonstram o amolecimento da legislação a uma realidade reconhecida por todos os moradores, os oficiais da Câmara eram sempre parentes; portanto, sogros, tios, sobrinhos ou cunhados, de modo permanente, faziam parte do Conselho:

- O termo enviado pelo Ouvidor Geral diz que o parentesco que havia sido verificado era por afinidade e não no grau de "cunhadio", "no cazo que os ditos hofisiais se ouvessem de escusar e fazerem-se outros das pessoas de melhor qualidade e principais da terra na forma que a lei dispõe he impossível acharem-se pessoas sem os mesmos empedimentos";

- "Proveo mais ho dito ouvidor geral desta Repartisam do Sul ho doutor...que porcoanto hos moradores

433- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol. III, pp.36-38.

desta dita villa estavam mto aparentados hus com os outros assim por sanginidade como por afenidade pelo que não era posivel guardare rigour da lei nas pessoas que ão de servir os carguos nesta Republica pelo que ordenava elle dito ouvidor jeral que podesen servir como ja em outra correisam estava mandado que pudesem servir athe o segundo grao por afenidade"<sup>434</sup>.

Os documentos citados pertencem ao ano de 1674, e os exames dos textos comprovam que as alegações relativas à condição de parente e em consequência, impediam a ocupação de cargos na Câmara, ainda que libertassem o morador que havia saído "no pelouro", continham a verdade. O parentesco criava situações difíceis de serem deslindadas como nas referências seguintes: "Paula Camacho é sogra de Alvaro Neto, Sebastião Fernandes Camacho é sogro de Gaspar Cassão; Paula Camacho diz que sua avó mãe era meia irmã da avó de Sebastião Fernandes Camacho, portanto, Alvaro Neto e Gaspar Cassão eram parentes por suas mulheres e não poderiam servir"<sup>435</sup>.

434- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol. VI, pp.324-326.

435- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol. III, pp. 127-128.

Os nomes dissemelhantes, dificultam as análises e por vezes, levam o estudioso a não verificação de um parentesco próximo, entretanto, a leitura minuciosa dos textos denuncia:

- Antonio Rodrigues de Arzão é irmão de João Peres Calhamares;

- O filho de Manuel Rodrigues de Arzão é Simão Peres Azevedo;

Catarina Gomes é mãe de Manuel Corrêa de Arzão;

Catharina da Silva é mulher de Gonçalo Lopes. Sua bisneta é filha de Antonio Rodrigues de Arzão<sup>436</sup>.

Completando: os nomes dos moradores eram distintos, mas o parentesco era evidente.

Na mesma linha de raciocínio, o exame do "cursus honorum" de Braz Rodrigues de Arzão apresenta o seguinte quadro:

436- Inventário e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XXIII, p.300; vol. XXIV, p.238; id., p.210; vol.XXIII, p.234.

- em 1669, é Juíz<sup>437</sup>;
- em 1677, é Procurador do Conselho<sup>438</sup>;
- em 1680, é almotacel<sup>439</sup>;
- em 1682, é Procurador do Conselho<sup>440</sup>;
- em 1686, é escrivão da Santa Casa<sup>441</sup>.

Entretanto, os títulos de Braz Rodrigues de Arzão, no contexto social de Piratininga, não são expressivos. O exame documental denuncia a participação, em épocas distintas, de todos os moradores no Conselho da Câmara e concretamente verificava-se uma troca de cargos. A expressão "cursus honorum" em Piratininga, nada significava, quase todos os moradores, ao longo do século XVII, apresentavam igual trajetória.

437- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, an. vol. VI, p.603.

438- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol. VI, p.433.

439- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol. VII, p.159.

440- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol. VII, p.69.

441- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XXII, p.46.

Os títulos advindos de cargos ligados à Câmara, à Misericórdia, aos processos de petições de terra, aos legados ou a outros, não constituíam prerrogativas. Atras deles, cristalizados, estavam os vínculos parentais. E sobre esse sistema de parentesco, havia sido edificada a inteligência local. Consequentemente, o exemplo que escolhemos pode ser considerado o corolário das proposições que foram feitas. Trata-se de um "Termo de Vereação" do ano de 1650:

- ... "que nenhuma pessoa subise a caza onde se costuma fazer audienssia senão quão por elles ditos officiaes da camera fossem chamados tendo que requerer e isto por se evitarem incomvinientes e não se ouvirem as couzas que em camera se comunicação"<sup>442</sup>.

Atraiu a atenção de alguns estudiosos, a presença na Vila de São Paulo de Miguel Ribeiro, meirinho da Santa Inquisição. Realmente, em 1628, "ao primeiro dia do mez de abril", à meia noite, Miguel Ribeiro, bateu à porta da casa de Cornélio de Arzão dizendo "que da parte da Santa

442- Atas da Câmara da Vila de São Paulo, vol. V, p.441. (O grifo é meu).

Inquisição lhe abrissem a porta"<sup>443</sup>. Tudo parece indicar que o arresto dos bens de Cornélio de Arzão tenha sido provocado pelo "affaire" criado por Clemente Alvares, genro de Martim Rodrigues Tenório. E no arquivo do Tombo, em Lisboa, encontra-se a denúncia feita no dia vinte e quatro de setembro de 1615, por Clemente Alvares<sup>444</sup>.

Sendo Cornélio de Arzão, igualmente genro de Martim Rodrigues Tenório, há indícios que comprovam ter sido a atitude gravíssima de Clemente Alvares, causada por questões relativas à posse de terras que teriam sido indevidamente partilhadas. Segundo os documentos, no mês de agosto de 1624, ele se encontrava na cadeia<sup>445</sup>.

A presença da Inquisição no planalto de Piratininga, com todas as suas implicações, deve ter provocado o desencadeamento de fortes emoções, derivadas do medo - surgiram imagens guardadas no fundo das consciências;

443- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XII, pp. 71-127.

444- Salvador, José Gonçalves - Op. cit., p.110.

445- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, São Paulo, vol. II, pp.43-44. Ver Sesmaria, vol. 1, p.260.

e da própria vulnerabilidade da Vila de São Paulo diante do poder da Coroa.

Todavia, a Vila de São Paulo estava preparada para enfrentar o arresto dos bens de Cornélio de Arzão. Havia sido montada uma encenação que segundo alguns sinais, funcionou muito bem.

O estabelecimento das correlações dos moradores citados no Auto do Inventário demonstra os seguintes pontos:

- Elvira Rodrigues, mulher de Cornélio de Arzão, não assinou o auto "por não saber" e quem o fêz foi um "forasteiro", Belchior de Borba;

- Os "vizinhos", Balthazar Gonçalves Malio e seu genro Miguel Garcia Carrasco, tornam-se avaliadores juramentados;

- João Faes, por ser "pessoa abonada", é o depositário da fazenda.

Superpondo ao Auto da Inquisição, realizado em 1628, o inventário feito por morte de Cornélio de Arzão em 1638, obtém-se:

Belchior de Borba era casado com Anna Rodrigues, filha de Cornélio de Arzão, portanto, seu genro;

João Paes é o procurador da viuva, Elvira Rodrigues, mas em termos de parentesco, era cunhado, porque era casado com a irmã da mulher de Cornélio de Arzão<sup>446</sup>;

Baltazar Gonçalves Malio, em 1632, é um dos avaliadores dos bens de Damião Simões, irmão das mulheres respectivamente de João Paes e Cornélio Rodrigues de Arzão<sup>447</sup>.

Se além do estabelecimento das correlações dos moradores nomeados no auto de 1628, organizar-se um cotejamento entre os bens que foram levados à leilão nesse primeiro inventário e os inventariados em 1638, um exame paciente comprovará a permanência de grande parte do patrimônio com a própria família.

O referido Auto da Inquisição é na verdade um documento valioso porque torna visíveis os subterfúgios

446- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XII, pp. 27-67 (inventário de Cornélio de Arzão em 1638; Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. III, p.391 (Testamento de Damião Simões. Declara deixar peças forras às irmãs: "...a mulher de João Paes e a Elvira Rodrigues...").

447- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. VIII, p.390.

empregados pela família de Cornélio de Arzão, os moradores de São Paulo, para não serem prejudicados. Usualmente, de acordo com a documentação, o parentesco é declarado, ele não é mantido em segredo. Ora, a porta da casa de Arzão foi aberta por sua mulher Elvira, que estava com seu irmão Pero Rodrigues Tenório, que sabiam que Belchior de Borba era genro e não "forasteiro", que João Paes era cunhado e não "vizinho" e que Balthazar Gonçalves Malio, era amigo ou parente, e não "vizinho".

Nos mecanismos dos processos inquisitoriais, os interrogatórios eram frequentes e dolorosos, considerando a crueldade contida nas penas que poderiam sobrevir, caso houvesse um deslize. Mentir, tornou-se uma questão de sobrevivência. Assim a imagem de um Auto de Fé, recolhida do inconsciente, fundamentou o desempenho da mulher e dos parentes de Cornélio de Arzão. Parece ser lógico. Todavia, com a mesma fundamentação, seria lícito pensar que a Inquisição, com o exagero das perseguições e as penas insuportáveis, deu origem à novas formas mentais caracterizadas pela firme adesão ao embuste, à mentira e ao subterfúgio? Em contrapartida, a disposição dos moradores-

parentes, em manterem ocultas as respectivas identidades, racionalmente correta, também não revelaria homens habituados à técnica da escamoteação?

A clivagem da documentação caracterizada por designativos relacionados à honra, à riqueza ou à superioridade, demonstrou, como já foi observado, a existência entre os moradores de Firatininga, de ricos, abonados, afazendados, honrados ou pessoas de qualidade ou homens de posse.

Nesse particular, o que causa perplexidade, é que esse universo fragmentado e formado por atributos extraídos de camadas sociais elevadas, conforme antigas estruturas portuguesas, fazia parte do imaginário dos povoadores, mas eles o manipulavam, não com o maniquêismo de alguns estudiosos, preocupados com a dicotomia pobre-rico, mas, em função do quadro sócio-econômico da Vila de São Paulo. E em outra perspectiva, a verticalidade da situação parental, garantia a permanência dessas noções vagas de honra e riqueza, subjacentes ao imaginário.

E o pesquisador, por vezes, obliterado pela operacionalização do imaginário efetuada por moradores, apreende o maniqueísmo contido na dialética pobre-rico que eles mesmos, os povoadores, tinham interesse em revelar.

Desse modo, para exercer a curadoria dos órfãos e receber seus bens, deveria ser apresentado o fiador, um homem "abonado" como Claudio Forquim<sup>448</sup>.

O sistema de empréstimos, o dinheiro "posto a ganhos", exigindo segundo o "costume da terra" "a apresentação do fiador, ocasionava, naturalmente, o aparecimento de "pessoas abonadas" ou "pessoas abonadas e afazendadas" como Paschoal Leite de Miranda, pessoa abonada ou João da Cunha Gago, pessoa abonada e afazendada<sup>449</sup>.

Nas petições envolvendo os pedidos de sesmarias, condicionadas ao caráter do documento, os "homens de posse" surgem usualmente, assim como:

448- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol.XXXI, p.37.

449- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol.XVI, p.274 e p.272.

- João Raposo Bocarro;
- Geraldo Correa;
- João Ferreira Coutinho;
- Estevão Sanches de Pontes;
- Pero de Goes Raposo<sup>450</sup>.

Convém observar, no entanto, que uma análise exaustiva, apresentará nuances de níveis econômicos dos curadores, dos fiadores ou dos mencionados nas petições de terras. Deve ser assinalado: os povoadores sabiam utilizar esse atributos conforme a tipologia do documento, a não apresentação de fiadores, subordinava o requerente à apresentação de bens e um morador considerado "homem de posse" no pedido de sesmaria, é a mesma pessoa "abonada" que pode aparecer no sistema de empréstimos.

Por outro lado, dificultando a investigação, os sintomas de riqueza, as vezes, aparentemente, desaparecem, como no exemplo de João Raposo Bocarro. Ele pede sesmaria em 1638 com uma alegação muito bem

450- Sesmarias, vol.I, pp.38-47 (1604).

elaborada,"e sempre ele suplicante ajudou a sustentar a defesa desta cap..."; "em tempo de 9 anos que serve de cap,. de ordenaça de uma das cias da dita vila de São Paulo com a qual em todos os rebates tem acudido as fortalezas de Sua Magestade à sua custa sem despesa alguma da fazenda do dito senhor" e é "homem de posse"<sup>451</sup>. E um pormenor relevante, em se tratando de doações de terras em São Paulo: recebeu cinco léguas.

Em 1668 (segundo o documento o ano é 1609, por ser dia trinta e um de dezembro, portanto já havia passado o dia de natal), João Raposo Bocarro, recebeu "a ganho" à razão de oito por cento, doze mil réis por tempo de um ano, "obrigou sua pessoa e bens moveis e de raiz e peças do gentio da terra e para mais segurança apresentou por seu fiador e principal pagador João Baptista de Leão, o qual se obrigou assim e da maneira que seu fiador hypotecando umas moradas de casas que tem nesta villa e assim mais sitio e terras gado peças escravas e da terra que tem e possue..."<sup>452</sup>.

451- Sesmarias, id., p.38.

452- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol.XVI, p.275.

Vale ainda admitir nesse quadro social impreciso, que a morte dos "abonados" e "honrados" não afasta os atributos que lhes foram concedidos. Em superposição, surgem outras formas mentais, fundamentadas ou extrapoladas do imaginário. Em um texto encontra-se: Domingos Coutinho sustenta dois enteados e "eles estão faltos de roupa" e para continuarem "O Insino das primeiras letras", "como filhos de quem são"<sup>453</sup>.

Importante no contexto social da Vila de Pirantininga, é o surgimento, cimentado na miscigenação, de outros apelos:

- Salvador Baldaya Sobrinho afirma: "que elle supte; he homem pobre despido e mal tratado he sequer vistir he parecer como Branquo". Mas eles constituíam na verdade resistências às transformações. Nas consciências permaneciam as noções sobre a qualidade das pessoas e relacionadas ao bem nascer: "Declaro que os beins que posuo são nenhus e soo pesuo dous negros do gentio goianã ia velhos os quais por serem do cabelo corredio são livres". A declaração é de

453- Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (DAESP), caixa 6, f.76 (1679).

Polônia da Costa e a data do documento assinala o final do século XVII: 1684<sup>454</sup>.

454- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital, São Paulo, vol.XXXVIII, p.181 e Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (DAESP), caixa 17, f.4.

**C - A morte: em nome de Deus**

*C - A morte: em nome de Deus*

A visão intensa da morte próxima, parte de um processo iniciado na Europa Ocidental, a partir do século XIV, originando imagens sedimentadas no medo, na dor e no desespero, foi uma das permanências no universo mental dos povoadores.

Do emaranhado histórico formado por doações, legados pios e as antigas "mandationem" - encontrada no século XII a manumissão de uma serva, tudo "pro remedio animae", aos testamentos surgidos ao longo dos séculos XIII e XIV, a visão que se obtém corresponde à uma verdade: todos eles se inscrevem na perspectiva que todo cristão deve ter em uma boa morte<sup>455</sup>.

455- Beirante, Maria Angela - Para a história da morte em Portugal (sec.XII-XIV). In Estudos de História de Portugal, Lisboa, Editorial Estampa, 1982, pp.363-364. Durante os séculos XV e XVI, havia razões muito fortes para a elaboração de testamentos: a incerteza sobre a morte, a possibilidade de uma doença e os entravos que as preocupações com os bens materiais pudessem causar à situação espiritual. Ver Alberto Tenenti, Ars Moriendi. In Annales, E.S.C., octobre-décembre 1951, n°4, pp.430-446. Ver também François Lebrun, Les hommes et la mort en Anjou, op. cit., pp.450-451.

E os testamentos terminam sendo utilizados largamente e fixados por fórmulas mais ou menos invariáveis:

- sinal da cruz;
- preâmbulo;
- invocação a Jesus Cristo, a Virgem Maria ou aos Santos;
- referências às missas e esmolas;
- disposições relativas a bens e noenação de testamenteiros;
- cláusulas mortuárias<sup>456</sup>.

Se for elaborada uma pesquisa voltada unicamente para testamentos pertencentes à arquivos francêses, por exemplo, a fórmula comum é similar à descrita acima, com ligeiras variações. Quanto a Portugal, praticamente, não há diferenças, a não ser na questão referente à natureza dos bens, nesse caso, "pão e pescado", "três carneiros"<sup>457</sup>.

456- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol.XLII, pp.58-59.

457- Beirante, Maria Angela - Op. cit., p.380.

Tratam-se de fórmulas estereotipadas, reveladoras da prática notarial e procurar um conteúdo religioso pessoal, demanda uma investigação exaustiva. É oportuno acrescentar, que analisando testamentos franceses dos séculos XVII e XVIII, François Lebrun apresentou uma conclusão aproximada, ressaltando com certo cuidado, que por vezes, através da prática notarial, pode ser vislumbrado, o valor religioso do testador<sup>458</sup>.

E a preocupação fundamental encontrada em todos os testamentos, afastada da sedimentação religiosa na qual estavam embasados, reside na distribuição dos bens, no pagamento das dívidas e na apresentação rigorosa e disciplinada dos conhecimentos, os comprovantes evidentemente, dos devedores. Ainda que em fragmentos, no testamento de Isabel Felix, datado de 1596, escrito na língua espanhola, verifica-se a "tonalidade" típica:

"Em nombre de Dios todo poderoso sepan los que esta carta de testamento vieren como en el año de la criacion de Nosso Señor Jesu Xpo de 1596 años...dias del mes

458- Lebrun, François - Op. cit., p.451.

de outubro yoi Isabel Feliz estando enferma del cuerpo y sana del entendimiento...Martin Barragan para hacer esta carta de testamento.

Primeramente encommendo mi anima a Dios que la crió y mi cuerpo a la tierra para onde fue criado.

Iten mando ocho cruzados de limosna a los reverendos padres de la Compañia de Jesu.

Iten mando seis cruzados que digan...missas por mi alma.

Iten mando una novilha de un año a Nossa Señora del Rosario...

Iten mando una saya de pano de algodón y una camisa a mi sobriña Antonia.

iten mando que Domingos Luiz carvoero sea mi...azea"<sup>459</sup>.

No testamento de Pero Vaz de Barros, com a data de 1697, um século após o de Isabel Felix, encontram-se expressões similares "Primeiramente encomendo minha alma à

459- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol.I, pp.129-130.

Santissima Trindade, que a criou..."<sup>460</sup>. As outras disposições, sem relacionar as missas ou as esmolas, a confraria das Onze Mil Virgens e outras, possuem uma tipologia estritamente econômica e visivelmente afastada dos santos e dos anjos.

Os testamentos do século XVII, já denunciam o desaparecimento progressivo das preocupações espirituais com a valorização dos bens econômicos, indicando o fim dos formulários plenos de fé e religiosidade: transformam-se em documentos cujo teor passou a ser inteiramente material<sup>461</sup>.

Os testamentos silenciam em relação à dor, ou ao desespero ou ao medo. Eles estão atrelados aos santos constantemente invocados nos tempos críticos e angustiantes de epidemias e pestes e a mensagem neles entalhada é uma síntese do discurso teológico consolidado sobre visões trágicas da morte.

A parte do testamento ligada à longa série de providências exigidas conforme a pragmática, local do

460- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XXIV, p.15.

461- Lebrun, François - Op. cit., p.452.

sepultamento, número de missas, presença de confrarias, esmolas, exigindo um corpo estável de funcionários, é valiosíssima porque é reveladora de uma economia dinamizada sob o signo da morte.

Justamente, um estudo sobre a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, já mencionado, coloca além das esmolas recebidas pela Santa Casa, as tumbas, os esquifes abertos utilizados no transporte do defunto até as igrejas. De acordo com os ornamentos, havia variação dos preços<sup>462</sup>.

Nos inventários, longas listas testemunham o pagamento feito:

- "dois cruzados do acompanhamento com um memmento, e dezeseis mil réis de duas capellas de missas, e assim mais dois mil réis de cinco clérigos";

- "doze mil réis, esmola do habito em que foi amortalhado e juntamente da capa";

- "Recebi de Manuel Corrêa Penteado tres patacas de tres cruces";

462- Mesgravis, Laima - A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599-1884), Op. cit., pp.71-73.

- "dez mil réis da tumba da Santa Misericórdia;

"cinco patacas de esmolas da Confraria das Onze Mil Virgens"; "três patacas de esmolas do acompanhamento que fizeram do dito acima a saber cruz de São Paulo e cruz de São José e cruz de Nossa Senhora da Boa Morte";

- Recebi do senhor licenciado Bonifacio de Mendonça uma pataca do aprovação do testamento";

"duas patacas de incenso, e outras miudezas que dei para o enterro"<sup>463</sup>.

Havia se desenvolvido na Vila de São Paulo uma economia da morte, desde a presença notarial por ocasião da elaboração do testamento à execução do inventário, do amortalhamento do defunto, da compra da sepultura, do acompanhamento, das missas rezadas e das esmolas recebidas. Acrescentando "o incenso e outras miudezas", existia uma sociedade que conhecia perfeitamente o ritual que envolvia a morte.

463- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XXIV, pp. 22-24.

Classificar e quantificar esse ritual é até possível. A documentação é volumosa e os exemplos são múltiplos. No entanto, na medida que uma pesquisa assim dirigida, alcançar a edificação de quadros completos sobre o valor econômico dos hábitos ou os totais das esmolas, mais afastada estará da angústia relacionada à morte. Ela nunca foi aceita "sem temor nem apreensão". Voltaire, como se sabe, dizia que a morte sem temor nem apreensão era a morte dos animais"<sup>464</sup>.

Nesse ponto, a sensibilidade do povoador diante da morte da indiada, das mulheres, das crianças e deles mesmos e do retorno de uma prática resultante de uma experiência dolorosa, constitui matéria para uma densa reflexão.

Mas, em outro ângulo, a "pompa funeral" (expressão usual nos inventários para designar todas as correlações do ritual da morte), o exercício de curadorias e tutelas, o sistema de ganâncias alicerçado nos inventários, não esvaziariam os comportamentos dos povoadores de

464- Vovelle, Michel - Ideologias e Mentalidades. Op. cit., p.131.

componentes emocionais? E a ausência de emoção, não teria sido entre outras, uma das forças - se essa for a designação adequada, que auxiliou a fixação dos povoadores no planalto?

Entretanto, é nos textos, principalmente aqueles pertinentes aos bens materiais, que se encontra uma terminologia profundamente vinculada ao discurso teológico. Se, a utilização excessiva do termo "pobre" em todas as suas conotações e por exemplo, a palavra esmola, desvinculada de seu teor cristão, seria o reflexo de uma situação material, não constitui matéria deste trabalho. Na verdade, é instigante, que os requerimentos de curadores, nas petições de viúvas e nas disposições testamentárias, por exemplo, uma terminologia própria de orações, litanias enfim, provindas de discursos cujos acentos muitas vezes procuravam atenuar a cólera divina, sejam encontrados.

Nas petições das viúvas encontra-se por vezes, superposta, a amargura existencial: "diz Paula Gonçalves dona viúva mulher que foi de João Gomes que Deus tem que no inventário que se fez por morte e fallecimento de seu marido se botaram muitas miudezas em inventario e que ella ficou com nove filhos e tem necessidade de que vossa

mercê lhe mande dar para seu alimento e sustentação algumas das ditas miudezas como é dezoito arrateis de algodão e uma panella de manteiga e a metade do milho e uma canoa e uma caixa que tudo são cousas que foram botadas em inventário e de pouco valor e assim mais o sitio que estava o milho e uns pequenos de feijões"<sup>465</sup>. Aliás, não "declarar miudezas" e não relacionar "por descuido ou esquecimento" são expressões comuns em requerimentos<sup>466</sup>.

A viúva de Eugenio de Aguiar Bocarro segundo o requerimento em que reclama uma dívida afirma: "A V.m. visto o que alegua ser mulher pobre e viuva aver em demandas se lhe pague o conteudo no conhecimento melhor parado desta fazda."<sup>467</sup>. Francisco Fontes, diz:..."e como morro pobre"<sup>468</sup>.

A palavra "esmola" além de ser utilizada segundo o ritual preconizado e nesse caso, a afirmação

465- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol.V, p.366. V. Daisy Bizzocchi de Lacerda Abreu, "Considerações sobre a pobreza em São Paulo no século XVII", op. cit., p.11.

466- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol.XLIV, p.36 e 44.

467- Inventários e Testamentos, vol.XXXIV, p.100.

468- Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (DAESP), caixa nº3, Antigo maço 4, f.3 (1655).

"pagando se a todos sua esmola costumada" é usual ou "deixo de esmola à mais desamparada órfã que se achar", surge também como uma doação e nesse aspecto, a parentela toda podia ser beneficiada. Um exemplo:..."q he verdade q Anna Ma Castanha se lhe deu E entregou toda esmola q lhe deixou a defunta minha prima"<sup>469</sup>. Os bastardos, eram beneficiados, pelas "esmolas", pois de acordo com o que estabelecia as Ordenações, eles não poderiam entrar nas partilhas, a não ser, que resultassem de uniões anteriores ao casamento e de um modo ou de outro, tal fato é ressaltado nas disposições testamentárias. Assim pode aparecer nos textos:

- no testamento de Francisco de Proença, são suas as palavras: "Declaro que tenho em minha casa uma moça por nome Luzia a qual é filha de branco e m'a davam por filha e em caso que o fora é minha herdeira por ser adúlterina...";

- "Declaro que tenho tres filhos bastardos, que dizem ser meus a saber Inocencio, Paulo e Paschoal; e destes só um tem sua mãe negra de meu serviço por nome Feliciana a qual deixo que sirva e esteja em poder de seu filho Paschoal querendo minha mulher, a quem o deixo em sua disposição; os quaes ditos filhos bastardos não são meus

469- Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (DAESP), Custodia Coelho, caixa 6, f.12 (1662).

herdeiros conforme direito aos quaes tres peço a minha mulher dê a cada um sua esmola..."

No testamento de Francisco de Froença, são suas as palavras: "Declaro que tenho em minha casa uma moça por nome Luzia a qual é filha de branco e m'a davam por filha e em caso que o fora é minha herdeira por ser adúlterina...";

- "Declaro que tenho tres filhos bastardos que dizem ser meus a saber Inocencio, Paulo e Paschoa; e destes só um tem sua mãe negra de meu serviço por nome Feliciano a qual deixo que sirva e esteja em poder de seu filho Paschoal querendo minha mulher, a quem o deixo em sua disposição; os quaes ditos filhos bastardos não são meus herdeiros conforme direito aos quaes tres peço a minha mulher dê a cada um sua esmola..."<sup>470</sup>.

470- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol.XI, p.429; Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo., vol.XVIII, p.315. Em Portugal, a palavra esmola também era empregada como donativo. Catharina da Silva, deixa quarenta mil réis a duas sobrinhas que residiam no Porto, Portugal. Uma carta confirma o recebimento: "Vossa mercê me avisa que lhe assistira ao fazer de seu testamento que lhe fizera advertencia deixa-se algumas esmolos as parentas de seu marido...". Ver Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo., vol.XXIII, p.272.

O discurso sobre a pobreza com todas as suas contradições e ambiguidades, está inscrito em duas atitudes em relação ao pobre, ambas esboçadas ao fim do período medieval. Em uma delas há o conceito evangélico subjacente à idéia do pobre, ele é o representante de Cristo. Auxiliá-lo, socorrê-lo através de esmolas, tornou-se um comportamento modelar. O "ser pobre" corresponde a uma virtude. Por outro lado, depara-se com uma visão totalmente oposta: a pobreza passou a ser degradante e o pobre, em decorrência, tem seu significado alterado e é considerado um ser social perigoso<sup>471</sup>.

No entanto, visões sobre os pobres não podem ser apresentadas de um modo sistemático. Não resolvem e não encerram as contradições que surgiram nos tempos das grandes crises medievais. Desenraizados, vagabundos, detestados ou não, como edificar um conceito sobre os pobres? Pertencem à uma franja social próxima à indigência ou são aqueles que "andam a pé e só tem direito a pão escuro à razão própria dos trabalhadores?"<sup>472</sup>.

471- Gutton, Jean-Pierre - La société et les pauvres. Op. cit., p.215.

472- Duby, Georges - Op. cit., p.202.

O testamento de Gaspar Barreiros, pelo seu teor, caracteriza as contradições subjacentes ao conceito de pobre. Após as disposições usuais, ele declara: "...sou muito pobre, e como tal vivo de esmola dos fieis de Ds' e porque aos tais favorece a sancta missão pesso ao S.Or Provedor Irmãos della que pelo amor de Ds' levem meu corpo na tumba e o acompanhem a sepultura". Em seguida afirma: "Declaro que sou natural do ArSebispado de Bragae que me ficarão, e cabe aver por eraença huas cazas de sobrado que estão no aRabalde da Cidade de Braga aonde chmão São Migel o anjo, que ficarão empenhadas por oitenta mil rs. em mão mariano, e aSim mais outras cazas de sobrado defronte da porta do Souto que ficarão empenhadas a Fernão toscano de ... por Sem mil reis, ao coais cazas se comprarão hã fulano de Carvalho e sua mulher Ines da Serra que as ... cazas q' ficão na ... me forão dadas de dote e aSim mais poSuo no dito Aecepisbado alguas terras e erdades que andão alheadas e ma pertensem diretamente de que tinha títulos que com a ocasião do inimigo de Pernambuco se me perderão e os originaes estão na dita Cidade de Braga, e aSim que todos estes bens são de meos erdeiros"<sup>473</sup>.

473- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol. XXXIII, pp.75-76.

A palavra "pobreza" merece algumas considerações, principalmente quando empregada com o sentido de patrimônio, um conjunto de bens materiais, como no testamento de Henrique da Costa: "Declaro que a minha mulher Custodia Lourença com quem sou casado não a avexe o meu testamenteiro senão que aquillo que se achar dessa pobreza se partirá igualmente com ella...."<sup>474</sup>.

Em uma abordagem linear, o sentido de pobreza seria puramente evangélico, assim, a maneira de manifestar desprezo aos bens materiais. Entretanto, tanto em Portugal e Espanha, possui também o significado de patrimônio, um pequeno conjunto de bens materiais. Contudo, é inegável a permanência de seu teor evangélico, não traindo nesse ponto, as suas origens. A questão pode ser esclarecida:

"El caminar tan a la ligera lo causa el calor y la pobreza; y el adónde voy es a la guerra.

- Cómo la pobreza? - preguntó don Quijote -  
Que por el calor bien puede ser.

474- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol.IV, p.113.

- Señor - replicó el mancebo -, yo llevo en este envoltorio unos gregüescos de terciopelo, compañeros desta ropilla; si los gasto en el camino, no me podré honrar con ellos en la ciudad, y no tengo con que comprar otros; y así...<sup>475</sup>.

Na leitura dos textos, comove a sensibilidade do estudioso, em um contexto em que a morte é onipresente, o emprego repetitivo, da expressão "pelo amor de Deus". No testamento de Braz Rodrigues de Arzão, a expressão é utilizada associada a um pedido simples:..."e assim peço a meu genro Manuel de Sousa Pereira e a minha mulher queiram ser meus testamenteiros". No mesmo texto, encontra-se:...."uma espingarda minha emprestei a meu compadre Antonio Dias Cardoso para levar as Minas com pressuposto que se achasse comprador a vendesse trazendo-o Deus...". E ainda: "Deus o tenha no céu" ou "rogo por serviço de Deus"<sup>476</sup>.

No entanto, a expressão "pelo amor de Deus" ou outras onde o nome "Deus" é empregado de maneira coloquial, familiar, deve ter sido divulgada em reuniões

475- Cervantes, Miguel de - Op. cit., p.447.

476- Inventários e Testamentos, Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de órfãos da Capital, São Paulo, vol.XXXIII, pp.160-161.

populares, na praça pública por exemplo. Nesses pontos de encontros populares ocorria uma violação às regras normais da linguagem, um despreendimento às convenções verbais. Os "juramentos", pertenciam a esse contexto e jurava-se "pelo corpo de Deus", "pelo sangue de Deus", pelos santos, pelas suas relíquias, pelas festas religiosas. Via de regra, eram os "juramentos" sobrevivências de antigas fórmulas sacras. Um moralista, inadvertidamente, fêz uma análise profunda dos juramentos:

"Eles juram por Deus, sua cabeça, seus dentes,

Seu corpo, sua barba e olhos, seu ventre,

E o apanham por tantas partes,

Que ele é picado por todos os lados,

Como carne em pequenos pedaços"<sup>477</sup>.

A repetição do nome de Deus, despojada de seu conteúdo sagrado, talvez tenha sido na verdade, sinais remanescentes das antigas e lúgubres litanias.

477- Bakhtin, Mikhail - A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. Op. cit., pp.166-167.

Após mil anos, ainda escutaremos os  
"juramentos". Provavelmente.

## Conclusões

Após todas as análises efetuadas e as tentativas esboçadas para recuperar ainda que em fragmentos, algumas representações mentais dos povoadores da Vila de São Paulo, permaneceu uma certeza: realizei uma exumação. Com efeito, esse caráter foi causado pelas operações realizadas para alcançar as imagens que o povoador possuía em sua consciência, dele mesmo e da sociedade da qual era um componente e assim, de cada nome assinalado nas reuniões da Câmara ou registrado em petições de terra ou em outros documentos compulsados, foram estabelecidas correlações, por mais fugidias ou distantes que elas se encontrassem.

Correspondendo à essa operação, consegui identificar alguns aspectos dos comportamentos dos moradores da Vila de São Paulo. Eram homens portadores de atitudes coletivas iguais e em consequência, com uma disciplina de ordem bélica, reagiam em um movimento único, aos sinais reveladores do possível encontro de riquezas. Por outro lado, a escolha do planalto para aí se fixar um núcleo de

povoamento, cujo acesso era feito pelo "pior caminho do mundo", o interesse em conservar o isolamento da Vila de São Paulo, possivelmente por razões de segurança ou para manter o domínio das rotas ou ainda para que não houvesse conhecimento da localização de possíveis jazidas auríferas, configuraram nitidamente um grupo social consciente de seus objetivos

Em termos conclusivos, o inconsciente coletivo foi sempre atuante na movimentação da sociedade de São Paulo. Na questão relacionada ao indígena, o equilíbrio social foi mantido ainda que submetido permanentemente à legislação e aos objetivos inerentes ao apresamento. No sistema de empréstimos, no dinheiro posto "a ganhos", nas petições de terra, nos processos envolvendo curadores ou tutores, na "pompa funeral", desenvolveu-se uma ação social pela qual os beneficiários - talvez nesse caso uma simples força de expressão, considerando o caráter entrópico da sociedade da Vila de São Paulo, eram sempre os mesmos. Havia na realidade um jogo preparado, as cartas estavam marcadas e *todos* conheciam o sistema, mas, recusavam com obstinação, portanto, perfeitamente coerentes com suas consciências, a

exibição de um código de valores que eles sustentavam e manipulavam.

Convém assinalar que ainda em minhas primeiras análises, preocupada com as oscilações dos significados das palavras, organizei verdadeiros arquivos de expressões e suas correlações, surgindo assim, "arquivos da miséria", que continham a palavra pobre e suas conotações em contextos vários ou "arquivos de juramentos", que na mesma concepção colocava a palavra Deus. A elaboração desses "arquivos" estava sedimentada em um pensamento firme: havia em São Paulo, um modo diferente de empregar algumas palavras, certamente o resultado do contato com um meio diferente e também pelo aparecimento de outras modalidades existenciais. Entretanto, a leitura de obras de antigos cronistas portugueses ou mesmo de Camões, revelou a linguagem quinhentista cujos estoques linguísticos ainda eram mantidos nos textos da documentação da Vila de São Paulo. Nesse particular, D. Quixote de Cervantes, talvez pela sua universalidade, apresentando todos os termos encontráveis na documentação, subsidiou de maneira relevante algumas análises. Por conseguinte, "principais", "fazenda",

"pobreza", "vizinhos", "ganancia", "licenciado", "procurar remédio", "mentecapto", "concerto", "limpeza", "água às mãos", "fascinoroso", ou outros termos, configuravam o mundo ibérico.

Não obstante, vadios, pobres, vagabundos, devedores, fidalgotes arruinados, mercadores, perseguidos... Como explicar a manutenção por homens de origem tão balanceada e em um meio hostil, de um imaginário - homens honrados, homens abonados, homens de qualidade, relacionado às camadas elevadas?

Para responder a essa indagação, os caminhos foram imbricados. Todavia, é bem possível, que a permanência de um imaginário ainda extremamente condizente a camadas sociais elevadas, encontre explicações na própria sociedade do antigo regime, fortemente hierarquizada. As expressões que caracterizavam o tratamento senhorial, foram assimiladas, pelas camadas mais populares, e fundamentaram uma estrutura.

Permaneceram, enraizando-se sobremaneira no mental coletivo, as litanias, refletindo lúgubres lamentos e

gemidos. Após mil anos, ainda continuamos ouvindo no planalto, como antes na antiga Vila de São Paulo, as mesmas expressões: "Que Deus tem", "ao serviço de Deus", "segundo a vontade de Deus", e o dramático e patético "pelo amor de Deus".

F O N T E S

## 1 - Manuscritas

DAESP - DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Inventários e Testamentos:

- . Pedro Vidal, caixa 4, antigo maço nº 4
- . Renta Antunes, caixa 4, antigo maço nº 4
- . Amador Bueno da Veiga, lata 117, Processo nº 14.962 constante do Catálogo do do 1º Ofício de Orfãos de São Paulo.
- . Alberto Sobrinho, caixa 2.
- . Antonio da Veiga, caixa 4.
- . Domingos Coutinho, caixa 6.
- . Francisco Fontes, caixa 3, antigo maço nº 4.
- . Custodia Coelho, caixa 6.
- . Belchior Barreiros, antigo maço nº 9.

## 2 - Impressas

### Coleções

Actas da Câmara da Villa de São Paulo (1562-1596). Vol. I  
Publicação Official do Archivo Municipal de São Paulo. São Paulo, - Século XVI. 512p.

Actas da Câmara da Villa de São Paulo (1596-1622). Vol. II  
Publicação oficial do Archivo Municipal de São Paulo. São Paulo, Duprat & Cia.

Actas da Câmara da Villa de São Paulo (1623-1628). Vol. III. Século XVII. São Paulo, Duprat & Cia 1915. 333p.

Actas da Câmara da Villa de São Paulo. Vol. IV - Publicação Oficial do Arquivo Municipal de São Paulo, 1914.

Actas da Câmara da Villa de São Paulo, vol V.

Actas da Câmara da Villa de São Paulo (1653-1678). Vol. VI - Século XVII. Publicação Oficial do Arquivo Municipal de São Paulo. São Paulo, Typographia Piratininga, 1915. 499p.

Actas da Câmara da Villa de São Paulo (1656-1669). anexo ao vol. VI. Século XVII. São Paulo, Typographia Piratininga, 1915. 615p.

Actas da Câmara da Villa de São Paulo (1679-1700). Vol. VII - Século XVII. Publicação Oficial do Arquivo Municipal de São Paulo. São Paulo, Typographia Piratininga, 1916. 550p.

Actas da Câmara Municipal de São Paulo (1701-1719). Vol. VIII - Século XVIII. São Paulo, Typographia Piratininga, 1916.

Registro Geral da Câmara Municipal de São Paulo (1583-1636).  
Publicação Oficial do Arquivo Municipal de São Paulo, vol.  
I. Séculos XVI e XVII. São Paulo, Typographia Piratininga,  
1917.

Registro Geral da Câmara Municipal de São Paulo. Documentos  
de 1583, 1594, 1598, 1599, 1606, 1615, 1620, 1630, 1636,  
1637, 1639, 1640, 1641, 1642, 1645, 1647, 1655, 1722, 1723,  
1726. Vol. VII (Suplemento). Séculos XVI, XVII e XVIII. São  
Paulo, Typographia Piratininga, 1919.

Cartas de Datas de Terra (1555-1600). Publicação da Sub-  
Divisão de Documentação Histórica. Vol. I. Departamento de  
Cultura, 1937. 169p.

Cartas de Datas de Terra (1601-1650). Publicação da Sub-  
Divisão de Documentação Histórica. Vol. II. Prefeitura do  
Município de São Paulo, Departamento de Cultura, 1937, 211p.

Cartas de Datas de Terra (1651-1700). Publicação da Sub-  
Divisão de Documentação Histórica. Vol. III. Prefeitura do  
Município de São Paulo, Departamento de Cultura, 1937, 304p.

Cartas de Datas de Terra (1700-1750). Publicação da Sub-  
Divisão de Documentação Histórica. Vol. IV. Prefeitura do  
Município de São Paulo, Departamento de Cultura, 1937, 354p.

Sesmarias - Publicação Official do Archivo do Estado de São Paulo, vol.I.

Sesmarias - Publicação Official do Archivo do Estado de São Paulo: Vol. II (1639-1728). São Paulo, 1921, 573p.

Sesmarias - Publicação Official do Archivo do Estado de São Paulo. Vol. II (1639-1728). São Paulo, Typographia Piratininga, 1921.

Inventários e Testamentos. Publicação Official do Archivo do Estado de São Paulo. Papéis que perteceram ao 1º Cartório de órfãos da Capital. São Paulo, Typographia Piratininga, 1921.

Ofícios do General Martim Lopes Lobo de Saldanha, 1776-1777, in: Documentos Interessantes para a História de São Paulo. São Paulo, 1954, vols. LXXVI, pag. 139.

Ofício do Capitão General D. Luis Antônio de Souza Botelho Mourão ao Conde de Oeyras, nº 9, Dezembro de 1766. In: D.I., Vol. LXXIIIIX, pag. 66.

Ofício do Capitão General D. Luis Antônio de Souza Botelho Mourão ao Conde de Oeyras, nº 10, Dezembro de 1766. In: D.I., pag. 67.

Carta de Arthur de Sá e Menezes ao Rei, dando-lhe conta do modo de vida dos religiosos das Ordens Regulares e dos da Sociedade de Jesus, 29 de maio de 1698, in: Documentos relativos ao "Bandeirismo" paulista e questões conexas, no período de 1664 a 1700 - peças históricas, todas existentes no Archivo Nacional, e copiadas, coordenadas e anotadas de ordem do Governo do Estado de São Paulo por Basílio de Magalhães. In: Revista do Instituto Histórico de São Paulo, 2ª ed, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1942, vol. XVIII, pp. 327-328.

Aviso do Secretário de Estado ao Governador do Rio de Janeiro em resposta a um pedido deste de pessoas habilitadas para o exame das minas do Brazil - de 13 de janeiro de 1698. In: Documentos relativos ao "Bandeirismo" paulista e questões conexas, no período de 1664 a 1700, peças históricas todas existentes no Archivo Nacional e copiadas, coordenadas e anotadas de ordem do Governo do Estado de São Paulo por Basílio de Magalhães, In: Revista do Instituto Histórico de São Paulo, 2ª ed, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1942, vol. XVIII, pp. 327-328.

ARAÚJO, Monsenhor José Pizarro de Souza Azevedo e - Relação das Sesmarias da Capitania do Rio de Janeiro, extraída dos Livros de Sesmarias e Registros de Cartório do Tabelião Antonio Teixeira de Carvalho (1565-1796). In: RIHGE, vol. LXIII, pags. 93-153.

- BRAUDEL, Fernand - "Lição inaugural da Cadeira de História da Civilização Moderna do Colégio de França, pronunciada no dia 1º de dezembro de 1950". In: Revista de História, vol. XXXI, nº 63, jul-set.1965, pag. 3-22.
- PERES, Damião - "Antecedentes históricos da legislação concernente ao ouro do Brasil nos séculos XVI e XVII". In: Anais do IV Congresso de História Nacional. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 5º volume. pag. 195.
- ETZEL, Eduardo - "As tamboladeiras paulistas do século XVI". In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 1982, pag. 15-31.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - "Caminhos do Sertão". In: Revista de História. Vol. XXVII, nº 57, jan/mar. 1964.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - "Movimentos da população em São Paulo no século XVIII", In: Separata da Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 1, São Paulo, 1966.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - "Índios e Mamelucos na Expansão Paulista". In: Anais do Museu Paulista, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1949, Tomo XIII.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Faes - "Nobiliarquia Paulistana". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XXXIX.
- MAFFEI, Lucy de Abreu e NOGUEIRA, Arlinda Rocha - "O ouro na Capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII". In: Separata do Tomo XX dos Anais do Museu Paulista. São Paulo, 1966.

- MAGALHÃES, Basílio de - "O Bandeirismo no Brasil". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo LXXVII, Rio de Janeiro, 1914, parte I.
- MONBEIG, Pierre - "O estudo geográfico das cidades". In: Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. São Paulo, publicação do Departamento de Cultura, ano VII, 1941, vol. LXXIIIIX, pag. 5-38.
- MORAES, Rubens Borba de - "Contribuições para a história do povoamento em São Paulo até fins do século XVIII". In: Geografia. Publicação trimestral da Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo, 1(1): 70-87, 1935.
- NIGRA, D. Clemente da Silva - "A Ordem Beneditina na cidade de São Paulo". In: ASBA - Anuário da Associação Brasileira de Antigos Alunos do Colégio de São Bento. São Paulo, 1962, pag. 73-88.
- PEREIRA, Baptista - "A cidade de Anchieta". In: Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. São Paulo, op. cit. maio 1936, vol. XXIII, pag. 3-123.
- PEREIRA, Baptista - "A cidade de Anchieta". In: Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. São Paulo, maio 1936, vol. XXIII, pag. 5-144.
- SAMPAIO, Theodoro - "O sertão antes da conquista". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. V, pag. 79-94.
- TOLEDO, Alfredo de - "Os médicos dos tempos coloniais". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XX.

Documentos Históricos, vol. XXXV, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1929.

Catálogo da Exposição Documental Luso-Brasileira. Brasília-Rio de Janeiro-São Paulo. Abril/Maio 1982. Instituto de Investigação Científica Tropical. Arquivo Histórico Ultramarino.

"Treslado da manifestação que fes o capitão Bertholau de Toralles diante do prouedor das minas o capm mor e ouidor Diogo Vas D'Escobar". In: Documentos copiados em Portugal pelo Sr. Alfredo Mendes de Gouveia. RIHGSE, vol. XLIV.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.  
Typographia do "Diário Oficial", 1902, vol. VI.

"Informação do Estado do Brasil e de suas necessidades". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1862, tomo 25.

Documentos copiados em Portugal pelo Sr. Alfredo Mendes de Gouveia, por solicitação do Sr. José Pedro Leite Cordeiro. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, Irmãos Canton, 1949, vol XLIV.

RONDON, Cel Cândido Mariano da Silva - Relatório. Rio de Janeiro, Papelaria Luiz Macedo, 1º volume.

RONDON, Major de Engenharia Cândido Mariano da Silva - Relatório 1900-1906. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949.

### **3 - Legislação**

Código Philipino ou Ordenações e Leis do reino de Portugal, recopiladas por mandado do Rei Philippe I, 14ª edição...ordenações desde 1603 até o presente por Cândido Mendes de Almeida, Rio de Janeiro, Tip. do Instituto Philimático, 1869-1870, 3 volumes.

### **4 - Dicionários**

MACHADO, José Pedro - Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 2 vols. Lisboa, Editorial Influência Ltda, 1956.

Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots. A. Emout et A. Meillet. Paris, Lib. C. Klincksieche, 1951.

FIGUEIREDO, Cândido - Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa, Livr. Clássica Editora, 1913.

VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa - Elucidário de Palavras, Termos e Frases... . Porto, Lisboa, Ed. Criticas, Livr. Civilização, 1962, 2 vols.

BLUTEAU, Raphael - Vocabulário Portugues e Latino Aulico, Anatômico, Arquitetônico, Bíblico, Botânico (...), Collégio das Artes da Companhia de Jesus, Coimbra, 1712, 10 vols.

Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portugueza pelo Dr. Frei Domingos Vieira dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, publicação feita sobre manuscrito original, inteiramente revisto e consideravelmente argumentado. Porto, Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, Rio de Janeiro, Pará, 1871.

Dicionário Etimológico de la lengua castellana precedido de unos rudimentos de etimologia con un prólogo del professor Avelino Herrero Mayor. Buenos Aires, Libreria "El Ateneo", 1941.

Dicionário da História de Portugal, sob a Direção de Joel Serrão. Porto, Iniciativas Editoriais, 1963.

**B I B L I O G R A F I A**

AGUAS, Neves - Fernão de Magalhães: a primeira viagem à volta do mundo contada pelos que nela participaram. Portugal, Publicações Europa-América, 1990.

ABREU, Daisy Bizzochi de Lacerda - "Considerações sobre a pobreza em São Paulo no século XVIII". Comunicação apresentada no II Encontro Regional da ANPUH., Santos, 1976.

ABREU, Daisy Bizzochi de Lacerda - A terra e a lei. Estudo de comportamentos sócio-econômicos nos séculos XVI e XVII. São Paulo, co-edição Secretaria de Estado da Cultura - Comissão de Geografia e História, Roswitha Kempf/Editores, 1983.

ABREU, J. Capistrano de - Caminhos antigos e povoamento do Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

ABREU, J. Capistrano de - Capítulos de História Colonial. 6ª ed., Rio de Janeiro, Edit. Livr. Brasileira S/A., 1976.

AMARAL, Antonio Barreto do - O Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo e a sua História. São Paulo, Dep. Arquivo do Estado de São Paulo, 1974.

ANTONIL, André João - Cultura e Opulência no Brasil. Introdução e vocabulário por A. P. Canabrava. 2ª ed., São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1966.

AYMONINO, Carlo - El significado de las ciudades. Madrid, H. Blume Ediciones, 1981.

AZEVEDO, Fernando de - A cultura brasileira. 5ª ed., São Paulo, ed. Melhoramentos-EDUSP, 1971.

- AZEVEDO, João Lúcio de - Novas Epanóforas. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1932.
- BAEHREL, R. - "Epidémie et terreur: histoire et sociologie". In: Annales historiques de la Revolution française. nº 122, avril-juin, 1951.
- BAIÃO, Antonio - História da Civilização Portuguesa no Brasil. Porto, Litografia Nacional, MCMXXIII.
- BAKHTIN, Mikhail - A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Francois Rabelais. São Paulo, Ed. HUCITEC-Ed. da Universidade de Brasília, 1987.
- BEIRANTE, Maria Angela - "Para a história da morte em Portugal (séc. XII-XIV)". In: Estudos da História de Portugal. Lisboa, Editorial Estampa, 1982, vol. I, pag. 363-364.
- BOXER, C.R. - The portuguese seaborne empire (1415-1825). London, Hutchinson of London, 1969.
- BRAUDEL, Fernand - Civilization matérielle et capitalisme. (XVe-XVIIIe siècle), Paris, Librairie Armand Colin, 1967.
- BRAUDEL, Fernand - La méditerranée et le monde méditerranéen a l'époque de Philippe II. 2ª ed., Paris, Librairie Armand Colin, 1966, Tome I et II.
- CAHN, Herbert - Padre Guilherme Pompeu de Almeida e suas atividades comerciais (1686-1713). Tese de Doutoramento na Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1967. Mimeo.

- CAMÕES, Luiz de - Os Lusíadas. 2ª ed., Porto, Porto Editora Ltda, s.d.
- CANABRAVA, A.P. - O Comércio Português no Rio da Prata (1580-1640). São Paulo, EDUSP, 1948.
- CARNEIRO, Elza , CAMPOS, Alzira de Arruda e ABREU, Daisy Bizzochi de Lacerda - O diabo das rotas mãos. Bauru, Publicação FAFIL, 1976.
- CASTRO, Armando - Licções de História de Portugal. Lisboa, Editorial Caminho, 1983.
- CERVANTES, Miguel de - El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha, 26ª ed., Madrid, Espasa-Cape S.A., 1975.
- CHAUNU, Pierre - "L'économie - dépassement et prospective". In: Faire de l'histoire, Paris, Gallimard, 1974. deuxième partie.
- CHAUNU, Pierre - Conquista e exploração dos novos mundos (século XVI). São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1984.
- CHEVALIER, François - Land and society in colonial Mexico. The great Hacienda. Translated by Alvin Eustis. California, University of California Press, 1963.
- CORBIN, Alain - Saberes e Odores. O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
- CORTESÃO, Jaime - Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1958.

- CRUBELLIER, Maurice - "O acontecimento em história social".  
In: Coordenadas: A História Social - Problemas, Fontes e Métodos. (Colóquio da Escola Normal Superior de Saint Claude, maio de 1965). Trad. de M. Antonieta Magalhães Godinho. Lisboa, Ed. Kosmos, 1965.
- CUNHA, Luis da - Testamento político. São Paulo, Ed. Alfa-ômega, 1976.
- DELUMEAU, Jean - La peur en Occident (XIV-XVII siècle). Paris, Fayard, 1978.
- DELUMEAU, Jean - La Reforma. Barcelona, Editoria Labor S.A., 1973.
- DEUS, Frei Gaspar da Madre de - Memórias para a História da Capitania de São Vicente. São Paulo, EDUSP, 1975.
- DEYON, Pierre - Amiens Capitale Provinciale - étude sur la société urbaine au 17<sup>e</sup> siècle, Mouton, Paris, La Haye, École Pratique de Hautes études, 1967.
- DOCUMENTOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro, Vol.III, série XI.
- DUBY, Georges - "Histoire sociale et idéologie des sociétés". In: Faire de l'histoire, sous la direction de Jacques Le Goff et Pierre Nora. Paris, Éditions Gallimard, 1974.
- DUBY, Georges - As três ordens ou o imaginário do Feudalismo. Lisboa, Editorial Estampa, 1982.
- DUBY, Georges - História da vida privada da Europa Feudal à Renascença 2. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

- DUPRONT, Alphonse - "Problèmes et méthodes d'une histoire de la psychologie collective". In: Annales nº16, janvier-février, 1961, pag. 3-11.
- ELIADE, Mircea - O mito do eterno retorno. Porto, Edições 70, 1984.
- ELLIS JR., Alfredo - Capítulos da História Social de São Paulo. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1944.
- ELLIS JR., Alfredo - Os primeiros troncos paulistas. 2ª ed., São Paulo, Cia. Editora Nacional, Brasília, INL, 1976.
- ELLIS, Myriam - "As bandeiras na expansão geográfica do Brasil". In: História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo, Difel, 2ª ed., 1º vol., pag.273-306.
- ELLIS, Myriam - Paulistas nos sertões do ouro: Fernão Dias Paes. Separata da RIHGSP, 1971, nº 69.
- FEBVRE, Lucien - "La terreur". In: Annales. 1951.
- FEBVRE, Lucien - Combats pour l'histoire. Paris, Librairie Armand Colin, 1953.
- FLANDRIN, Jean - "Familles parenté, maison, sexualité dans l'ancienne société, le temps & les hommes". Collection dirigée par Jean Delumeau. Paris, Hachette, 1976.
- FRANÇA, Eduardo de Oliveira - Portugal na época da restauração. São Paulo, Ind. Gráfica José Magalhães, 1951.
- FRANÇA, Maria Cecília - "Perspectives d'évolution des villes-sanctuaires au Brésil l'exemple d'Iguape". Extrait des Archives de Sciences Sociales des Religions, nº 47/1, Paris, Imp. Priester, 1979.

- FRANCO, Francisco de Assis Carvalho - História das Minas de São Paulo. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1964.
- GANDAIVO, Pero de Magalhães - Tratado da Terra do Brasil. História da Província Santa Cruz. São Paulo, EDUSP, 1980.
- GARRET, Frei Luis de Souza - Viagens na minha terra. São Paulo, DIFEL, 1969.
- GODINHO, Vitorino Magalhães - A estrutura na antiga sociedade portuguesa. Lisboa, Editora Arcádia, 1971.
- GOGLIN, Jean-Louis - Les misérables dans l'Occident médiéval. Paris, éditions du Seuil, 1976.
- GUTTON, Jean- Pierre - "La société et les pauvres l'exemple de la généralité de Lyon (1534-1789)". Paris, Les Belles Letres, 1970.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - "As etapas dos descobrimentos portugueses". In: História Geral da Civilização Brasileira. 2ª ed., São Paulo, DIFEL, 1963, vol.I, pag. 31.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - Monções. 2ª ed., São Paulo, ed. Alfa-ômega, 1976
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - Tentativas de Mitologia. São Paulo, Ed. Perspectiva S.A., 1979.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - Visão do Paraíso. 2ª ed., São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1969.
- HUIZINGA, Johan - O declínio da Idade Média. São Paulo, Verbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

- JULIA, Dominique - "La religion histoire religieuse". In: Faire de l'Histoire Nouvelles approches sous la direction de Jacques Le Goff et Pierre Nora. Paris, Gallimard, 1974, Deuxième Partie, pag. 137-167.
- KAYSER, Wolfgang - Análise e interpretação da obra literária. 6ª ed. Coimbra, Armenio Amado Ed., 1976.
- KAYSERLING, Meyer - História dos judeus em Portugal. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1971.
- LE GOFF, Jacques - "Les mentalités: une histoire ambiguë. In: Faire de l'histoire. Paris, Gallimard, 1974, troisième partie.
- LEBRUN, François - Les hommes et la mort en Anjou aux 17<sup>e</sup> et 18<sup>e</sup> siècles. Essai de démographie et de psychologie historiques. Paris, Mouton & Co. and école Pratique des Hautes études, 1971.
- LEITE, Aureliano - A história de São Paulo em breve resumo cronológico. São Paulo, Livraria Martins, 1944.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Paes - Notícias das Minas de São Paulo e dos Sertões da mesma Capitania. São Paulo, EDUSP, 1980.
- LÉRY, Jean de - Viaagem à terra do Brasil. São Paulo, EDUSP, 1980.
- LÉVI-STRAUSS, Claude - "Guerra e Comércio entre os índios da América do Sul". In: RAMSP, ano VIII, vol. LXXXVII, dez., 1942, pag. 131-146.
- LOPEZ, José Garcia - História de la literatura española. Barcelona, 18ª ed., Editorial Vicens-Vives, 1972.

- MACHADO, Antonio Alcântara - Vida e morte do Bandeirante. Introdução de Sérgio Milliet. São Paulo, EDUSP, 1980.
- MARCIÍLIO, Maria Luiza - A cidade de São Paulo - Povoamento e População 1750-1850. São Paulo, EDUSP, 1973.
- MARQUES, A. H. de Oliveira - A Sociedade Medieval Portuguesa. Lisboa, Livraria Sá da Costa Ed., 2ª ed., 1971.
- MARQUES, A. H. de Oliveira - História de Portugal Desde os tempos mais antigos até ao governo do Sr. Marcelo Caetano. Lisboa, Ed. Ágora, 2ª ed., vol I, 1973.
- MATTOSO, José - Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325. Lisboa, Editorial Estampa, 2ª ed., vol. I e II, 1985.
- MESGRAVIS, Laima - A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599 ? - 1884). São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1976.
- Missel de Notre-Dame de Lourdes. Braine le Comte, Zech et Fils editeurs Pontificaux, 1925.
- MORSE, Richard M. - Formação Histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole). São Paulo, DIFEL, 1970.
- NÓBREGA, Manoel da - Cartas do Brasil 1549-1560. São Paulo, EDUSP, 1988.
- PALMA, Ricardo - Flor de Tradiciones. Introduccion y notas de George W. Umpphrey y Carlos Garcia. Prada University of Washington - Seattle Wash. México D.F., Editorial Cultura, 1943.

- PERROY, ÉDOUARD - "Os tempos difíceis (séculos XIV-XV)". In: História Geral das Civilizações. Dir. Maurice Crouzet, 3ª ed., São Paulo, DIFEL, 1965.
- PORTO, Costa - Estudo sobre o sistema sesmarial. Recife, Imprensa Universitária, 1965.
- PRADO JR., Caio - A cidade de São Paulo. 13ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1983.
- PRADO JR., Caio - Evolução Política do Brasil. 2ª ed., São Paulo, Editora Brasiliense, 1947.
- QUEIROZ, Eça de - A cidade e as serras. Porto, Livraria Lello & Irmãos, 1945.
- QUEVEDO, Francisco - História de la vida del Buscón. 12ª ed., Madrid, Espasa-Calpe S.A., 1974.
- RAU, Virgínia - Sesmarias medievais portuguesas. Lisboa, Editorial Presença, 1982.
- RIBEIRO SANCHES - Cristãos-Novos e Cristãos-Velhos em Portugal. 2ª ed., Porto, Ed. Raul Rego, 1973.
- RICARD, Robert - études sur l'histoire morale et religieuse du Portugal. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1970.
- RICARDO, Cassiano - Marcha para Deste (A influência da "Bandeira" na formação social e política do Brasil), 4ª ed., São Paulo, EDUSP, 1970, vol. I e II.
- SALVADOR, José Gonçalves - Cristãos-novos, Jesuítas e Inquisição. (Aspectos de sua atuação nas capitanias do sul 1530-1680), São Paulo, Livraria Pioneira/EDUSP, 1969.

VOVELLE, Michel - Ideologias e Mentalidades. São Paulo,  
Brasiliense, 1987.

WEBER, Max - História Geral da Economia. São Paulo, Ed.  
Mestre Jou, 1968.

A N E X O

Inventario e testamento  
de Belchior Barreiros  
anno de 1674

Belchior Barreiro

Passa para Letra

=M=

por ser a propria

deste Nome

Gama

Auto de Inventario que mandou fazer o  
 Juiz dos Orfãos Salvador Cardozo de  
 Almeida dos beis que ficarão por  
 faleçimentode Belchior Barreiros\_\_\_\_\_

Anno de NaSsimento de noSso Se-  
 nhor Jezus Christo de mil e  
 Seis Sentos e Setenta e quatro  
 annos aos quatro dias do  
 mez de agosto da dita êra nes-  
 ta Villa de Sam Paulo Capitania  
 de Sam ViSsente partes  
 do Brazil etc. Nesta dita Vil-  
 la nas Cazas que ficarão do  
 defunto pedro fernandes don-  
 de veyo o Juiz dos orfãos Salva-  
 dor Cardozo de almeida comigo  
 Escrivão de Seu Cargo eavalia-  
 dores, eRepartidores Diogo  
 de Cubas mendonça, Antonio  
 Velho de mello pera efeito de  
 fazerem Inventario e partilhas  
 dos beis que ficarão por morte  
 do defunto Belchior Barreiros  
 pera o que foy dado juramen-  
 to dos Santos evangelhos e Viu-  
 va Anna Tenoria Sob car-  
 go do qual lhe foy emcarrega-  
 do deSse e declaraçe todos os  
 beiz e fazenda que do dito de-

Folha=1=Verso=Original

defunto seu marido ficarão aSsim

Moveis como de Raiz dinheiro  
 ouro, prata, emcomendas  
 e seus proçedidos conhecimentos  
 escrituras, e todos e quais  
 quer beiz que por qual quer mo-  
 do ou maneira que a dita fazenda  
 pertença, e que declaraçe Se  
 o dito defunto fizera testamento  
 e os filhos que lhe ficarão  
 Sob pena que Sonegando  
 couza alguma de encorrer  
 nas penas da ley e Ser tido por

Continuação da folha=1=Verso original

prejura, e pella dita Viuva foy  
 prometido fazer tudo como  
 lhe foy emcarregado e declarou  
 que o dito defunto fizera tes-  
 tamento o qual logo ofere-  
 ceo em juizo e que os filhos que  
 lhe ficarão Sam os abaixo no-  
 meados de que de tudo o dito  
 Juiz mandou fazer este  
 auto em que pella dita  
 Viuva aSinou o Capitam  
 Manoel Rodrigues de Arzam  
 Eu Mathias Machado esCrivão dos  
 Orfãos oescrevi

Salvador Cardozo de Almeida  
 Asino arogo da viuva anna tenória  
 Manoel Roiz de arzão

## Folha=2=Original

Em nome da Santissima Trindade Padre  
 filho  
 spirito Santo tres pessoas e hu so Deus  
 verdadeiro

Saibam quantos este instrumento virem Como no anno de nosso Senhor Jezus Chirsto de mil, e Seis Sentos eSetenta equatro a 21 do mez de junho de 1674 annos estando eu Belchior Barreiros doente em cama, etemendome da morte, e dezeiando por minha alma, no caminho da Salvasam, por não saber em Deus nosso Senhor de mim quer fazer, e quando Sera Servido de me levar para si fasso este testamento na forma seguinte:

Primeiramente emcomendo minha alma a santissima Trindade que a criou e rogo ao Padre eterno, pela morte e paicham de seu unigenito filho a queirá reseber como resebeu aSua estando para morrer na arvore da vera cruz, eame Senhor Jezu Christo pesso por suas divinas chagas...que nasta vida me fez merce de dar seu preciozo sangue emerecimentos de seus trabalhos me fasa tambem merce na vida que esperamos dar o premio deste que he a gloria, e pesso, eRego, aglorioza virgem Maria Nossa Senhora mai de Deus e a todos ossanctos da corte Selestial e particularmente, ao meu Anjo da guarda, e ao Sancto do meu nome e a virgem da consepçam, ea virgem do Rozairo a quem tenho devossam, queiram por mim enterseder e Rogar ameu Senhor Jezu Christo, agora equando minha alma deste corpo sair, porque como verdadero Christão protesto de viver, e morrer, em a Sancta fé Catolica, e crer o que bem, eCrer a Sancta madre igreja de Roma, e com esta fé espero salvar minha paichão, do unigenito filho de Deus.

Rogo ao Cappitam Manoel Rodriques de Arzam por serv...epor me fazer favor queira ser meu testamenteiro.

Declaro que meu corpo seja enterrado em São Francisco com o abito do mesmo Sancto, em cova minha propria, com

acompanhamento Custumado, com as confrarias seguintes: a de São Miguel e a do Santissimo, e as almas, e o Senhor provedor, e irmãos da Sancta caza acompanhem meu corpo na sua tumba. E do dito abito pagarão a esmola Custumada.

Declaro que se me digam sincoenta missas pela minha alma a saber quatro a nossa Senhora da Conceiçam, sinco ao anjo de minha guarda, sinco a São Miguel as mais detenção.

Declaro que sou natural de Santa Ana da Parnahiba filho de legitimo matrimonio de Gaspar Barreiro e de sua mulher Margarida A\_\_\_naturais da cidade de...rag...

Folha=2=verso Original

Declaro que fui cazado...nesta villa de São Paulo a fase da igreja da primeira mulher não tive fruto nenhuns e do segundo me ficarão dous filhos hu por nome Gaspar, e outro por nome Pedro e da terceira dous filhos, e hua filha os quais são erdeiros de minha fazenda

declaro que dos dous filhos da segunda mulher esta Gaspar casado e inteirado da legitima de sua mai.

Declaro que deicho sinco bassas de chãos para se fazerem huas cazas na villa de são paullo, eiunto ao meu Sogro Pedro Domingues e outras cinco brasas de chãos para outras moradas de cazas que estão de fronte do Cappitão Francisco Correa de Lemos de fronte da porta travessa da matriz indo para o Carmo

Declaro que tenho hua negra fugida do gentio da terra por nome Anastasia, ehu filho por nome Antonio, declaro mais que tenho fugido hu casal de pesas mor nome Antonio e sua mulher Camilia, com sinco filhos, e filhas, os quais meus erderos procurarão.

Declaro que deicho a minha tersa a minha filha Maria com declaração que vendo a Sua mai pobre reparta ametade da tersa com ela.

Declaro que deicho oitenta e sinco rezes de gado Vacum.

Declaro que coube a meos dous filhos por morte de sua mai que pera aumento delles, e da dita fazenda tomei o gado amim, que a avaliasam delle severa no inventario que esta na mão do juiz dos orfãos, e serão pagos que he a primeira divida, e os demais entrarão no que lhe couber irmã mente.

Declaro que deicho dous negros do gentio da terra hu por nome Jozé e outro por nome Antonio hu Rapagão por nome Domingos hua negra por nome Antonia.

Declaro que dizem tenho hu filho por nome Alexandre pesso e Rogo as justisas de Sua Magestade que não entre aerdar na minha Fazenda, por ser ingrato, e dezobediente.

Declaro que deicho hu taxo de cobre que tem corenta libras ou o que na verdade Seachar.

Declaro que deicho duas escopetas, hua de sinco palmos, emeo outra de quatro palmos, que tudo pertense aos meus erderos.

Declaro que tenho dous cavalos hu castanho selado, e emfreado e outro fovero duas eguas com dous poldros os quais tinhão em minha vida ameus filhos Pedro e...

Declaro que o meu filho gaspar tenho dado hua egoa Aras de erança com sua...a seu irmão o Cappitão Manoel Rodrigues de Arzam

Declaro que de ferramenta...deicho dez enxadas

Folha=3=Original

Declaro que minha cunhada Maria Gonçalves me deve de resto de conta seis mil seis Sentos e sesenta reis que lhe dei para mever livre de hua fiança que...

Declaro que devo nove patacas a meo comp<sup>o</sup> Francisco Lopes de Castro e de minha fazenda se pagara

Declaro que Manoel da Cunha Gago me deve dous mil reis de dous cobados de baeta que lhe dei. epor ser esta minha ultima vontade pesso e Rogo as justissas de sua Magestade ecleziastica aqueira cumprir, efazer guardar pedi e Rogei ao

Padre Frei Gabriel de Jezus fizese este instrumento e visto eu estar em hua cama enfermo e por passar na verdade measinei estando no meu perfeito juizo em eu dito Padre oie feito em 21 de junho de 1674 annos

Frei Gabriel de Jezus

Belchior Barreiros

.....

Martim Rodrigues Thenorio

João Masiel

Antonio...

cumpresse Como nelle

João...

se comtem S.F. 29 de  
Junho 674

Izidio...

Velho

Antonio Cardozo

Cumprasse S.F. 2 de  
iulho de 674 anos

.....

Folha=4=Original

Recebi do Capitam Manoel Rodrigues Darzão como testamenteiro do defunto Balchior Barreiros tres patacas do acompanhamento da Cruz, e a sim mais quatro patacas de qua-...

Sacerdotes que acompanharão e pataca, e meia...

lão da misericordia, E outro si a Esmola de Sinco

Missas que se lhe disserão na conformidade de seu testamento, e por verdade passei Esta por mim feita e assignada S.F. 3 de Novembro de 1674 annos

## O Vigario Go Domingos Gomes Albernás

Recebi do Capitão Manoel Rodrigues de Arzão hua pataca de  
esmola...

das almas, e por verdade lhe dei esta quitasão oie 3 de  
novembro de 1674 annos

Estevão Fernandes Porto

Recebi do Capitão Manoel Rodrigues de Arzão pataca emea da  
esmola

da cruz das almas, e por verdade lhe dei esta quitasão oie 3  
de novembro de 1674 annos

João Vieira da Silva

Receby da Cappitão Manoel Rodrigues doarzão quatro mil reis  
de hu abito em que...a emerrar Belchior de Barreiros e por  
pasar na verdade lhe pasey esta...oie 3 de novembro de 1674  
annos

Hieronimo Cardozo de Oliveira

Folha=5=Original

Titulo dos filhos do Primeiro

Matrimonio\_\_\_\_\_

Gaspar Barreiros Cazado\_\_\_\_\_

Pedro Domingues de idade de  
vinte annos\_\_\_\_\_

Titulo do Segundo Matrimonio

Ignocência de idade de Sete annos\_\_\_\_\_

Maria de idade de sinco annos\_\_\_\_\_

Severino de nove mezes, todos  
pouco mais ou menos\_\_\_\_\_

Termo de avaliadores

E logo em dito dia mez e anno  
 atraz escrito e declarado  
 pello dito Juiz foi mandado  
 aos avaliadores e Repartidores  
 que Sob cargo do juramento  
 de Seus filhos, avaliagem  
 bem e verdadeiramente to-  
 dos os beis que mostrados lhe

Folha=5=Original

lhe fossem, e elles prometeram  
 fazer como Deus lhes desse a  
 entender de que de tudo fiz  
 este termo em que am de  
 aSinar com o dito Juiz eu Matheus  
 Machado escrivão dos orfãos  
 oescrevi

Almeida Diogo de Cubas

.....

Antonio Velho Mello

Folha=6=Verso original

Avaliações

Foi avaliado o Sitio da Rossa por  
 Sua avaliação na paragem  
 chamada TapipiSsape com seu quintal  
 no Campo com Limeiras e bananeiras  
 com dous Lanços de Caza de taipa de mão  
 Cubertas de palha em quatorze mil reis\_\_\_\_\_14\$000

Fezou hum tacho de Cobre qua-  
renta livras a pataca di-  
go a Cruzado a livra, Monta  
dinheiro dezezeis mil Reis\_\_\_\_\_16\$000

foi avaliada huma Caixa ve-  
lha de Seis palmos e meyo com  
Sua fechadura em quatro pa-  
tacas\_\_\_\_\_12\$800

foi avaliada outra Caixa de  
Sinco palmos emeio em dez mil  
Reis\_\_\_\_\_10\$000

Folha=7=Original

Foy avaliado hum Cavalo Castanho  
Sellado enfreado em Sinco  
mil Reis\_\_\_\_\_5\$000

foy avaliado outro Cavalo RuSso  
Sen...iro com Sella em quatro  
mil Reis\_\_\_\_\_4\$000

Foram avaliadas Seis eixadas  
novas e doze vinteis cada  
huma, monta dinheiro mil e  
quatro Sentos equarenta Reis\_\_\_\_\_1\$440

foram avaliados dous olhos de  
eixadas aquatro Vinteis ca-  
da huma Monta a dinheiro Sen-  
to eSeSenta Reis\_\_\_\_\_ \$160

## Continuação da folha=7=Original

Foram avaliadas duas foças  
Velhas amea pataca cada hu-  
ma monta dinheiro trezen-  
tos evinte Reis\_\_\_\_\_ \$320

foy avaliada huma espingarda  
nova de Sinco palmos  
em Seis mil Reis\_\_\_\_\_6\$000

foi avaliada outra espingarda  
de quatro palmos em quatro  
mil Reis\_\_\_\_\_3\$000  
digo em trez mil Reis\_\_\_\_\_3\$000

## Folha=7=Verso Original

Foi avaliada huma eixô em  
trezentos e vinte Reis\_\_\_\_\_ \$320

Pezaram duas Colheres duas  
Onças ambas a quatro Sen-  
tos e oitenta a onça, monta  
dinheiro noveSentos e Seçenta Reis\_\_\_\_\_ \$960

## Chãos

Foram avaliados Sinco Braças  
de chãos pera Cazas nesta Villa  
na Rua que vay da Matriz pera  
São Francisco velho que partem  
de huma banda digo junto as Cazas  
dos erdeiros de Pedro domin-  
gues em trez mil e duzentos reis\_\_\_\_\_3\$200

## Folha=8=Original

## Titulo de gado Vacum

Foram avaliados vinte e nove  
 Vacas Soltas em sua avaliação  
 de mil e duzentos e oitenta  
 cada huma monta dinheiro trinta e seis  
 mil e trezentos e vinte Reis\_\_\_\_\_36\$320

Foram avaliados quatorze  
 vacas com Crias em Sua ava-  
 liaçam de quatro patacas  
 emeya cada huma, monta  
 dinheiro vinte mil Sento e  
 Seçenta Reis\_\_\_\_\_20\$160

Foram avaliados Sinco novi-  
 lhos, e novilhas de dous an-  
 nos a dous cruzados hum por  
 outro Monta dinheiro  
 quatro mil Reis\_\_\_\_\_4\$000

## Continuação da folha=8=Original

Foi avaliado hum Boi de Semente  
 em mil eSeis Sentos Reis\_\_\_\_\_1\$600

Titulo das dividas que  
 devem ao Cazal

Devè Antonio Domingues  
 Seis mil Reis por hum Conhe-  
 Simento de trezpaSso que paS-  
 sou Amaro ViSsente a este  
 defunto de Seis mil Reis\_\_\_\_\_6\$000

Deve Diogo Domingues de Custas  
de huma Sentença  
mil e vinte e Seis Reis\_\_\_\_\_ 1\$026

Deve a Viuva Maria Gonçalves  
Seis mil e Seis Sentos e  
Seçenta Reis\_\_\_\_\_ 6\$660

Deve Manoel da Cunha Gago  
dous mil Reis\_\_\_\_\_ 2\$000

mais fazenda

foi avaliado huma arrobas  
de ferro em mil e quinhentos  
Reis em Sua avaliação\_\_\_\_\_ 1\$500

Foram avaliados tres Livras  
de âSso a quatro vinteis a livra  
Monta duzentos e quarenta Reis\_\_\_\_\_ \$240

Dividas que a fazenda deve

Deve a francisco Lopes de  
Crasto nove patacas\_\_\_\_\_ 2\$880

Deve ao erdeiro Pedro Domingues  
de Sua Legitima da defunta  
Sua mai dêz mil e Sete  
Sentos e noventa Reis\_\_\_\_\_ 10\$790

Deve a velha mais huma peSsa que  
o defunto seu Pay vendeo  
da dita Legitima\_\_\_\_\_

Deve mais esta Fazenda da  
pompa funeral, e Custas  
deste Inventario e Sinco pata-

cas ao Testamenteiro emporta  
 tudo treze mil qui-  
 nhentos eSeçenta Reis.....13\$560

Deveçe mais de miSsas oito mil  
 Reis com forme a Verba do testa-  
 mento..... 8\$000

Folha=9=Original

Termo

E logo no mesmo dia mez e  
 anno atraz escrito e deClarado  
 Sendo a valiada toda a  
 Fazenda como pellaz adiSoins  
 deste Inventario consta  
 Mandou o dito Juiz aos ditos  
 avaliadores e Repar-  
 tidores deSem balanço adita  
 Fazenda, e della fizecem par-  
 tilhas entre a Viuva emais  
 Erdeiros o que elles prome-  
 teram fazer como Deus lhe  
 deSse aemtender, de que de tu-  
 do fiz este termo em que aSsinaram  
 com o dito Juiz eu  
 Matheus Machado esCrivão de  
 Orfãos osobscrevi

Mello            Cubas

Folha=9=Verso Original

Termo de Procurador  
 adlidem a Viuva, e



Seu Termo, e dou minha fé  
em como hê verdade que eu Si-  
tey pera estas partilhas a  
os precuradores aSima aSi-  
nados e de como o fiz as ditas  
Citações eSederam por Sitados  
mandey paSsar a prezente  
pera nella meaSinar  
em oz quatro dias do mez de  
Agosto de mil eSeis Sentos e  
Setenta e quatro annos

Matheus Machado

Titulo da Gente forra  
Antonio Solto// Domingos Solto//  
Antonia Solta// Bento e Seu Filho Salvador//

Folha=10=Verso Original

Soma da Fazenda

Soma a fazenda lançada  
e avaliada neste Inventario  
como pellas Suas adiSsõis  
Seve Sento e quarenta e  
Sinco mil e Seçenta eSeis Reis\_\_\_\_\_145\$066

Da qual contia se abateo Vin-  
te e Sete mil Sento e trinta  
Reis de dividas que a fazenda  
devia\_\_\_\_\_ 27\$130

fica liquido pera Se partir en-  
tre a Viuva, orfãos e erdeiros  
Sento e dezoito mil Sento e trinta  
e Seis Reis\_\_\_\_\_118\$136

A qual contia partida pello  
 meyo cabe a parte da Viuva  
 Sincoenta e nove mil eSeçenta  
 e oito Reis\_\_\_\_\_59\$068

E de outra tanta Contia Se  
 tirou a terSsa que emporta  
 dezanove mil Seis Sentos e  
 oitenta e nove Reis\_\_\_\_\_ 19\$689

Folha=11=Original

Fica liquido pera se partir en-  
 tre Sinco erdeiros que tan-  
 tos Sam trinta e nove mil  
 quatro Sentos e Setenta e  
 nove Reis que partidos por  
 elles, cabe a cada hum Sete  
 mil oito Sentos eSetenta e  
 Sinco Reis\_\_\_\_\_ 7\$875

Abateçe da terSsa oito mil  
 Reis das MiSsas da Verba  
 do Testamento fica liquido  
 pera oCumprimento da Verba  
 do testamento onze mil  
 Seis Sentos e oitenta e nove Reis\_\_\_\_\_ 11\$689

Quinham das Dividas

em Missas

Lhe deram o tâcho de quarenta  
 Livras em Sua avaliaçam  
 de dezaceis mil Reis\_\_\_\_\_ 16\$000

Lhe deram a espingarda grande  
 em Seis mil Reis em que foi ava-  
 liada\_\_\_\_\_ 6\$000

Lhe dêram a Caixa grande em mil  
e duzentos e oitenta Reis em Sua  
avaliaçam\_\_\_\_\_ 1\$280

lhe deram a outra espingarda em  
trez mil Reis em que foy avaliada\_\_\_\_\_ 3\$000

Folha=11=Verso Original

Lhe deram hum Cavalo Sellado  
e infreâdo em Sinco mil Reis  
em Sua avaliaçam\_\_\_\_\_ 5\$000

Lhe deram Sinco Novilhos e no-  
vilhas de dous annos em que  
foram avaliados em quatro  
mil Reis\_\_\_\_\_ 4\$000

E por esta maneira ficou  
cheyo o quinhã das dividas  
e Missas do qual foy entre-  
que o testamenteiro o Cappitam  
Manoel Rodrigues de arzam  
e de como Se deo por entregue

Continuação da Folha=11=Verso Original

Se aSinou com o dito Juiz  
eu Mathias Machado esCrivão  
dos orfãos asobscrevi

Manoel Roiz de arzão

Quinhã da Viuva

Lhe deram no quinhã das divi-

das Sento e Sincoenta Reis\_\_\_\_\_ \$150

Lha deram em mão de Antonio Do-  
mingues dez mil Reis\_\_\_\_\_ 10\$000

lhe deram na mão Maria Gonsalves  
trez mil trezentos e quarenta Reis\_\_\_\_\_ 3\$340

Folha=12=Original

Lhe deram na mão de Manoel  
da Cunha mil Reis\_\_\_\_\_ 1\$000

Lhe deram no Sitio da RoSsa em qua-  
torze mil Reis\_\_\_\_\_ 14\$000

Lhe deram a Caixa pequena em dez  
tostois\_\_\_\_\_ 1\$000

Lhe deram o Cavallo RuSso em  
quatro mil Reis\_\_\_\_\_ 4\$000

lhe deram dous ôlhos de eixa-  
das em Sento e Seçenta Reis\_\_\_\_\_ \$160

lhe deram trez eixadas No-  
vas em Sete Sentos e vinte Reis\_\_\_\_\_ \$720

lhe deram duas foças em trezen-  
tos e vinte Reis\_\_\_\_\_ \$320

lhe deram duas Colheres de prata  
em Sua avaliçam de novecentos  
eSeçenta Reis\_\_\_\_\_ \$960

lhe deram quatorze vacas Sol-  
tas digo com Crias em vinte  
mil eSento e Seçenta Reis\_\_\_\_\_ 20\$160

Lhe deram o Boy deSe monte em  
mil eSeis Sentos Reis\_\_\_\_\_ 1\$600

lhe deram oito vacas Soltas  
em dez mil duzentos e quarenta Reis\_\_\_\_\_ 10\$240

lhe deram a arroba de ferro em  
mil e quinhentos Reis\_\_\_\_\_ 1\$500

Folha=12=Original Verso

E por esta maneira ficou  
Inteirado do Seu quinham

Continuação da folha=12=verso Original

do qual Se deo por Satisfeito  
Seu Inventario adlidem, e  
de como Se deo por entregue  
SeaSinou com odito Juiz  
eu Mathias Machado esCrivão  
dos Orfãos o Sobescrevi

Cornelio Roiz de Arzão

Quinham da terSsa

lhe deram os chãos da praSsa  
em oito mil Reis em que  
foram avaliados\_\_\_\_\_ 8\$000

lhe deram na mão de Antonio  
domingues dez tostois\_\_\_\_\_ 1\$000

lhe deram huma Vaca Solta  
em mil duzentos e oitenta Reis\_\_\_\_\_ 1\$280

lhe deram as trez Livras de  
âSso em duzentos e quarenta Reis\_\_\_\_\_ \$240

E por esta maneira ficou in-  
teirado o quinhã da ter-  
ça o qual foy logo entregue  
ao precurador da orfã Antonia  
Rodrigues Tenório, e de  
como se deo por entregue  
SeaSinou com o dito Juiz eu  
Mathias Machado esCrivão  
dos orfãos a Sobescrevi

Martim Rodrigues Tenorio

Folha=13=Original

Quinhã do erdeiro

Gaspâr Barreiros:

lhe deram os chãos iunto a Pedro do-  
mingues em Sua avaliaçam  
de trez mil e duzentos Reis\_\_\_\_\_ 3\$200

lhe deram namã de Antonio  
Domingues quatro Sentos Reis\_\_\_\_\_ \$400

lhe deram na mão de Maria gon-  
calves quatro Sentos e Seçenta Reis\_\_\_\_\_ \$460

lhe derão na mão de Manoel da Cunha duzentos Reis_____	\$200
lhe deram trez eixâdas novas em Sete Sentos e vinte Reis_____	\$720
lhe deram aeixô em Sua ava- liaçam de trezentos e vinte Reis_____	\$320

Continuação da folha=13=Original

lhe deram duas Vacas Soltas Com Sua avaliação de dous mil e quinhentos e Seçenta Reis_____	2\$560
--	--------

E por esta maneira ficou  
cheyo o quinhã do dito er-  
deiro do qual logo se deo por em-  
tregue e SeaSinou com o dito Juiz  
Eu Mathias Machado

escrivão dos orfãos asobescrevi

gaspar Barreiros  
Quinhão do Orfam  
do Primeiro matrimonio  
Pedro Domingues

lhe deram na mão de Antonio domingues quatro Sentos Reis_____	\$400
--	-------

lhe deram na mam de Maria gonçalves quatro Sentos e Seçenta Reis_____	\$460
---	-------

lhe deram na mam de diogo  
domingues mil e vinte eSe-  
te Reis\_\_\_\_\_ 1\$027

lhe deram quatro vacas em  
Sinco mil e duzentos Reis\_\_\_\_\_ 5\$200

E por esta maneira ficou em-  
teirado de Seu quinhão o dito  
orfam de que seu procurador  
se deo por Satisfeito eSe  
aSinou com o dito Juiz eu  
Mathias Machado esCrivão dos  
orfãos asobescrevi

Gaspar Barreiros

Folha=14=original

Quinham dos trez

orfãos

lhe deram dezaçeis Vacas Soltas  
em Sua avaliaçam de vinte  
mil quatro Sentos e oiteta Reis\_\_\_\_\_ 20\$480

deClarou que Sam Vinte mil eoitto  
Sentos e oitenta Reis\_\_\_\_\_ 20\$880

lhe deram na mão de Antonio  
domingos mil e duzentos Reis\_\_\_\_\_ 1\$200

lhe deram na mão de Maria gon-  
calves mil trezentos e oitenta  
Reis\_\_\_\_\_ 1\$380

Continuação da folha=14=Original

lhe deram na mão de Manoel  
da Cunha Seis Sentos Reis\_\_\_\_\_ \$600

E por esta maneira Seouve  
por cheyo este quinhã que foi  
entregue aSeu procurador  
Martim Rodrigues Tenorio  
e de Como seouve por entre-  
gue eSatisfeito fiz este termo  
em que aSinaram com o  
dito Juiz Eu Mathias Machado  
escrivão dos orfãos osobescrevi  
Almeida Martim Roiz Barreiros

Folha=14=Verso Original

Termo de ... que fi-  
zeram os precuradores e er-  
deiros deste Inventario\_\_\_\_\_

Aos sinco dias do mez de agosto de mil  
eSeis Sentos eSetenta equatro  
annos nesta Villa de Sam paulo  
em pouzadas de meu esCrivão aodian-  
te nomeado estando presente o  
Juiz dos Orfãos Salvador Cardozo de  
Almeyda pareSerão os precu-  
radores dos Herdeiros deste In-  
ventario os aqui asinados e por  
elles todos Juntos eCada hu de per-  
sy foy dito que no tocante as pes-  
sas da terra Lançadas neste Inventario  
querião Como puzerão que aparte

da Viuva ficaSe Antonia  
 E domingos=na parte da terSsa  
 Salvador=E na parte dos Sinco  
 Herdeiros Benta=E nesta pessa  
 se comporá o titor das tres orfas  
 com os dous Herdeiros do primeiro  
 digo do segundo matrimonio  
 E que o negro Antonio fique  
 ao quinhão de pedro domingos  
 e. esta fazenda lhe dever hua  
 peSsa da legitima da defunta  
 Sua May, E outro Sy Consertarão  
 E...Sendo o negro Ignacio

Folha=15=Original

PertenSente aos dous herdeiros  
 do Segundo matrimonio por Ser  
 da Erança da defunta Sua May pren...  
 com anegra Benta Leva-  
 ra odito InaSio por preso de  
 doze Mil reis aqual Contiasedará  
 aos ditos dous Herdeiros pello dito  
 negro ser cazado com a dita Benta  
 Ede Como aSim todos se Conformarão  
 mandarão eRequererão ao  
 dito Juiz se estendeSe este termo  
 para en tudo Constar Em que todos  
 Se ande aSinar Com o dito Juiz  
 Eu Mathias Machado esCrivão  
 dos orfos aescrevy

Salvador Cardozo de Almeida

+

Cornelio Roiz de Arzão  
 Gaspar Barreiros

Martim Roiz Tenorio

Termo de deClaraSam  
dos Partidores

E logo em dito dia mez e Anno atraz  
esCrito e deClarado foy dito pellos  
avaliadores e Repartidores que elles  
tinhão Satisfeito Com as partilhas  
deste Inventario Como deos lhes dece  
aEntender Eque...vendo nellas

Folha=15=Verso Original

algu Erro atudo otempo Sedesfarão  
de que tudo fiz este termo Em que  
aSinarãoEu Mathias Machado  
esCrivão dos orfãos que aescrevi

Mello Cubas

Termo de Concluzão

E sendo feita estas partilhas  
mais termos como por estes  
autos consta os fiz Concluzos  
ao Juiz dos Orfãos Salvador Cardozo  
de Almeyda para nellas prover  
oque lhe pareSer JustiSsa  
de que fiz este termo Eu Mathias  
Machado esCrivão dos orfãos  
que aescrevi

Continuação da folha=15=Verso Original

Vistos estes autos Partilha  
nelles feito com pozição dos

...tos na forma do estillo  
 os julgo por firmes evalio-  
 zos exeto adeclaração dos  
 partidores em prezença dos  
 ...tos o juiz...

S.P. 1 de agosto de 1674

Salvador Cardozo de Almeida

#### Termo de Publicaçam

Foy publicada a Sentença atraz  
 pello Juiz dos orfãos Salvador  
 Cardozo de Almeyda Em prezença  
 das partes E mandou Se ConpriSse  
 como nella Se Contem Em os Sinco  
 dias do mes de agosto de  
 Seis sentos esetenta equatro  
 annos de que fiz este termo  
 Eu Mathias Machado esCrivão  
 dos Orfãos oescrevi

Requerimento aprotesto  
 que fes o Herdeiros  
 Gaspar Baerreiros EmSeu.  
 Nome Como proCurador  
 de Seu Irmão pedro domin-  
 gues\_\_\_\_\_

E logo em dito dia mez E Anno  
 atraz esCrito edeÇlarado pe-  
 rante o dito Juiz pareSeu Gaspar  
 Barreiros epor elle foy dito que  
 Em Seu Nome ede Seu Irmão  
 menor protestar por Sonega-  
 dos aSim por morte da defunta  
 sua May Como desse epor Re-

Folha=16=Verso Original

Reclamação das Contas em suas partilhas e custa do testamento e Inventarios a todo tempo que lhes quizer por Sy e seus proCuradores e Requeria ao dito mandaSse estender Seu Requerimento e protesto para que a todo conste o que visto pello dito Juiz aSim o mandou E eu Escrivão dos orfãos em que ade asinar os ditos

Continuação da folha=16=Verso Original

Eu escrivão dos orfãos dos Autos Em que ade aSinar os ditos pertendentes Com dito Juiz Eu Mathias Machado esCrivão dos Orfãos oescrevi

Salvador Cardozo de Almeida  
gaspar Barreiros

Termo de Curadoria  
fieta a Gaspar Barreiros

E logo em dito dia mez E Anno atraz esCrito edeClarado pello dito Juiz foy dado Juramento dos Santos Evangelhos a Gaspar Barreiros sob Cargo do qual lhe enCarregou a Curadoria de Seu Irmão orfãos olhando precurando por elle E Seus

bens apartando do mal

Folha=17=Original

chegando pera o bem E a todos  
os Bens...Son pena que  
havendo por Sua culpa deminuição  
em os ditos bens de opagar de  
Sua fazenda oque elle prometeu  
fazer Como lhe era Em-  
carregado de que de tudo fiz es-  
te termo Em que ade asinar  
Com odito Juiz Eu Mathias Ma-  
chado esCrivão dos Orfãos oescrevi.

Gaspar Barreiros

Termo de Curadoria  
a Viuva Anna Tenoria

E logo pelo dito Juiz foy dado  
o mesmo Juramento a Viuva  
Anna Tenoria Sob Cargo do qual  
lhe enCarregou aboa administra-  
ção e Curadoria de Seus filhos  
orfãos olhando os eadministra-  
doos como may eprecurando Seus bens  
em modo que não são emRendimento mais  
antes não...aumento E que mandara  
aos machos aler e escre-  
ver E as femeas aCozer  
E alavrar Eatodos os benz Custu-  
mes apartando-os do mal

## Folha=17=Verso Original

Custumes apartando os do mal  
 echegando os pera o bem epella  
 dita Viuva foy prometido afa-  
 zar tudo como lhe he enCarregado  
 pera oque obrigou Sua  
 peSsoa e benz avidos e por aver  
 lhe deu por fiador a Seu Irmão  
 Matim Roiz Tenorio oqual  
 tambem fes o mesmo fianca  
 Em fee do que fiz este  
 termo Em que ade aSinar  
 por Sy epella dita fiada  
 Eu Mathias Machado esCri-  
 vão dos orfãos oescrevi  
 asino por mí E por minha...  
 Martins Roiz Tenorio

Confesou Gaspar Barreiros perante  
 mim esCrivão ter ReSebido  
 o Capitão Manoel Rodrigues  
 ...Contia de dez mil e seis

## Folha=18=Original

Sentos e noventa Reis que se de-  
 rão a seu Irmão emCerrado da  
 Ligitima da defunta Sua may  
 Maria Ribeira aqual Contia Re-  
 sebeo por autoridade do juiz  
 dos Orfãos de que pasou esta quita-  
 São feita por mim esCrivão  
 epor elle eSendo Em os cinco  
 dias do mes de agosto de seis

sentos e settenta equatro annos Eu Ma-  
thias Machado esCrivão dos Orfãos  
que oescrevi

gaspar barreiros

Protesto que fes o Procurador  
Martim Roiz Tenorio em nome de  
Sua Constituinte

Aos oito dias do mez de agosto de Seis  
Sentos eSententa equatro annos nes-  
ta villa de Sam paulo em pouzadas de my  
escrivão ao diante nomeado estando  
prezente o juiz dos Orfãos Salvador Cardozo  
de almeida pareSeo martim Rodrigues  
Tenorio procurador de Sua irmam  
a Viuva Anna Tenoria e por elle foy dito que  
dos beins que se inventariarão por morte de

Folha=18=Original

de seu Cunhado o defunto Belchior Barreiros facil-  
mente podia fiar algumas Couzas por lançar  
neste inventario por Sua Constetuinte  
ser mulher magoada edesmemoriada  
não lembraria pelo que protestava  
...NOME.....

Folha=18=Verso Original

da Ley nem ser em tempo algum Rem-  
...ada por Sonegados que Sua tençam  
hê dar apartilha tudo o que se achar per-  
tencer ao Casal, epor aSim protestava

de dar as vezes que achar elle  
 lembrar, mandar botar no dito In-  
 ventario alem de que os erdeiros  
 andaram no beneficio delle como  
 peSsoas de Caza manifestando tudo  
 e por aSim ser se fiou doze annos  
 adita sua Constetuinte nelles com  
 partes aquem lhes tocar E por que  
 de novo lhe lembrou Huma Caixa velha  
 que lhe Servia de despeios nesta  
 vila eaSim hirâ botando Se a cazo  
 alguma Couza ouver demais e Re-  
 queria ao dito juiz mandaçe con-  
 tinuar Seu protesto o que Visto  
 pello dito Juiz mandou amy escrivam  
 lho Continuaçe na forma declarada  
 em que ambos Seande a-  
 Sinar eu Mathias Machado  
 Escrivão dos orfãos que oescrevi  
 Salvador Cardozo de Almeyda

Martins Rodrigues Tenorio

#### Leilam

Aos Sinco dias do mez de Agosto  
 de mil eSeis Sentos eSetenta e  
 quatro annos nesta Villa de São  
 Paulo na prassa publica della donde  
 veio o Juiz dos Orfãos Salvador Cardozo  
 de Almeyda para fazer Ley-  
 lão dos bens que Sobrarão pera  
 pagar as dividas deste Inventario  
 de que fiz este termo em que  
 se ha de aSinar odito Juiz Eu Mathias  
 Machado esCrivão dos orfãos que  
 aescrevi

Salvador Cardozo de Almeyda

## Continuação da folha=19=Original

Foy Rematada a Espingarda  
de quatro palmos a Andre  
fernandes Em preSo de tres mil  
eSem Reis forros pera as di-  
vidas aqual se Rematou a  
consentimento do testamento  
da qual contia logo foy Em-  
tregue de que fiz este termo Em  
que todos aSinarão Eu mathias  
Machado esCrivão dos orfãos que  
o escrevi

Manoel Rodrigues de arção  
Andre Fernandes

## Termo de Leilam

Ao deRadeiro dia do mez de outubro  
de Mil e Seis Sentos eSetenta equatro  
annos nesta Villa de Sam paullo  
na prassa della donde veio o Juiz dos  
Orfãos Salvador Cardozo de Almeyda  
pera efeito de Rematar o tacho de  
Corenta Libras Conteudo neste in-  
ventario de que fiz este termo  
Eu Mathias Machado esCrivão dos  
orfãos que o escrevi

Foy Rematado o tacho de Corenta  
Livras a Manoel da Costa duarte  
Em preSso de dezaseis mil equatro  
sentos Reis e Cresceo da Valia Sam  
quatro tostões aqual Contia  
Logo Entregou hê o ReSebeo o Ca-

pitam Cornelio Roiz darzam  
 procurador do testamenteiro  
 Manoel Rodriguers darzam  
 de que fiz este Termo Em que  
 an de aSinar Com o dito Juiz Eu Mathias  
 Machado esCrivão dos Orfãos que aescrevi

Cornelio Rodrigues de Arzão

Manoel da Costa Duarte

Folha=20=Original

Termo de Curadoria  
 feito a Martin Rodrigues

Aos vinte e oito dias do mes de dezembro de mil  
 Eseis sentos esetenta Esete annos digo  
 desetenta Eoito annos por ser passado o dia

Continuação da folha=20=Original

o dia de Natal nesta Vila de Sam Paulo o Juiz  
 dos orfãos Salvador Cardozo de Almeyda deu  
 iuramento dos Santos Evangelhos a  
 Martim Rodrigues para que fose Curador  
 dos Orfãos que ficarão de Belchior Bar-  
 reiros Sob Cargo do qual lhe enCarregou  
 aboa administração dos ditos  
 orfãos he aumento de Seus Bens he a-  
 verão algua demenuisam nos Bens  
 dos ditos Orfãos por sua Culpa pagar  
 de Sua fazenda oque Elle prometeu  
 fazer aSim Como, lhe Era emCarregado  
 de que fiz este termo de Curadoria em que  
 sehã de aSinar Com odito Juiz Eu Diogo

Gonsalves escrivão dos orfãos  
que oescrevi

Salvador Cradozo de Almeida

Martim Rodrigues Tenorio

Fregão

Aos dezoito dias do mes de abril de mil eSete  
sentos Esetenta eoitenta nesta Villa de São  
Paulo ondeu o purteiro Gaspar glz marsal  
Em prasa pubiga Com...eseis, cabeças de  
gado asaber Coatro vagas Com Crias tres no-  
vilhas de tres annos dez vagas soltas...

.....

.....

Folha=20=Verso Original

Soma aContia de Mil eduzentso eoitenta  
de que fiz este termo asinado pello dito por-  
teiro eu Diogo Lopes Ribeiro esCrivão de  
Orfãos que oescrevi

+

Crus de gaspar Frz Marsal

Fregão

Aos dezenove dias do mez de abril de mil eSeis  
Sentos esetenta Eoitenta annos nesta Villa de São  
Paullo Andeu purteiro gaspar Fernandes marSal  
Em prassa publiga Com vinte eSeis Cabeças de  
gado aSaber Coatro vagas Com crias tres nu-  
vilhas de tres annos doze vagas Soltas tres nu-  
vilhas entre machos maxos E me deu fè odito  
purteiro que lhe davão pello dito gado  
trinta E Coatro mil Eduzentos Evinte de que  
fiz este termo aSinado pello purteiro Eu  
Jorge Lopes Ribeiro escrivão dos Orfãos que oescrevi

Continuação da folha=20=Original

Jorge Lopes Ribeiro escrivão dos Orfãos que oescrevi

+

Crus de Gaspar Frz MarSal

Fregão

Aos vinte dias do mes de abril de mil ESete  
Sentos E Setenta Eoito annos nesta Villa de São  
Paulo Andeu opurteiro gaspar glz MarSal  
Em prasa publicga Com vinte e seis Cabessas  
Degado asaber Coatro vagas Com Crias tres  
novilhas Emtre maxos efemeas Emedeu Fé  
odito purteiro que lhe davão pello dito gado  
trinta ECoatro mil Eduzentos Evinte de que  
fiz este termo aSinado pello dito purteiro  
Jorge Lopes Ribeiro Escrivão dos Orfãos que  
oescrevi

+

Cruz de Gaspar frz MarSal

Aos vinte e um dias do mes de Abril de mil ESete  
Sentos Esetenta Eoito annos nesta Vila de São  
Paullo Andeu gaspar Frz MarSal Em prassa publicga  
Com vinte e Seis Cabeças de gado asaber Coatro vagas  
Com Cria tres nuvilhas detres annos doze vagas Soltas  
tres nuvilhos entre maxos efemeas Eme deu fé opurteiro  
que lhe davão pello dito gado trinta eCoatro mil edu  
zentos Evinte de que fiz este termo asinarão pello  
purteiro Eu Jorge Lopes Ribeiro escrivão dos orfãos  
que oescrevi

+

Cruz de Gaspar frz Marsal

Pregão

Aos vinte Edois dias do mez de aBril de mil E  
 Seis Sentos eSetenta eoitto annos nesta Villa de São  
 Paulo Andeu opurteiro gaspar Frz marSal Em prassa  
 pubilga Com vinte Eseis Cabezas de gado asaber Coatro  
 vagas Com Cria tres novilhas de tres novilhos de tres  
 annos doze vagas Soltas tres novilhos entre maxos e femeas  
 E me deu por fé opurteiro que lhe davão pelo dito gado  
 trinta E coatro mil Eduzentos E vinte reis de que  
 fiz este termo aSinado pello dito purteiro Eu Jorge  
 Lopes Ribeiro escrivão dos orfãos oescrevi

+

Crus de gaspar frz marSal

Pregão

Continuação da folha=21=Original

Pregão

Aos vinte Ecoatro dias do mez de aBril  
 de mil Eseis Sentos Esetenta Eoitto annos nesta  
 Villa de São Paulo Andeu opurteiro gaspar  
 frz marSal Em prasa pubilga Com vinte Eseis Cabezas  
 de gado asaber Coatro vagas Com Crias tres novilhas  
 de tres annos doze vagas Soltas tres novilhos entre  
 maxos e femeas Eme deu fé opurteiro que lhe davão  
 pello dito gado trinta eCoatro mil Reis digo eduzentos  
 Evinte reis de que fiz este termo asinado elle dito  
 purteiro Eu Jorge Lopes Ribeiro EsCrivão  
 dos Orfãos que oescrevi

+

Cruz de gaspar Frz marSal

Pregão

Aos vinte e cinco dias do mes de aBril de  
 Mil Eseis centos eSetenta Eoitto annos nesta Villa

de São Paulo Andeu opurteiro gaspar frz marSal  
 Em prasa pubilga com vinte Eseis Cabessas de gado  
 aSSaber Catro vagas Com Crias tres novilhos de  
 trez annos doze vagas Soltas tres novilhos en-  
 tre maxos efemeas E medeu por fé opurteiro que lhe  
 davão pello dito gado trinta E Coatro mil Eduzentos  
 E vinte reis de que fiz este termo asinado pello  
 dito purteiro Eu Jorge Lopes Ribeiro escrivão dos  
 orfãos que oescrevi

+

Cruz de gaspar frz mMarSal

Pregão

Aos vinte e seis dias do mes de abril de mil  
 Eseis Sentos Esetenta Eoito annos nesta Villa de  
 São Paulo Andeu opurteiro gaspar frz marSal Em prassa  
 pubilga Com vinte Eseis Cabesas de gado asaber  
 Coatro vagas Com Crias tres novilhos de tres annos  
 doze vagas Soltas tres novilhos Entre maxos efemeas  
 E medeu por fé opurteiro que lhe davão pello dito  
 gado trinta Ecoatro mil Eduzentos Evinte reis de  
 que fiz este termo asinado pello dito purteiro Eu  
 Jorge Lopes Ribeiro escrivão de orfãos que oescrevi

+

Crus de gaspar frs marSal

Folha=22=Original

Pregão

Aos vinte e sete dias do mes de abril de mil  
 Eseis Sentos Esetenta eoitto annos nesta Villa de  
 São Paulo Andeu opurteiro gaspar frz marSal Em  
 prassa pubilga Com vinte Eseis cabessas de gado

asaber Coatro vagas Com Crias tres novilhos de tres  
 annos doze vagas Soltas tres nuvilhos entre maxos e-  
 femeas Eme deu por fé opurteiro que lhe davão pello  
 dito gado trinta ECoatro mil eduzentos Evinte reis  
 de que fiz este termo asinado pello dito  
 purteiro Eu Jorge Lopes Ribeiro escrivão de  
 orfãos que oescrevi

+

Crus de gaspar frz marSal

Folha=22=Verso original

5 de abril de 1687 annos

O que severá o que deve Fernam  
 Alvares=Oie 5 de abril de mil eseis centos  
 eoitenta e Sinco Digo eoitenta eSete annos ti-  
 rei a folha de partilha da orfã deste inventario  
 ajustada a conta achei a dever o defunto Martim  
 Roiz Tenorio=12100 Resto de moveis Contem=  
 achei dever fernam alvres 23720 tudo junto  
 Soma. 35820 tirei para aorfã 19470 rs  
 ter de mais 2000 de força que aSim consta  
 no termo em parte= deva a orfãos 12100  
 na mão de Francisco Roiz machado por seobrigar adivida  
 do padrasto=Leva em mam de fernam al-  
 vares aconta de que deve=3330= e fica  
 de resto em mam de fernam alvares por  
 o orfo pequeno=16350 =correndo....  
 na conformidade do termo em...  
 e por verdade ajustei e fiz as contas para  
 clareza oie 5 de abril 1687 annos  
 por estar o termo em frente embaraSado  
 Eu Diogo glz mor<sup>m</sup> escrivão dos orfãos  
 que oescrevi

Folha=23=Original

Aos tres dias do mez de marso de mil seis sentos eSetenta enove annos nesta Villa de São paullo em prassa publicga onde veo o juiz de orfãos pera Efeito de Se contar o gado que compete aos tres orfãos do Segundo matrimonio deste inventario o requerimento do Curador de Martim Roiz tenorio de que fiz este termo pello dito Curador asinado Com o dito Juiz Eu Jorge

Continuação da folha=23=Original

Eu Jorge Ribeiro escrivão dos Orfãos  
que oescrevi

Almeida

Martim Roiz Tenorio

Forão Rematados vinte e seis Cabeças de gado por não aver mais Lansador afernão alveres por preso E Contia de trinta E Coatro mil Equinhentos eCorenta reis da Coal Contia Compete ao quinhão dos tres orfãos E o dito rematador Ezive em Juizo quinze mil reis que se entrega ao Curador os Coais figa em seo poder Corendo a juro E figa em poder do rematador dezanove mil E quinhentos E Corenta os Coaes lhe Corre aganhos athe entregar EoCurador... Soma na dita Contia E nas ganasias que vender athé o tempo da entrega he dos ditos quinze mil reis figa pera o Curador odito Frz alveres de que fiz este termo SeaSinara com o dito Juiz Jorge Lopes Ribeiro escrivão dos Orfãos que o escrevi

Salvador Cardozo de Almeyda

Martim Rodrigues Tenorio

## Fernandes alveres

oie 2 de maio  
 de 167. anos  
 .....Pedrozo  
 em Sua folha  
 de digo 2 de  
 maio de 1685  
 annos Levou  
 do orfão Pedro  
 Nunes esta fo-  
 lha de Parti-  
 lha 1622 rs  
 9920 Reis Pa-  
 gou Francisco  
 .....  
 -----  
 .....  
 Pagou.....

## Folha =23=Verso

E sendo em os dezenove dias do  
 mez de Fevereiro de Seis Sentos e setenta  
 e nove annos eu esCrivam dei Vista  
 destes autos a Jozeph de Souza  
 Promotor deste Reziduo para a-  
 pontar sobre o testamento Juntode  
 que fiz este termo Pedro  
 Marques Rebello oescrevi

## Vista ao Promotor

Falta mostrar este Testamento quiração da  
 Santa Caza de Mizericordia da .....  
 da Tumba; E se esta satisfeita a 3º..

Maria do Testador; E se pagou ao her-  
 dero de p<sup>o</sup> Domingues 10690 rs E huã  
 peSsa Tambem disse mostrar Clareza  
 de que estara pago Francisco lopes de 2  
 patacas E a sim mais deClara odifunto Se  
 pague aseus dous filhos Gaspar E pedro das  
 legitimas de Sua May o que constar da Ava-  
 liação do Gado que tomou Fay do Monte  
 dos ditos orfãos Deve V.M. mandar que  
 atudo de Comprimento Com penna...  
 depRoceder ao sequestro falta...  
 de more... lito....expoe

Folha=24=Original

de more...lito...expoem

George Pinto de Barredo

Aos sete dias do mez de Abril  
 de Seis Sentos eSetenta enove  
 annos desta Villa de Sam  
 Paullo pello promotor me foi  
 mandado estes autos Com  
 aSua Cota atraz de que  
 fiz este termo Pedro Marques  
 Rebello oescrevi

Folha=24=Verso

E sendo nestes noves dias  
 do dito meZ e anno por Es-  
 te testamenteiro me foi  
 apresentado aSua petição  
 aodiante junta que to-  
 mey eaSsentei aeste...

E hé o que ao diante se segue  
Pedro Marques Rebello oescrevi

Folha=25=Original

Senhor dezembargador  
Diz o Cappitão Manoel Rodrigues de Arzão que para  
bem se Sua iustisa como testamenteiro do defunto  
Melchior Barreros lhe he neSeSario vista  
do Enventario do dito defunto

Pello que pede a VM. lhe faça  
Merce, mandar dar vista do dito  
Enventario no que R.M.

.....

Aos nove dias do mez de abril  
de mil e seis sentos e Senta e nove  
annos en esta Villa de Sam paullo  
em pouzadas de mim escrivam  
pareSeo presente Manoel Roiz de  
Arzão e por elle me foi dito que...  
esta vista que pede aSuas dependen-  
Sias fazia seo procurador a Diogo  
de Cubas ao qual disse que dava  
todos os pe...em direito Conce-  
didos para por elle alegar Requerer aSinar  
o seu direito e JustiSsa e pedir...

.....

Folha=26=Original

Continuação da folha=26=Verso Original

testamento.....

.....

aSima disse eaSinou eu Pedro  
Marques Rebello oescrevi

Manoel Roiz de Arzão

E feito e Asinado a proCuraSam  
eu escrevam dei  
vista destes autos a Diogo  
de Cubas preCurador do Su-plicante  
de que fiz este termo  
Pedro Marques Rebello  
oescrevi

V.. Cubas

Tem satisfeito o testamenteiro com as obri-  
gaSoins do testamento por que aquitaSam que diz o  
promotor da justissa da esmolla da tumba da  
Santa Caza não seacostou porque este defunto  
hera irmão eagora Seacosto esta quitaSam Como Consta  
a folhas doze volta que oRemanescente da terSsa seobrigou  
a Martim Roiz Como Curador da Orfam Maria MostraSse  
tambem a quitaSam de francisco Lopes de Como esta pago  
consta a folhas dezoito estar pago dospham Pedro da Le-  
gitima de dez mil Seis Sentos enoventa que lhe coube de Sua  
May ea folhas catorze consta estar odito erdero Pedro de  
hua pesa que lhe coube por morte de Sua May Maria Ribeira E  
otrosim consta no inventario de Maria Ribeira a folhas des-  
oito estar pago o orpham gaspar Barreiros da Legitima  
Sua May com que epor tudo estam aso....

Folha=26=Original

De testamento em .....  
Compridas pello que deve.....legados.....  
testamentera por dezobrigada Mandado lhe passe  
Sua quitaSsam geral na forma do estillo....

.....  
Cubas

Aos doze dia do mez de Abril  
de Mil eSeis Sentos eSetenta e nove

annos em esta dita Villa por Dio-  
go de Cubas me foram dados estes  
autos Com as Suas Rezoens  
atrax e aSima escrito e as duas  
quitaSoens aodiante juntas  
e os autos apenSo de que fiz  
este termo Pedro Marques  
Rebello oescrevi

Vista ao promotor

Folha =26=Verso Original

ComfeSou João Dias Cazado com  
aorfã deste enventario ReSeber  
dezasseis mil equinhentos Reis  
Resto da maior Contia que ficou  
neste Juizo ajuros e de Como  
os Recebeu SeaSinou oie 2. de maio  
de 1687 annos eu Diogo glz escrivão  
dos orfãos oescrevi.....16\$500  
este dinheiro ReSebeu seu pai Pascoal  
Dias frz erdou de seu filho João dias  
e por verdade asina oie 4 de agosto  
de 1677 anos pagou 74 rs Leva  
para o filho Libres en drº 49 patacas  
e quatro vinteins

Pascoal  
Dias Roiz

Folha=27=Original

Digo eu Francisco Lopes morador .....  
e satisfeito.....da a Contia de .....  
herdeiros que...ia de tudo o que constar no envantario

que ....fes e por assim passar na verdade pedia quitação  
 .... esta fizese por mim eme asinace oie 4 de abril de 167.  
 annos

Francisco Lopes de Crasto

Ambrozio da penna..... Tabalião do Publico Judicial Enotas  
 ..... en como ReconheSso oSinal da quitação aSima Ser de  
 Francisco Lopes de Crasto pello ter visto escrever muitas  
 vezes de que passo aprezenste Sertidão e Reconhecimento em  
 Publico E Razo em onze dias do mez de Abril de mil E seis  
 sentos E setenta E nove annos

Ambrozio da penna Gago Frz

Folha=28=Original

Recebi do Cappitam Manoel de arzão como testamenteiro.....  
 dous mil Reis do aCompanhamento da tumba e Bandeira da Santa  
 Mizericordia.....da Santa mizericordia lhe  
 dei Esta quitaSão por mim asinada oie 10 dias do mez de ....

Estevão Frz Porto

Ambrozio da penna.....frz tabalião do publico Judicial  
 Enottas nesta Villa de Sam Paulo sertifico em Como  
 ReconheSo oSinal da quitação aSima ser de Estevão Frz Porto  
 pello ter visto escrever muitas vezes de que paSsei  
 aprezenste Sertidão de Reconhesimento Em Publico E Razo em os  
 onze dias do mez de Abril de mil E seis sentos e Setenta e  
 nove annos

Ambrozio da penna.....

Folha=29=Original

E junta as quitaSãoes.....  
 apenSsos o escrivam fes estes autos ConCluzos

ao Dezebargador Sindicante e ouvidor  
 geral o Doutor Joam da Rocha.....  
 de que fiz este termo eu Pedro  
 Marques Rebello oescrevi

E logo em dito dia mez e anno  
 atraz escrito pello dezebargador  
 Sindicante e ouvidor geral o Doutor  
 Joam da Rocha foram tornados  
 estes autos com o despacho  
 folhas trinta e seis de que  
 fiz este termo Pedro Marques  
 Rebello oescrevi

E logo eu escrivam dei vista  
 ao Promotor de que fiz este  
 termo pedro Marques Rebello  
 oescrevi

Tem satisfeito este Testamento

Folha=29=Original

Com o que lhe faltava para  
 aCabar....Comprimento deste  
 testamento peias quitações  
 que de novo ajuntou Em-  
 ventario Junto que esta  
 apenso Deve VM procurar  
 nelle na JustiSsa

Aos .... dias do mez dito mez  
 e anno nesta dita villa pello  
 promotor me foram torna-  
 dos estes autos Com Sua  
 letra aSima de que fiz este

termo pedro Marques Rebello oescrevi

E dados como dito he eu escri-  
vam fiz estes autos concluzos  
ao desembargador Sin-  
dicante e ouvidor geral de  
que fiz este termo Pedro Marques  
Rebello oescrevi

Julgo o testamento por cumprido, E mando  
Se paSse ao testamenteiro Sua quitaSão e paguem  
as Custas Sem Reziduo.S.Paulo 17 de abril de 679 a

Joam da Rocha Senattos